



FORA DA CRIMINALIDADE

Reincidência entre jovens cai na PB

Projetos do Governo do Estado oferecem capacitação aos internos e estimulam a ressocialização. **Página 7**

Prefeituras do Sertão abrem vagas

Patos e Veirópolis somam mais de 550 oportunidades de emprego para níveis médio, técnico e superior.

Página 16

Paraíba Contra o Câncer realiza mais de 3,3 mil atendimentos

Há pouco mais de um ano, programa vem presutando assistência a pacientes oncológicos no estado.

Página 3

■ “E voltei a me ver no que sempre fui sem forçar a natureza: justamente aquilo que, na cultura do meu interior brejeiro, chamam de ‘uma pessoa dada’”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Produzir jornalismo de qualidade exige investimentos. Implica compromisso com a coletividade, com a história e com os pilares da democracia”.

Angélica Lúcio

Página 26

Coleta de recicláveis é fonte de sustento em JP



Foto: Carlos Rodrigo

Invisibilizados pela sociedade, catadores que atuam na capital paraibana exercem um papel fundamental no controle de resíduos sólidos e na manutenção da limpeza urbana. Com apoio do Poder Público, a atividade recebe mais estrutura e pode ser exercida em melhores condições.

Página 5



Foto: Divulgação/Sudema

Costa paraibana ganhará recifes artificiais

Blocos de concreto serão colocados em uma área de, aproximadamente, 840 m², nos municípios de Cadebelo, João Pessoa, Conde e Lucena, em profundidades que vão de 10 m a 50 m da superfície do mar.

Página 20

JUNHO VERMELHO

MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE

O bem corre em suas veias



Correio das Artes



Ilustração: Tonio

Mulherio das Letras amplia escritas femininas

Atuação do coletivo é um dos destaques desta edição do suplemento, que também apresenta um artigo sobre a poeta paraibana Anayde Beiriz e uma resenha sobre a nova obra da contista carioca Kátia Bandeira de Mello.



Sob pressão, Sousa busca a vitória hoje

Time sertanejo recebe o Horizonte, do Ceará, às 19h, no Marizão, em jogo válido pela 10ª rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D.

Página 21

Editorial

Uma cidade em mutação

É possível afirmar que a cidade de João Pessoa está em obras. A construção civil caminha a passos largos e o setor de serviços, em áreas como fabricação, reforma e montagem de móveis, instalações hidráulicas e elétricas, pintura e restauração de casas e apartamentos, também anda acelerado. O movimento de veículos equipados com todo tipo de ferramentas e o descarte de portas, janelas e armários, nas calçadas, são outros indicativos.

O Governo do Estado e a Prefeitura emprestam um impulso adicional a essa fase de transformação radical da fisionomia urbana da capital, empreendendo obras como o Polo Turístico Cabo Branco, o Viaduto de Água Fria, o Viaduto do Bairro das Indústrias, o Parque das Três Ruas e o Parque da Cidade. A pavimentação de ruas e avenidas e a instalação de equipamentos nas praças ajudam a embalar a estação de mudanças.

A economia agradece, tenha-se em vista que o mercado de trabalho não para de receber trabalhadoras e trabalhadores, de diferentes idades e formações profissionais, que compõem juntos a verdadeira força motriz de quaisquer empreendimentos, seja de grande, médio ou pequeno porte. Cidade que exonera o desemprego é cidade comprometida com a qualidade de vida, no sentido mais democrático da expressão.

O tráfego de veículos é outro forte indicativo do estágio de mutação vivenciado hoje pela capital paraibana. Veículos de quase todas as marcas e modelos à venda no Brasil — carros, caminhões, motos, bicicletas etc. — circulam pelas vias de acesso, inaugurando, paradoxalmente, um ciclo de sérios congestionamentos e graves acidentes que não se sabe bem quando e como vai terminar. São eles que ditam agora o ritmo da metrópole.

A cidade de João Pessoa é uma estrela ascendente no céu do turismo nacional e internacional. Em resumo, a capital paraibana é apresentada como um lugar paradisíaco, bom para visitar e melhor ainda para morar. Nos calçadões, bares e restaurantes da orla marítima, já se percebe essa espécie de Torre de Babel de paredes espelhadas que está sendo velozmente erguida dentro dos limites da antiga e conservadora Parahyba do Norte.

Que o progresso se faça sempre acompanhar da justiça social, e os dividendos dessa temporada desenvolvimentista sejam repartidos da maneira mais igualitária possível, para que João Pessoa acrescente, às credenciais positivas que já tem, em áreas como o meio ambiente e patrimônio histórico e artístico, o estatuto do bem-estar coletivo. O que não pode é repetir os erros que infernizam a vida de grandes cidades do país.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O clero politizado

Num primeiro momento após o golpe de 1964, a cúpula da Igreja Católica parecia marchar ao lado dos militares. Mas o tempo revelou outra face do clero brasileiro. À medida que o regime endurecia, setores significativos da Igreja passaram a confrontar a ditadura, assumindo papel ativo na defesa da justiça social e dos direitos humanos, especialmente entre os mais pobres. Esse engajamento, contudo, passou a ser visto como subversivo por um governo que equiparava qualquer discurso em favor dos excluídos a uma ameaça comunista.

Do outro lado, havia também religiosos que defendiam o regime, ecoando o discurso da luta contra o “perigo vermelho”. A Igreja se via dividida entre a tradição conservadora que se postava em posição contrária a mudanças e reformas propostas, e uma ala progressista que se aproximava das lutas populares. Figuras como dom Hélder Câmara, dom José Maria Pires e dom Frágoso tornaram-se símbolos dessa resistência. Eram rotulados, pejorativamente, como “bispos vermelhos” pela imprensa alinhada ao regime, simplesmente por defenderem uma Igreja voltada para a promoção humana. O sociólogo Gilberto Freyre chegou a criticar dom Hélder, acusando-o de fazer “política, não apostolado”. Para boa parte da elite conservadora, o envolvimento de padres e bispos com movimentos sociais era visto como uma afronta à ordem imposta pelo regime.

Em 1966, o “Manifesto dos Bispos”, também conhecido como “Documento de Itaici”, divulgado durante o Encontro Regional da CNBB em Pernambuco, reforçava essa postura engajada. O documento convocava trabalhadores rurais e urbanos a se organizarem em defesa da justiça social. Nele, lia-se: “Não pode haver desenvolvimento onde não se coloca o homem em primeiro lugar”. Denunciava a repressão, a censura, a tortura e a falta de liberdade de expressão, defendendo a democracia, a justiça social e o respeito aos direitos humanos. A reação dos militares foi imediata: proibiram sua circulação e ameaçaram prender dom Hélder.

A partir daí, a Igreja progressista tornou-se um dos raros espaços de re-

sistência à repressão, oferecendo um refúgio para aqueles considerados “inimigos” pela Ditadura Militar. Realizou debates públicos, manifestações e campanhas, defendendo projetos de lei e políticas públicas que promovessem a justiça social. Padres, bispos, freiras e leigos foram perseguidos, presos, torturados e até assassinados por sua atuação junto aos pobres e oprimidos. Esse novo espírito encontrou inspiração nas diretrizes do Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII, que propunha uma Igreja mais próxima do povo. A Ação Católica e a Juventude Católica ganharam destaque, fortalecendo essa visão social do clero.

No entanto, o clero politizado não passou incólume por essas mudanças. Gerou tensões internas dentro da própria Igreja, evidenciando o conflito entre o conservadorismo e a nova atuação pastoral voltada à transformação social.

O envolvimento político da Igreja Católica durante a ditadura não apenas marcou um capítulo relevante da história eclesial no Brasil, mas também deixou um legado que ecoa até hoje. A politização do clero é, ainda hoje, um tema sensível e atual. Pode representar um instrumento de transformação social — mas também levanta desafios e dilemas que continuam a provocar debates dentro e fora dos altares.

“

A Igreja se via dividida entre a tradição conservadora e a ala progressista que se aproximava das lutas populares

Rui Leitão

Foto Legenda



Carinho primata

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Grato, amigos

Fui reencontrar a cidade das minhas relações, amizades, camaradagens ou dos meus respeitos, a cidade por dentro, na releitura de um livro da minha estante paraibana, memórias de Haroldo Escorel Borges. E voltei a me ver no que sempre fui sem forçar a natureza: justamente aquilo que, na cultura do meu interior brejeiro, as comadres e compadres chamam de “uma pessoa dada”, que se dá com todos. Suponho-me entre elas até porque comecei dado a uma família que me acolheu de corpo inteiro.

Nas páginas em que Haroldo consegue enumerar, nome por nome, os moradores do seu tempo no Miramar de Dorgival, de Wilson Cardoso, Genival Pereira, de Benedito Belo, numa lista sem fim de saudosos, vejo-me dando um banho. Se chamassem todos à janela na hora da minha caminhada, eu só perderia para Damásio Franca, que, no âmbito de sua classe, entrava sem pedir licença em todas as casas. Mesmo nas dos adversários da política, iguais entre si no antigo Clube Cabo Branco.

Num livro de 350 páginas (Ideia editora), há leitura para os remanescentes do seu e do meu tempo e fonte de pesquisa sobre a educação em todos os níveis, da escola primária à universidade, onde o autor teve papel destacado como professor e diretor do Instituto Central de Ciências Biológicas. Vultos de todos os círculos vêm se juntar ao perfil biográfico de um pessoense que assistiu, participou e viveu o crescimento da cidade dilatada em espigões a partir dos anos 1970, em demanda do mar.

Conheci Haroldo no Cabo Branco, no hall da sede central, porta a porta com a Igreja da Misericórdia. Era ali um canteiro de quase todas as boas mudas que pegaram no meu terceiro de húmus brejeiro. Ali conheci e conquistei amizades abonadoras, como a de Celso Mariz, um velhinho lindo, que tratava as pessoas por “tu”, mesmo a Ernani Sátyro no governo.

Haroldo, um troncão de homem, trigueiro de sol e sal das nossas praias, das quadras esportivas, das pescarias, das urtigas e cajuais da restinga, e que chegava todo dia no mes-

“

Voltei a me ver no que sempre fui: ‘uma pessoa dada’, que se dá com todos

Gonzaga Rodrigues

mo horário de minha descida do jornal, quase em frente, para me sentir gente no café representativo de todas as nossas elites. Mesmo que esse portal do clube simbolizasse o espírito pouco eufórico do pessoense. Na primeira oportunidade, quando me foi dado colaborar na belíssima edição do álbum “Paraíba, a cidade, o rio e o mar”, levei o japonês da Manchete a gravar esse hall do clube e fazer dele uma página duradoura. Um dia... esse álbum será reeditado. O portal ainda resiste, fechado, sujeito a incêndio, mas as gravuras, se bem fixadas, sempre renascem.

Em boa parte do livro, doutor Haroldo sai de si, da memória pessoal e familiar, para registrar o contemporâneo, esse contemporâneo que, na nossa idade, torna-se bem mais longínquo que o remoto passado da nossa infância. Salvo quando intervém a força da amizade, como ainda acontece comigo como aniversariante no 21 de junho, arredado do clube, do Ponto de Cem Réis, das redações, do alício das ruas, mas redivivo na lembrança de amigos como Hildeberto Barbosa, Abelardo Filho, Sérgio Botelho, Tião Lucena, Ana Adelaide, Germano Romero, José Leite Guerra, dedicando o ouro do seu tempo e de sua escrita a uma criatura que não conseguiu sair das brenhas de pouco sol ou de pouca luz do seu nascimento. Luz que chega por reflexo das boas amizades como tudo que pode alcançar.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

PARAÍBA CONTRA O CÂNCER

Programa realiza mais de 3,3 mil atendimentos

Com uma rede integrada, Estado garante tratamento especializado a pacientes

Lilian Viana
 lilian.vianacanaan@gmail.com

Em meio às incertezas que acompanham o diagnóstico de um tumor, o Programa Paraíba Contra o Câncer (PBCC) tem sido luz para milhares de paraibanos que, até pouco tempo atrás, viam o tempo escorrer entre filas e o medo de um tratamento que talvez nunca chegasse. Criado há pouco mais de um ano pela Secretaria de Estado da Saúde (SES), o programa trouxe não só um novo modelo de atenção oncológica, mas também uma nova chance de vida para quem luta diariamente contra o câncer.

O PBCC atua de forma proativa e conectada, garantindo que pacientes com suspeita de câncer sejam avaliados com rapidez, tenham acesso aos exames e iniciem o tratamento nos prazos legais estabelecidos pelas leis de 30 e 60 dias.

Que o diga Joanna Vieira, filha de João Bosco Vieira, de 71 anos, morador de Olho D'Água

e um dos primeiros pacientes beneficiados pelo programa. “Quando descobrimos o câncer de pâncreas, todos os filhos buscaram soluções. Um momento muito delicado e doloroso, mas Jesus nos guiou para inscrevê-lo no programa”, relembra Joanna. “Passamos pela teleconsulta, por exames e logo estávamos iniciando o tratamento. Ele finalizou o tratamento em abril e desde então nunca ficamos sem apoio. Graças a Deus e ao projeto, com profissionais excelentes, ele está se recuperando bem e logo, logo ficará 100% bom”, completa emocionada.

A experiência de João Bosco é apenas uma entre as 3.390 vidas já assistidas pelo PBCC. Atualmente, 882 pacientes estão em tratamento na Macro 1; 496, na Macro 2; e 1.119, na Macro 3, número que inclui também os casos em cuidados paliativos. Essa abrangência é sustentada por quatro pilares de inovação: a navegação do paciente, com enfermeiros que

acompanham cada caso do início ao fim; a teleoncologia, que permite consultas com especialistas por meio da plataforma SaúdeMeet; o fluxo único e simplificado, que liga diretamente a suspeita na Unidade Básica de Saúde ao tratamento especializado; e o investimento em educação permanente na Atenção Primária, fortalecendo a porta de entrada do SUS.

Essas medidas já produzem resultados concretos: 84% dos pacientes foram diagnosticados e estadiados em até 30 dias, e 88% iniciaram o tratamento em até 60 dias. A atuação da equipe multiprofissional, aliada à resolutividade e à organização dos fluxos, garante que o acesso à oncologia seja mais qualificado.

Outro diferencial é o uso estratégico de dados e indicadores, que permite o monitoramento constante de fluxos e resultados, favorecendo ajustes em tempo real e garantindo maior transparência e eficiência na gestão pública da oncologia.

Parcerias

O fortalecimento da rede contou com parcerias importantes. O Governo da Paraíba articulou ações com os hospitais Napoleão Laureano e São Vicente de Paulo, organizando o acesso à quimioterapia. A radioterapia também foi reforçada com a atuação do serviço Oncovida e a aquisição do primeiro acelerador linear 100% SUS do estado, com investimento de mais de R\$ 11 milhões.

No Sertão, o Hospital Regional de Patos ganhou um PET-CT de última geração, com investimento de R\$ 9,6 milhões. Ao todo, foram injetados mais de R\$ 30 milhões na estruturação da rede oncológica estadual, com recursos do Projeto Amar e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Outro exemplo da capilaridade do programa é a Caravana Paraíba Contra o Câncer, que tem levado atendimento especializado a regiões mais distantes do estado.

UN Informe

DA REDAÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE CG FESTEJA PRODUÇÃO DE 2.301 MATÉRIAS APROVADAS

A Câmara Municipal de Campina Grande apresentou, na última sessão antes do recesso, o balanço das atividades parlamentares. O vereador Luciano Breno, que presidiu a sessão, ressaltou a aprovação de 2.301 matérias legislativas no primeiro semestre, o que ele considerou uma boa produção. Alguns parlamentares fizeram questão de apresentar, individualmente, as principais realizações de seus mandatos. O vereador Rafafá destacou o projeto de lei que proíbe apologia sexual e uso de drogas em todas as escolas do município — texto já aprovado e que deve ser sancionado em breve pelo Executivo. Já Dinho Papaléguas aproveitou a ocasião para chamar a atenção para um projeto de sua autoria ainda não apreciado em plenário: a criação do Grupamento Tático de Apoio com Motos (GTAM) da Guarda Municipal, justificando a necessidade da medida como estratégia de reforço à segurança pública, diante da agilidade operacional que esse tipo de patrulhamento pode proporcionar. O vereador Olimpio fez referência especial ao seu projeto “de um IPTU mais justo”, com descontos proporcionais à ausência de serviços públicos nas ruas dos contribuintes, além da criação de um QR Code para motoristas de aplicativo, visando evitar multas indevidas no momento de embarque e desembarque de passageiros. E Wellington Cobra reafirmou seu posicionamento de apoio à convocação da empresa Energisa para prestar esclarecimentos na Câmara Municipal, diante das denúncias e reclamações que vêm sendo feitas pela população.



Tecnologia e acolhimento são diferenciais

Com o fortalecimento do Programa Paraíba Contra o Câncer, o Estado implantou um modelo que une inovação tecnológica, acolhimento e acesso justo ao tratamento, criando uma jornada mais ágil e humanizada para o paciente.

Um dos principais diferenciais do programa é a teleoncologia, que, desde junho, do ano passado, está ativa em todas as Macrorregiões de Saúde do estado. A ferramenta permite que oncologistas avaliem remotamente os casos, encurtando distâncias e acelerando encaminhamentos.

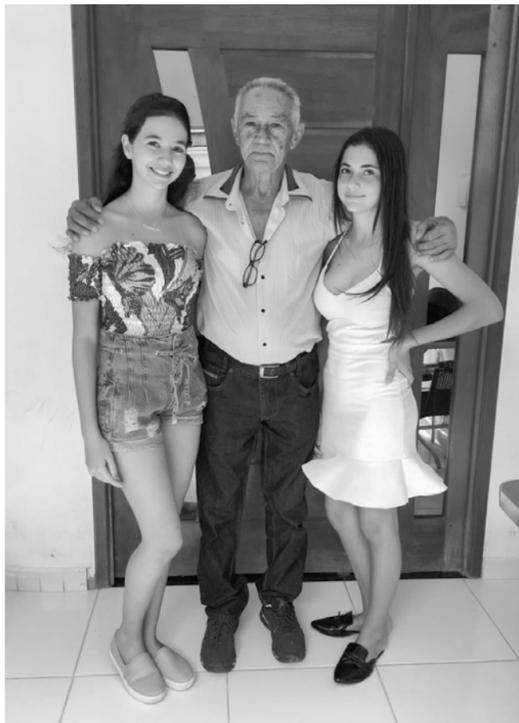
“Com o suporte da tecnologia, conseguimos reduzir o tempo de espera e garantir que o paciente inicie o tratamento com maior rapidez, mesmo que ele esteja em uma cidade distante dos grandes centros”, explica Marthynna Lacerda, médica reguladora do programa.

Outro pilar do programa é a regulação do tratamento para os hospitais Napoleão Laureano e São Vicente de Paulo, em João Pessoa. Esse modelo rom-

pe com a lógica antiga, em que o paciente precisava se deslocar a diferentes unidades para realizar consultas, exames e só então conseguir o encaminhamento ao tratamento. Agora, com a fila única estadual regulada pelo Complexo Regulador, o acesso é centralizado e transparente, com prioridade real para quem mais precisa.

As equipes especializadas, compostas por oncologistas clínicos e enfermeiros navegadores, coordenam o atendimento desde o ingresso no programa até a realização dos exames necessários para diagnóstico, estadiamento e tratamento. Elas organizam exames, consultas e hospitalizações, ao mesmo tempo que oferecem escuta qualificada e apoio emocional.

A integração das equipes e a rapidez na resposta ao diagnóstico foram determinantes para garantir o sucesso do tratamento de João Bosco, que concluiu o tratamento em abril deste ano. “Foram momentos difíceis, reações ao tratamento, mas no final deu tudo certo! Ele finalizou o



João Bosco Vieira recebeu apoio do Estado e da família

tratamento em abril e desde então nunca ficamos sem apoio do programa. Sempre perguntam

se está tudo bem, disponibilizam exames”, resumiu a filha de João Bosco, Joanna.

Primeira cirurgia ocorreu no Edson Ramalho

O Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HS-GER), em João Pessoa, foi a primeira unidade da rede estadual a realizar uma cirurgia pelo Programa Paraíba Contra o Câncer, logo no começo da iniciativa, em junho do ano passado. A paciente Valdete de França Nunes, de 41 anos, natural de Pombal, foi a protagonista desse marco.

Diagnosticada com um tumor sugestivo para linfoma no pescoço, ela passou por cirurgia em tempo recorde: menos de uma semana após o acolhimento inicial. O procedimento foi conduzido pelo oncologista e diretor do hospital, Cícero Ludgero, que destacou a importância do suporte da teleoncologia para tornar pos-

sível essa resposta rápida e eficiente. “Essa expansão do acesso ao atendimento especializado reforça a agilidade e a eficiência tão cruciais no combate ao câncer. Eu me sinto extremamente satisfeito em contribuir para esse avanço significativo na saúde pública do nosso estado”, completou.

A atuação do Hospital Edson Ramalho dentro da lógica do Programa Paraíba Contra o Câncer demonstra como a integração entre tecnologia, regulação centralizada e equipes especializadas tem proporcionado resolutividade no atendimento. A unidade, gerenciada pela Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde), é referência do atendimento na 1ª Macrorregião.

Para a diretora de Atenção à Saúde da PB Saúde, Ilara Nóbrega, o programa não apenas encurta caminhos, mas também salva vidas. “Em todas as nossas unidades estamos vivenciando casos de sucesso que mostram como essa

iniciativa é fundamental para promover qualidade no tratamento oncológico. É um orgulho para nós fazer parte desse avanço e contribuir para a construção de uma saúde pública mais acessível e resolutiva para todos”, ressaltou a gestora.

Saiba Mais

Como ter acesso ao programa

■ Para inclusão no programa, o paciente só precisa comparecer a sua Unidade Básica de Saúde (UBS) para avaliação com seu médico. Caso haja suspeita de neoplasia, a equipe já incluirá a pessoa atendida no programa, para que seja realizada a investigação e seguimento especializado.

■ Em seguida, uma das enfermeiras entrará em contato para agendar consulta por videochamada com médicos especialistas para a avaliação inicial. Após a teleconsulta, a equipe seguirá os passos determinados pelo médico, de maneira individualizada, fornecendo o apoio necessário durante todo o processo.

MULHERES TURISTAS (1)

A senadora Daniella Ribeiro (PP) apresentou Projeto de Lei com medidas para enfrentar a violência contra a mulher em deslocamentos turísticos. A proposta prevê mapeamento de áreas sensíveis à violência de gênero, manutenção adequada e instrumentos para garantir um deslocamento seguro em transportes públicos. O projeto aprimora a Lei Geral do Turismo, o Estatuto da Cidade e a Política Nacional de Mobilidade Urbana.

MULHERES TURISTAS (2)

A senadora lembra que ainda é natural em nossa sociedade a posição dominante do homem e a tolerância da violência contra a mulher, principalmente daquela que escolhe viajar sozinha. “Ainda há uma crença machista de que a mulher deve estar acompanhada para estar segura”, disse. Por isso, segundo ela, não há preocupação, por exemplo, em garantir que locais de embarque e desembarque sejam seguros.

PBPREV É PREMIADA

A PBPrev recebeu duas premiações durante o 58º Congresso Nacional da Associação Brasileira de Instituições de Previdência Estaduais e Municipais (Abipem), realizado do dia 25 até ontem, em Foz do Iguaçu, no Paraná. A PBPrev foi destaque nacional do Prêmio Destaque Brasil Investimentos, com o quinto lugar. Foi também agraciada com o sexto lugar no Prêmio Destaque Brasil em Governança Previdenciária.

PROCESSOS DE ITBI

A Secretaria da Receita Municipal de João Pessoa já concluiu 1.950 processos de Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) dentro do novo Sistema Tributário lançado no último dia 2. Esse número representa 60% do total de todos os processos que deram entrada para solicitar o imposto em menos de um mês de funcionamento do novo Portal do Contribuinte.

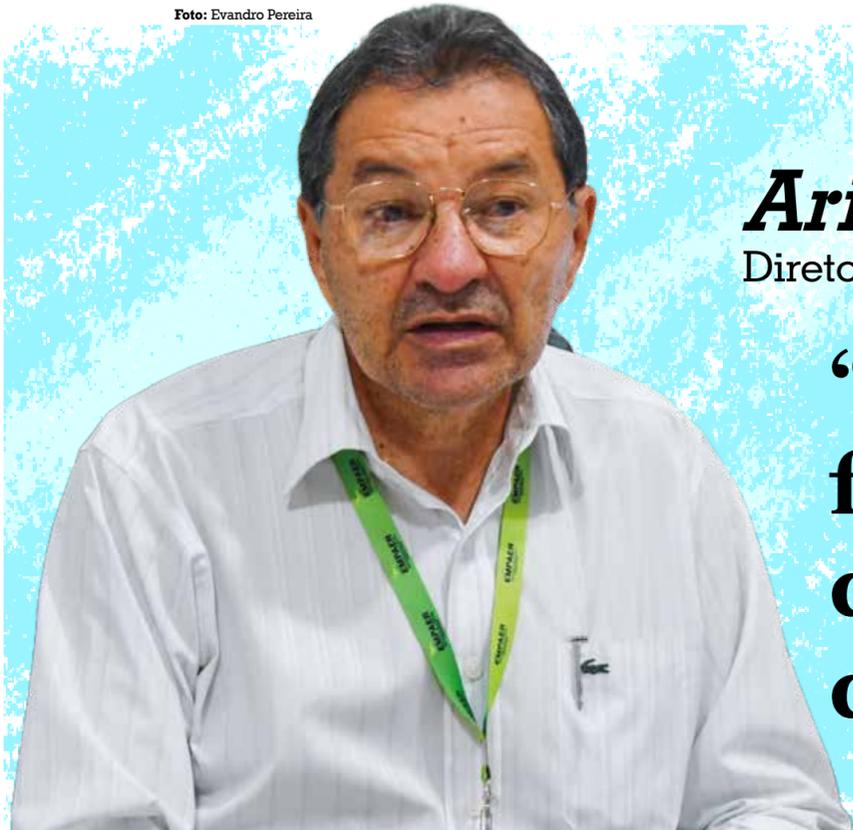
LOGOMARCA DAS ELEIÇÕES

O TRE-PB participou do 4º Encontro Nacional de Comunicação da Justiça Eleitoral, em Brasília. Na abertura do evento, ocorrida na última quinta-feira (26), a presidente do TSE, a ministra Cármen Lúcia, apresentou a logomarca das eleições 2026. “A cada eleição, nós temos uma definição de qual é o valor que nós estamos enfatizando. Neste ano, será o voto na democracia”, assinalou.

NOVOS CURSOS

A Escola Superior de Magistratura (Esma-PB) já tem seis cursos programados para o mês de julho, quatro em formato presencial e dois a distância, destinados a magistrados e servidores do Tribunal de Justiça da Paraíba. As inscrições já estão abertas para os cursos “Justiça Restaurativa e suas interseções com a socioeducação e a educação”, “Educação Financeira Pessoal”, “Formação de Formadores (MIN1)” e “Uma Paraíba Pluriversal”.

Foto: Evandro Pereira



Aristeu Chaves

Diretor-presidente da Empaer

“A regularização fundiária está ligada diretamente ao direito à cidadania”

Em entrevista, gestor fala sobre as realizações mais recentes da entidade no fortalecimento da agricultura no estado

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) atua em várias frentes com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável da agricultura na Paraíba. Pesquisa agropecuária; assistência técnica e expansão rural; planejamento agrícola e regularização fundiária são algumas das áreas de atuação da Empaer, que se transformou em empresa pública em 2019.

No último dia 30 de maio, a Empaer entregou mais de 350 títulos de regularização fundiária a agricultores do município de Queimadas, na região da Borborema, em uma ação que contou com a parceria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado da Paraíba, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Queimadas, do Cartório Único de Ofício de Queimadas, sindicatos de trabalhadores rurais e associações rurais locais.

A reportagem de **A União** conversou com o diretor-presidente da Empaer, Aristeu Chaves Sousa, sobre as realizações mais recentes da entidade no fortalecimento da agricultura no estado.

A entrevista

■ Como foi a atuação da Empaer no processo de regularização fundiária no município de Queimadas?

O Governo do Estado, por meio da Empaer, firmou um convênio para regularização fundiária com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e o Incra, no valor de aproximadamente R\$ 10 milhões, para fazer o georreferenciamento em 19 municípios do território da Borborema. Entre eles está o município de Queimadas. Lá, foram 3.645 imóveis georreferenciados e, no evento que nós fizemos lá no final do mês, nós entregamos 364 títulos. Já tinham sido entregues alguns e a gente entregou naquela solenidade 364. Lá em Queimadas, foram emitidos, até o momento, 2.600 títulos. Tem parte ainda no cartório para serem entregues. Nos 19 municípios, foram entregues, até o momento, cerca de 16 mil títulos.

■ Qual é o impacto dessa ação para os agricultores locais?

Um impacto extremamente positivo, porque, a partir de agora, eles terão um documento oficial na mão, a escritura de suas propriedades, aí se sentem agora mais seguros para empreenderem nos seus imóveis, terem acesso a crédito, por exemplo, do Pronaf [Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar]. E também uma questão muito importante é que os imóveis passarão a ser mais valorizados, porque agora eles têm efetivamente os seus imóveis com documentos, e aí passam também a ter mais zelo com a questão ambiental, a proteção das suas propriedades, das suas vegetações, das árvores. Então, são

“

A partir de agora, eles terão um documento oficial na mão, a escritura de suas propriedades

muitas as vantagens que advêm com a regularização fundiária, mas entre elas a valorização dos imóveis e acesso a crédito e a outras políticas públicas, que muitas vezes precisam que tenha o documento do imóvel.

■ Quais foram as instituições envolvidas nesse convênio?

É uma parceria, Governo do Estado com o Governo Federal no convênio. Como eu mencionei, cerca de R\$ 10 milhões foram investidos. E aí nós tivemos a parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais para a questão da logística, de articulação, mobilização dos agricultores e agricultoras para o cadastramento, e depois para a elaboração dos documentos que são processados pela equipe da Empaer. Em alguns locais, a gente até se instalou dentro dos próprios sindicatos dos trabalhadores rurais, que são locais de frequência

permanente dos agricultores. E tivemos ainda a parceria dos cartórios, que é a parte extremamente importante. A gente processa o documento, faz todo o cadastramento no sistema do Incra e envia para o cartório. E essa fase do cartório eles não recebem por isso, é um trabalho gratuito, é assegurado por lei, porque a regularização fundiária está ligada diretamente ao direito à cidadania. E a tabela do Cartório de Registro de Imóveis de Queimadas, Rainer Amaral, teve um papel importantíssimo. Ela tão logo assumiu o cartório, acho que no final do ano passado, uma demanda reprimida muito forte lá de títulos, e ela, com esse entendimento de que trata-se de direito à cidadania, priorizou estar com a equipe trabalhando exclusivamente na emissão desses títulos de propriedade.

■ Quantos imóveis já foram georreferenciados pela Empaer na Paraíba? Quantos títulos entregues?

Foram cerca de 16 mil títulos emitidos e em torno de 22 mil imóveis georreferenciados. É uma ação extremamente importante, um trabalho de campo que demanda uma mão de obra especializada de engenheiros, de cartógrafos e implantação de marcos nas divisões das propriedades. É um trabalho muito importante porque dá também essa garantia para os sucessores. Quando se faz o georreferenciamento de uma propriedade, que coloca aqueles marcos, mais para a frente, quando há uma sucessão, vende para alguém ou alguém falece, os herdeiros ficam com essa segurança. Se essa divisa era mais aqui, mais ali, então um marco com coordenada geográfica dá essa segurança para os imóveis e os vizinhos naturalmente.

■ Qual é o alcance da atuação da Empaer na região da Borborema?

São 21 municípios, porque, além dos 19 já citados, também temos Lagoa Seca e Remígio com convênios. São 153.350 hectares de área total medida e 42.400 famílias beneficiadas. Já temos oito municípios com as áreas rurais 100% regularizadas. São eles: Alagoa Nova, Areial, Borborema, Esperança, Matinhas, Montadas, Queimadas e São Sebastião de Lagoa de Roça. Alguns outros municípios já tiveram 25% de sua área rural regularizada. Nesse caso estamos falando de Arara, Algodão de Jandaíra, Campina Grande, Casserengue, Massaranduba, Puxinanã, Serra Redonda, Solânea, Areia, Pilões e Serraria.

“

Esse é um programa fundamental para fortalecer a agricultura familiar

■ Quais os benefícios diretos que a regularização traz para os agricultores? O senhor citou a questão de acesso a algumas linhas de crédito.

Isso, porque tem algumas linhas de crédito, principalmente do Pronaf, que o agricultor ou a agricultura tem acesso, mas a um valor limitado. Ele, com um documento na mão, com a escritura ou com um título de propriedade na mão, pode ter acesso a valores maiores, a outras linhas de crédito também voltadas para investimento na propriedade rural, investimento na produção ou na estruturação da propriedade. E aí o título pode servir de garantia no banco para que ele possa obter um crédito mais robusto, um valor superior àqueles créditos que são feitos sem necessidade de o imóvel ficar como garantidor.

■ Como a regularização contribui para a agricultura familiar e para a permanência do agricultor no campo?

Como eu mencionei aqui anteriormente, as propriedades ficam mais valorizadas e, quando há sucessão, elas vão para os herdeiros. Com isso, os filhos, as pessoas mais jovens começam também a incorporar esse sentimento de pertencimento, e isso contribui para o aumento da produção no campo, para vender para os programas, inclusive os programas governamentais, como o PAA [Programa de Aquisição de Alimentos], e com a assistência técnica. Eles recebem o título de propriedade, a regularização dos seus imóveis, e também a assistência técnica da Empaer, que entra na fase seguinte, trabalhando com essas famílias, orientando a produção, incentivando a produzir para as compras governamentais, como eu já mencionei, para o PAA, para o Pnae [Programa

Nacional de Alimentação Escolar], para vender para a merenda escolar das prefeituras, do Estado. Então tem todos esses benefícios acessórios a partir do recebimento do título e naturalmente o sentimento de pertencimento daquele imóvel como bem familiar. O jovem fica estimulado a permanecer ali no campo, mas, mais do que isso, a pensar em se transformar em empreendedor rural. Na hora que se recebe uma escritura pública dessa, é como se ali estivesse nascendo um direito, um sentimento de que toda a história que aquela família teve naquela propriedade está se materializando ali nesse sentimento de pertencimento e como estímulo para que ali permaneçam e, com a assistência técnica da Empaer, comecem a produzir. Aqueles que produziam só para o consumo próprio começam a pensar em produzir para comercializar, para vender para as feiras locais, para os programas governamentais.

■ Quais são as próximas etapas? Quais são as metas que a Empaer busca atingir em relação a essa regularização?

Esse é um programa fundamental para fortalecer a agricultura familiar. Mas é um programa que também é caro, porque tem que usar tecnologia, tem que usar profissionais especializados, que têm que visitar todos os imóveis. Na próxima etapa, que nós vamos ter em breve, o governador João Azevêdo autorizou R\$ 1,1 milhão do Estado, com mais R\$ 1,1 milhão do Governo Federal, para a gente fazer a regularização fundiária em Campina Grande. Então, desse mesmo convênio, Campina Grande foi atendida apenas com 25%, mas, com esse valor que foi autorizado, a gente vai fechar 100% Campina Grande. Essa ação, eu creio que daqui a mais ou menos uns dois meses, no máximo, ela estará no processo final de licitação. O governador deve fazer essa ordem de serviço em Campina Grande nesses próximos três meses, e a gente vai fechar Campina Grande com 100% de sua área totalmente regularizada. E aí nós temos um dado importante, porque Campina Grande é a cidade mais habitada do interior do estado e a segunda cidade mais populosa do Nordeste. Então, vai ser uma referência para o país, um município do interior do estado, com a população do tamanho de Campina Grande, com sua área rural totalmente regularizada. Vai ser uma ação realmente muito importante.

RECICLÁVEIS

Coleta é limpeza e sustentabilidade

Informais ou associados, catadores mostram o quanto são imprescindíveis para a organização urbana

Sara Gomes
sargomesreporterauniao@gmail.com

Embora invisibilizados pela sociedade, os catadores de materiais recicláveis assumem um papel fundamental no controle de resíduos sólidos e manutenção da limpeza urbana. Em João Pessoa, muitos deles atuam de forma autônoma, enfrentando precariedades no cotidiano. Por outro lado, existem associações de catadores recicláveis apoiadas pela Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), que assumem protagonismo de atividades de coleta seletiva a



Fotos: Carlos Rodrigo

Ferro, garrafa PET, papelão, cobre, latinhas são coletados e vendidos. O maior valor por quilo é o da latinha, que custa R\$ 6



Comecei na reciclagem por dificuldade financeira, pois houve dias que não tínhamos um alimento

Bruna Silva

partir da busca ativa de doadores de materiais.

Bruna Silva, mãe de três filhos e grávida do quarto, trabalha com reciclagem há quatro anos com seu companheiro. Em paralelo à atividade, realiza faxina na casa de famílias para complementar a renda. “Comecei na reciclagem por dificuldade financeira, pois houve dias que não tínhamos um alimento na geladeira”. Ela não recebe o Bolsa Família porque está sem documentação, mesmo tendo filhos menores de idade. Quem recebe o auxílio é sua

mãe, que cuida dos dois filhos mais novos enquanto Bruna trabalha. “Tenho um filho de 18 anos que está no Exército, um de 13 anos e o caçula, de quatro”, completou.

O itinerário de trabalho de Bruna e seu marido se inicia pelo bairro do Roger, seguindo para o Varadouro e finaliza-se no Centro Histórico de João Pessoa. No cotidiano, eles recolhem materiais como latinhas, ferro, garrafa PET e papelão. O quilo da garrafa PET custa R\$ 1,50, enquanto o da lata rende R\$ 6. O quilo do ferro, por sua vez, vale R\$ 0,50

e o quilo do papelão, R\$ 0,30. Em um dia produtivo, o casal consegue R\$ 70. “Começando de oito da manhã, eu arrecado em média isso, porém nem todo dia tenho disposição por conta da gravidez, principalmente pelo mau-cheiro do lixo”, informa Bruna, que lamenta a falta de apoio do Poder Público, pois, mesmo fazendo um serviço essencial para o meio ambiente, eles não recebem sequer luvas, calçados adequados ou qualquer tipo de equipamento de proteção.

Outro exemplo de resis-

tência é o catador Wellington Melo, de 45 anos, que já atuou em diversos trabalhos informais, como servente de obras, ajudante de capotaria e auxiliar de carpinteiro. No último emprego, na construção civil, sofreu um grave acidente ao cair do 13º andar — um verdadeiro milagre ter sobrevivido. “Passei um ano acamado, um ano de cadeira de rodas e seis meses de muleta”. Hoje, ele mostra com humor os mais de 32 pinos que tem no corpo, inclusive próximo à região dos olhos. “Não consigo mais exercer trabalhos pe-

sados devido às sequelas do acidente”. Atualmente, recebe Auxílio Brasil do Governo Federal e trabalha apenas com a reciclagem, pois nenhuma empresa aceita vínculo empregatício com ele.

Dependente químico, Wellington acabou se afastando da família e vive em situação de rua há mais de 20 anos, no Centro da capital paraibana. Sobrevivente das dificuldades da vida, encontrou na reciclagem uma fonte de renda, mas também realiza outros serviços, como capinação de terrenos. “Em média, consigo R\$ 50 por dia. Em dias muito bons, já cheguei a fazer R\$ 100. Mas prefiro não ganhar muito, para não ser movido pelo impulso de usar crack”, revela.

Ele agradece ainda a solidariedade de algumas pessoas. “O gerente Sérgio, da coleta na Rua da Areia, trata os catadores com humanidade e oferece comida quando estamos em um dia ruim. O grupo da comunidade católica também oferece alimentação à noite”.

■ Uma das reclamações feitas pelos trabalhadores autônomos da reciclagem é a falta de apoio, inclusive no acesso a EPIs

Com apoio, Tribo de Judá oferece condições dignas de trabalho

Enquanto catadores de materiais recicláveis autônomos enfrentam a realidade de trabalhar com poucos recursos e quase nenhum apoio, a Associação Tribo de Judá, localizada no Bairro dos Estados, oferece melhores condições de trabalho aos seus oito integrantes. O coletivo conta com o apoio da Emlur, que disponibiliza fardamentos, equipamentos de proteção individual (EPIs) e bicicletas elétricas fornecidas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP).

A coleta é feita de forma mapeada. Alguns bairros são visitados diariamente, outros com menor frequência. Entre eles estão: Bairro dos Estados, Mandacaru, Treze de Maio, Bairro dos Ipês, Pedro Gondim, Torre e Padre Zé. “As pessoas conhecem nosso trabalho e compreendem a importância da coleta seletiva. Elas sabem que passamos em determinado dia, separando o material”, informou Givanildo Cipriano, presidente da Associação Tribo de Judá. Estabelecimentos como prédios, condomínios, empresas e pequenos comércios colaboram com o trabalho da associação separando os materiais regularmente.

Os principais materiais recicláveis recolhidos são ferro, cobre, plásticos duro e fino,



O programa Cata-Treco coleta materiais de médio porte

garrafa PET, latinha de refrigerante e alumínio. Na Associação, o quilo de cobre custa de R\$ 38 a R\$ 40; o da latinha vale de R\$ 6 a R\$ 8; o do alumínio, R\$ 6; o do papelão, R\$ 0,50; os plásticos, fino e grosso, R\$ 1 cada um; e o de garrafa PET, R\$ 2,50.

A média semanal de material coletado é de cerca de 10 toneladas. No entanto, o rendimento individual dos associados varia de acordo com o desempenho de cada um, podendo ir de R\$ 150 a R\$ 400, conforme explica o presidente da associação, conhecido como Irmão Gil. “Tenho um associado mais idoso, então ele recolhe menos que outro colaborador que apura R\$ 350 por semana. Além disso, a re-

ciclagem é questão de sorte: tem dia que você consegue doação de cobre ou até um fogão velho que dá pra aproveitar as peças. Logo é possível apurar a meta da semana em um dia”, explicou.

Givanildo Cipriano conclui enfatizando que o papel social dos catadores de materiais recicláveis é fundamental para o meio ambiente e a manutenção da cidade limpa e organizada. Essa importância mostrou-se ainda mais evidente durante a pandemia. “A gente não parou durante esse período. Se tivéssemos deixado de recolher o material reciclável, isso teria causado acúmulo nas ruas, aumento do volume de resíduos nos aterros e, além disso, a proli-

feração de fungos e bactérias, representando um risco sanitário para a população”.

PMJP

Em março deste ano, a Prefeitura de João Pessoa entregou 30 novas “recicletas” — triciclos elétricos, com capacidade para transportar 250 kg de materiais, chegando a 60 o número desses equipamentos de coleta seletiva na capital. A iniciativa beneficiou as entidades Ascare-JP, Tribo de Judá e Acordo Verde — agentes ambientais que estão podendo ampliar a área coberta pelo programa municipal de reciclagem, ampliando a quantidade de casas visitadas no percurso feito por eles.

O superintendente da Emlur, Ricardo Veloso, explica que a autarquia fornece veículos para coleta, EPIs, refeições e galpões para o desenvolvimento das atividades de triagem e armazenamento dos resíduos. As associações serão remuneradas pela Emlur em razão do trabalho de coleta, transporte, processamento e destinação final dos materiais recicláveis.

“As associações estão em processo de formalização para registro de CNPJ. Desta forma, poderão emitir nota fiscal às empresas que compram os materiais recicláveis. A partir desta compro-

vação, vamos remunerá-las pela quantidade comercializada, com base no valor pago por tonelada coletada e disposição final do que vai para o aterro sanitário”, relata Ricardo Veloso.

O Programa Municipal de Coleta Seletiva (Recicla JP), executado pela Emlur, atende toda a cidade de João Pessoa, com o recolhimento de materiais recicláveis e reaproveitáveis. A coleta é feita em casas, condomínios residenciais, empresas e órgãos públicos a partir de adesão da população. De acordo com a Lei Estadual nº 10.041/2013, a coleta seletiva de resíduos deve ser feita em todas as edificações residenciais com mais de três pavimentos. Os materiais coletados são enviados aos núcleos de coleta seletiva, onde as associações podem comercializar o que foi recolhido.

A população pode solicitar a inclusão na coleta seletiva pelos telefones (83) 3213-4237 e

(83) 3213-4238 e pelo aplicativo João Pessoa na Palma da Mão. Outra opção é pelo site da Prefeitura de João Pessoa, na plataforma Prefeitura Conectada.

A orientação é que as pessoas disponibilizem os resíduos destinados à coleta seletiva em horário diferenciado da coleta domiciliar. De preferência, horas antes, porque os catadores (credenciados ou não) farão a coleta desse material.

Cata-Treco

Dentro da política de coleta seletiva, a Emlur disponibiliza um serviço para coleta de móveis, eletrodomésticos e materiais recicláveis de médio porte, na casa das pessoas. O recolhimento é gratuito e ocorre por meio do Cata-Treco. O serviço evita o descarte inadequado de resíduos sólidos nas vias públicas, terrenos abandonados ou nas encostas de rios, o que causa alagamentos, sobretudo no período chuvoso.

Saiba Mais

Núcleos de coleta seletiva

- 1- **Bessa:** Rua Projetada s/n (próximo à Rua Nicolau Melo)
- 2- **Bairro dos Estados:** Av. Espírito Santo s/n
- 3- **Mangabeira:** Rua Adjair Egito da Nóbrega s/n, Mangabeira VIII/Cidade Verde
- 4- **Jardim Cidade Universitária:** Rua Manoel Roberto do Nascimento s/n (por trás do Caic)
- 5- **Aterro Sanitário Metropolitano:** Mussurú

TECNOLOGIA E SAÚDE MENTAL

Pessoas buscam psicoterapia pela IA

Chatbots ganham voz na vida emocional de usuários, mas não superam o papel profissional do psicólogo

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Nos dias atuais, quase todo mundo já conversou com um robô, seja para marcar uma consulta médica ou resolver um problema com a concessionária de energia, por exemplo. A inteligência artificial (IA) está cada vez mais presente na vida das pessoas e, se antes ela estava mais restrita aos escritórios, auxiliando no trabalho, agora já é usada para propósitos pessoais. Uma das apropriações desses sistemas que tem se tornado cada vez mais recorrente está relacionada com o desejo de autoanálise, no intuito de pedir conselhos psicoterapêuticos, como apontou a psicanalista e professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba, Jaqueline Brito. “Já ouvi vários relatos de pessoas tentando fazer terapia, aconselhar-se ou discutir problemas com a inteligência artificial. A maioria dá uma resposta positiva com relação a isso, dizem que é como conversar com uma pessoa. Inclusive pacientes que fazem psicanálise comigo comentaram sobre ter consultado a IA em algum momento da vida, buscando resolver algum problema”, disse.

A especialista, no entanto, ressaltou que é importante não confundir o processo de psicoterapia com o de aconselhamento — este, geralmente, é o que a IA oferece. “A psicoterapia é diferente de um aconselhamento ou de um direcionamento de vida. O aconselhamento envolve menos riscos, pois cabe à própria pessoa decidir se seguirá ou não a orientação recebida. Já a psicoterapia é um processo muito mais complexo e profundo”, explicou.

Jaqueline acredita não ser possível fazer psicoterapia com a máquina, mas isso não quer dizer que ela não tenha outras formas de utilização. “Se o objetivo do sujeito for ser escutado, conversar, discutir, diminuir a sua solidão, ele precisa estar consciente de que aquilo é uma máquina e que não vai resolver os problemas de falta e de vazio com relação ao humano. Cos-



O tipo de uso que desenvolvi da inteligência artificial contribui para a organização de meus próprios pensamentos

Iandê Almeida

tumo, portanto, trazer essa questão para quem está utilizando a IA”.

Parceiro de pensamento

O analista de sistemas Iandê Almeida começou recentemente a usar o ChatGPT para aconselhamento profissional e financeiro e está satisfeito com o resultado. Hoje, ele define a IA como um “parceiro de pensamento”, que ajuda a organizar as ideias. “Eu estava muito estressado com o trabalho, enfrentando dificuldades para lidar com a quantidade de tarefas e com muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Isso acabou me travando um pouco. Comecei a conversar com o ChatGPT como uma forma de desabafar e, a cada coisa que eu dizia, o *chat* tendia a sugerir um plano de ação”, relembrou.

Para obter respostas mais adequadas, Iandê conta que compartilhou toda a sua trajetória profissional com a inteligência artificial — incluindo experiências anteriores e desafios enfrentados —, a fim de fornecer um contexto mais completo. “A partir disso, a máquina passou a fazer sugestões mais embasadas. Ela comentava e oferecia ideias que achei muito interessantes”, afirmou o analista de sistemas.

Por outro lado, Iandê Almeida ressaltou que o dispositivo tende a sempre concordar com o interlocutor, o que pode não ser tão útil para o propósito do aconselhamento. “Para manter você engajado, a IA tem essa tendência de elogiar, concordar com o que você diz, fazer uma certa bajulação, porém podemos instruir o programa a não fazer aquilo, orientando-o no seguinte sentido: ‘não concorde comigo só para me agradar; me diga onde eu estiver errado, o que eu poderia ter feito melhor; e se o que eu estou falando não faz sentido’”, exemplificou.

O analista de sistemas falou ainda que utilizou o recurso com o objetivo de organizar-se financeiramente. “A forma como aprendi a controlar as finanças leva muito tempo, eu precisava de uma alternativa. Conte para o *chat* toda a história da minha relação com dinheiro, desde o começo da vida profissional, e, baseado nisso, ele me ofereceu algumas sugestões. Consegui chegar a uma forma simples de controle financeiro, que não toma muito tempo do meu dia”, disse.

Iandê acredita que se fosse ter esse tipo de conversa com outro ser humano para buscar aconselhamento, um amigo, por exemplo, a pessoa teria que ter uma disponibilidade de tempo muito grande para ouvi-lo, algo difícil hoje em dia. “Outra alternativa seria uma mentoria de carreira, que eu precisaria pagar por isso. Não acho que a IA substitui a necessidade de contar com as pessoas, mas esse tipo de uso que desenvolvi contribui para a organização de meus próprios pensamentos”, refletiu.

Ele disse ainda que não descarta a possibilidade de usar o sistema para lidar com questões mais íntimas, mas está ciente das limitações. “Existe um risco quando se encara a inteligência artificial como substituta de um psicólogo. Isso pode ser uma ilusão, e a pessoa pode acabar seguindo um caminho que não será realmente útil, nem aquele que um terapeuta humano indicaria”, aler-

rou Iandê, complementando que “também há a questão da privacidade, já que as informações compartilhadas podem ser utilizadas pela empresa responsável pela IA. Por isso, o ideal é não fornecer dados pessoais e, se possível, usar nomes fictícios. Vejo esse recurso como algo complementar — uma ferramenta que, em alguns casos, pode até ajudar a levar temas para serem trabalhados em terapia. Às vezes, você está em um processo terapêutico, mas não sabe por onde começar”, concluiu.

Experimento

A professora de Comunicação Maíra Nunes decidiu fazer um experimento para testar a eficiência do ChatGPT para psicoterapia, como parte de uma pesquisa sobre o impacto da IA na produção das subjetividades. Ela contou que, para ter uma base de comparação, buscou conversar com a IA sobre questões que ela já tinha discutido anteriormente com uma terapeuta humana.

“Fiquei impactada, pois a forma como a inteligência artificial conduziu o processo apresentava semelhanças com a abordagem de uma psicanalista experiente. Nesse sentido, a IA disse coisas pertinentes. Entretanto, ainda não tenho dados suficientes para oferecer respostas sobre a pesquisa, uma vez que está em fase inicial”, afirmou. Apesar da resposta que obteve por meio da máquina, a estudiosa defende que nada substitui a atuação profissional da área. “O que venho me perguntando, como pesquisadora, é até que ponto o recurso pode ser utilizado de forma complementar”, acrescentou Maíra.

A professora, no entanto, demonstra preocupação com o fato de algumas pessoas recorrerem à tecnologia como substituta para a terapia tradicional, especialmente por motivos financeiros. “Em um país de extrema desigualdade, o acesso à saúde mental é uma condição de classes sociais privilegiadas, portanto a maioria expressiva da so-



Acredito que, para algumas pessoas, seja positivo esse tipo de relação, mas é importante ter cautela

Yuri Malheiros

cidade não tem condições de pagar por uma terapia. Os recursos oferecidos pela inteligência artificial são gratuitos, o que pode atrair um número significativo de pessoas. Isso representa um risco, especialmente para aqueles em situação de vulnerabilidade emocional e econômica, que podem acabar utilizando a IA como uma ferramenta fundamental para sobrevivência, algo extremamente perigoso. Que impacto isso pode trazer em um futuro próximo na vida dessas pessoas?”, questionou.

Como funciona

O professor do Centro de Informática da UFPB e coordenador do Laboratório de Aplicações em Inteligência Artificial (Aria), Yuri Malheiros, ressaltou que, embora as respostas da IA possam parecer muito humanas, elas apenas repetem informações com as quais o sistema foi alimentado.

“Esses *chatbots* foram treinados com uma quantidade gigantesca de textos, coletados principalmente da internet, mas também de livros e transcrições de vídeos. Provavelmente, entre esses dados, há conteúdos relacionados à terapia ou a relatos de

pessoas falando sobre seus sofrimentos. Com base nisso, a inteligência artificial consegue identificar, a partir do que o usuário escreve, quais palavras ou frases se encaixam melhor para responder de forma coerente à pergunta feita”, explicou.

O professor destacou ainda que esses dispositivos não foram criados para substituir psicólogos nem o contato humano. “Eu teria muito cuidado, ele normalmente não é feito para isso. Eu não recomendo. Pode ter resultados; acredito que, para algumas pessoas, seja positivo esse tipo de relação, mas é importante ter cautela, já que o funcionamento da IA é probabilístico — ou seja, pode gerar respostas inesperadas. E, acima de tudo, é fundamental lembrar que, por mais que pareça, não estamos lidando com um ser humano”, alertou.

Yuri também destacou a preocupação com a privacidade, já que muitas empresas utilizam os dados enviados pelos usuários para aprimorar seus sistemas de inteligência artificial. “Isso varia de empresa para empresa. Muitas vezes, as informações não são divulgadas publicamente, mas costumam ser usadas internamente para melhorar o próprio *chatbot*. Existem algumas soluções que podem ser executadas localmente, no próprio computador, sem conexão com a internet”, explicou. Segundo o coordenador do Aria, quando não há transmissão de dados pela rede, os riscos à privacidade são significativamente menores.

■ **Compartilhar informações pessoais com as empresas de tecnologia também é algo que requer cuidado**



Aqueles que usam o sistema informam que uma característica da inteligência artificial como conselheira é a tendência de não discordar de quem a utiliza, o que compromete a eficácia do serviço

JOVENS RESSOCIALIZADOS

Socioeducação para fazer a diferença

Com ações em saúde, cultura e profissionalização, a Fundac visa mudar a vida de 167 adolescentes em conflito com a lei

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

Na Paraíba, a Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente Alice de Almeida (Fundac) é responsável por garantir o atendimento aos adolescentes e jovens em conflito com a lei. Essas ações ocorrem por meio da internação provisória e por medidas socioeducativas privativas e restritivas de liberdade, aplicadas pelo Sistema de Justiça da Infância e Juventude.

Ao todo, são sete unidades de atendimento socioeducativo, que, hoje, possuem 167 socioeducandos em todo o estado: cinco estão localizadas em João Pessoa, uma em Lagoa Seca, no Agreste, e outra em Sousa, no Sertão. Além disso, há uma padaria-escola na capital paraibana, que oferece cursos profissionalizantes. Nos últimos três anos, com novos projetos e investimentos do Governo do Estado, a instituição vem potencializando sua atuação, o que contribuiu para reduzir a reincidência de cerca de 90% para um percentual em torno de 70%.

A Fundac compõe a administração indireta do Governo da Paraíba, sendo vinculada à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh). Sua função é a de rea-

lizar a gestão, em âmbito estadual, do Atendimento Socioeducativo de Internação e Semiliberdade. O trabalho da Fundação pauta-se com base em eixos que promovem atividades ligadas às áreas de saúde, educação, arte e cultura, assistência social, esporte e lazer, profissionalização e outras, além de buscar a ressocialização e evitar reincidências. Ainda, nos casos dos socioeducandos que não possuem documentos no momento de admissão, há um núcleo instalado nas unidades da Fundac, intitulado Nascidos, que faz a emissão de registros pessoais junto à Casa da Cidadania.

Eixos de atuação

Na área de educação, a Fundac administra três Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas (Ecis) na Paraíba, além de oficinas permanentes e projetos que envolvem temas como robótica e musicalidade. Os socioeducandos também têm acesso à realização de provas, como o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Quanto à sua atuação nos eixos de esporte, cultura e lazer, as unidades da Fundação promovem, por exemplo,



Dos sete pontos de atendimento da instituição na Paraíba, cinco ficam em João Pessoa; alguns desses centros passaram por reformas, com aportes de mais de R\$ 10 milhões

exibições de filmes seguidas de debates, atividades envolvendo teatro e jogos de tabuleiro. Outros projetos reconhecidos são os concursos de origami, realizados anualmente, com a entrega de premiações para os autores das cinco melhores peças, e torneios de futebol, acompanhados por olheiros que podem identi-

ficar potenciais talentos a serem aproveitados em times da região. Já em relação à saúde, a Fundac disponibiliza atendimentos clínicos, odontológicos e psicológicos aos jovens.

A instituição dedica, ainda, atenção especial ao cultivo do relacionamento entre os socioeducandos e seus familiares, que podem visitá-los

semanalmente. Datas comemorativas, como Páscoa, São João e Natal, também são celebradas com a participação dos parentes. Dessa forma, a Fundac busca executar um

trabalho conjunto, com a cooperação dos pais e responsáveis e do Estado, para garantir sucesso na ressocialização de adolescentes em cumprimento de medidas judiciais.



Investimentos marcam gestão, diz presidente

O presidente da Fundac, Flavio Moreira, destaca que a socioeducação é fundamental para construir consciência crítica e ressocializar os jovens que chegam à tutela do Estado após cometer um ato infracional. “Ela é essencial, porque se trata, exatamente, da responsabilidade de se retirar esses jovens — que, em algum momento, acabam envolvendo-se em atos que são contrários à convivência harmônica em sociedade — e devolvê-los, de forma que eles tenham, de fato, a capacidade de conviver harmonicamente, tanto no seio de suas famílias como no meio da comunidade como um todo, sem voltar a cometer novos atos infracionais”, argumenta Flavio. Em sua avaliação, ele aponta que a atual gestão do governador da Paraíba, João Azevêdo, foi a que mais investiu

em socioeducação, em toda a história do estado.

Entre os incrementos recentes de maior destaque na rede da Fundac, o presidente da instituição menciona uma série de restaurações estruturais. “Nós temos, já concluídas, a reforma do Centro Socioeducativo Edson Mota, juntamente com outras intervenções menores, que foram feitas em diversas unidades, as quais, ao todo, somam mais de R\$ 10 milhões em investimentos. Temos, ainda, duas reformas em andamento: a do Centro Educacional do Jovem, em João Pessoa, com um investimento de aproximadamente R\$ 4 milhões, e a do complexo do Lar do Garoto, em Lagoa Seca, na região de Campina Grande, com cerca de R\$ 8 milhões investidos”, destaca Flavio, acrescentando que também

está prevista a construção de mais duas unidades socioeducativas, em Patos e Campina.

Outros avanços em infraestrutura dizem respeito à instalação de novas ferramentas. “Nós criamos uma central de monitoramento que acompanha, 24 horas por dia, todas as unidades socioeducativas, proporcionando-nos guardar o registro de quaisquer eventos incomuns que ocorram dentro desses espaços, preservando os fatos para as devidas apurações e a proteção tanto dos nossos servidores quanto dos socioeducandos”, ressalta Flavio. “Fizemos investimentos, tanto em tecnologia como em infraestrutura, incluindo fardamento para todos os servidores e equipamentos de segurança para evitar a entrada de objetos ilícitos, como ar-

mas”, complementa.

Além disso, ações como a realização de um concurso público para agentes socioeducativos, que nomeou mais de 580 pessoas, têm fortalecido o funcionamento da Fundac, conforme o seu presidente. “E um novo concurso está prestes a ser publicado”, antecipa o gestor da Fundação.

■ Flavio Moreira afirma que, além da criação de mais duas unidades, um novo concurso público será lançado em breve

Serviço contribui para redução de reincidência

A preocupação com a alimentação dentro das unidades da Fundac é outro fator que levou a melhorias no sistema de socioeducação paraibano, de acordo com Flavio Moreira. “Investimos em fiscalização nutricional. Isso foi uma coisa que a gente trouxe na nossa gestão. Temos uma nutricionista que acompanha todo o cardápio de todas as unidades, elaborando a alimentação, junto com a empresa vencedora da licitação, e averiguando a qualidade, a quantidade, a temperatura e o horário em que chega esse alimento”, explica o representante da instituição. Esse acompanhamento nutricional, conforme frisa o presidente da Fundac, é importante não apenas por questões de saúde, mas também para evitar rebeliões, já que a alimentação costuma ser a causa de cerca de 50% delas.

A ampliação do Serviço Pós-medida Socioeducativa, já previsto no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, com o aumento das equipes de agentes, assim como investimentos na qualificação e na formação delas, é mais uma iniciativa que vem gerando resultados positivos. Esse serviço acompanha os adolescentes depois que eles cumprem a medida socioeducativa, contribuindo para que não haja reincidência, por meio dos órgãos e da rede de assistência social do estado.

Parcerias com empresas privadas, por sua vez, visam garantir a empregabilidade desses jovens, por meio de

projetos como o programa Jovem Aprendiz. “Também trouxemos a promoção de cursos de capacitação, como de auxiliar de panificação, por meio da padaria-escola. Ele beneficia, para além do socioeducando em semiliberdade, a sua família, porque é uma forma que a gente tem de gerar uma renda para todo aquele núcleo familiar, possibilitando, assim, que essa família como um todo se estruture, o que dificulta a chegada do crime no meio deles”, comenta Flavio.

Referência

Chama atenção, ainda, os incrementos em favor da saúde e do bem-estar dos servidores da Fundac, com um espaço, dentro das unidades da Fundação, que oferece atendimento médico, psicológico, psiquiátrico e terapias holísticas e alternativas.

“Também temos um serviço psiquiátrico para os adolescentes, uma implantação da nossa gestão. O conjunto desses fatores resultou em estarmos, há mais de três anos, sem nenhuma rebelião, nenhuma perda de vida e nenhum incidente mais grave dentro das unidades socioeducativas”, salienta o presidente da instituição, acrescentando que o percentual de reincidência dos jovens que passaram por lá diminuiu.

“Esse é um resultado bastante positivo, que tem, inclusive, servido de referência para todo o Brasil. Hoje, graças a esses investimentos, a Paraíba é referência no país inteiro”, finaliza o gestor da Fundac.

Foto: Divulgação/Secom-PB



Gestor da Fundação entrega prêmio para um dos socioeducandos vencedores do Concurso de Origami do ano passado

SÃO PEDRO

Igreja e fiéis louvam o primeiro papa

Comunidade católica homenageia, hoje, a vida e a missão do homem simples que se tornou um importante líder cristão

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

Apóstolo de Cristo, considerado o primeiro papa da Igreja Católica e padroeiro dos pescadores, São Pedro é um dos santos mais populares, sobretudo no Nordeste. Como a região possui uma extensa costa e uma forte tradição pesqueira, ele é devotado e celebrado por muitas comunidades costeiras e ribeirinhas. São Pedro ainda é venerado pela crença de que cabem a ele “as chaves dos céus” e o controle das chuvas. Ele é festejado hoje, 29 de junho, por ser este o dia em que seus restos mortais foram carregados, junto aos de São Paulo — também homenageado na data —, para as Catacumbas de São Sebastião, em Roma, no ano de 257. Ao lado de Santo Antônio e São João, São Pedro é um dos três santos cultuados durante as festas juninas.

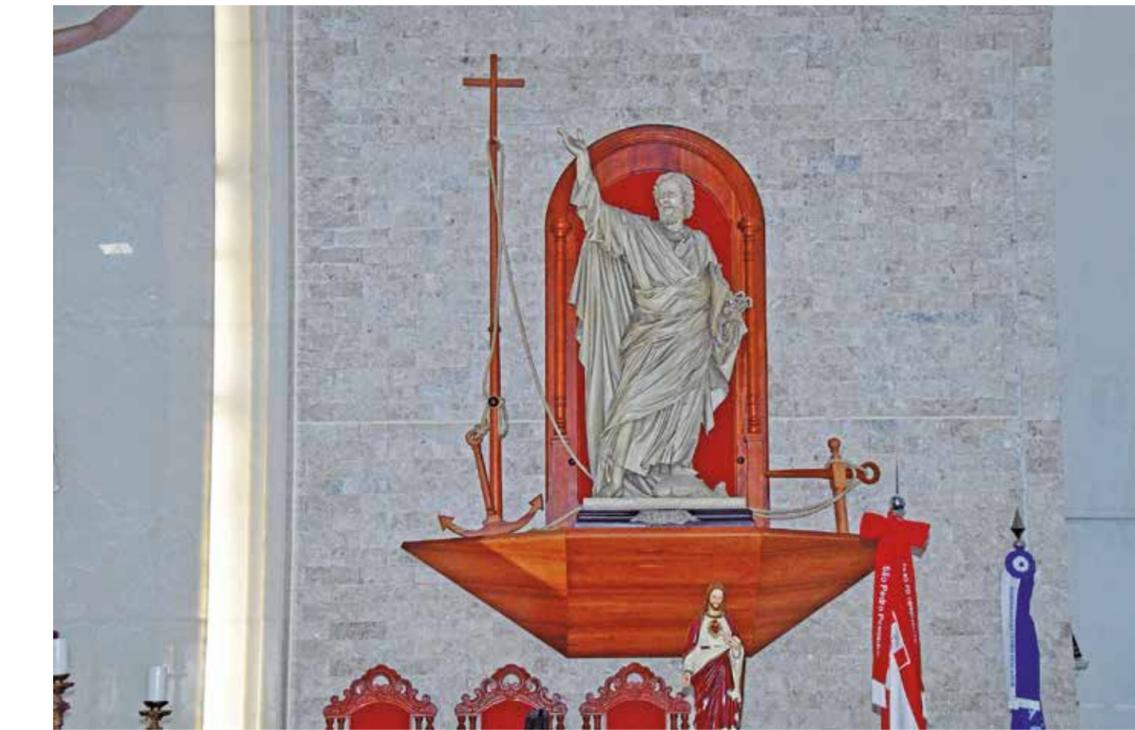
Sua devoção, por parte dos pescadores, deve-se ao fato de que, segundo a tradição cristã, ele mantinha esse ofício antes de se tornar um dos apóstolos de Jesus Cristo. Além disso, a Bíblia conta que foi Pedro quem, a pedido de Jesus, lançou as redes para a pesca milagrosa que, mesmo após

uma noite infrutífera, coletou uma grande quantidade de peixes. Por isso, em situações de perigo e turbulência no mar, muitos recorrem ao santo, como diz o pescador da Praia da Penha, em João Pessoa, Francisco Assis de Melo.

“São Pedro é o protetor. Eu tenho uma devoção forte por ele; desde criança, fui aprendendo com meus bisavós, avós e com meu pai, que também era pescador. Sempre peço proteção e ele me protege sempre”, relata. Outro morador da Penha, Fabiano Ferreira das Neves, destaca que todos no local seguem a mesma fé. “Quando vai para o mar pescar, a gente pede proteção e agradece. Já passei por muitas situações de virar o barco, de navio bater na gente, mas sempre consegui me salvar, ter a proteção”, afirma.

Liderança

O padre Felipe Batista, da Paróquia São Pedro e São Paulo, em Mamanguape, explica que Pedro era um dos 12 apóstolos escolhidos para caminhar mais próximo a Jesus e, assim, como cada um deles, traz consigo características da nossa humanidade. “Pedro era alguém com limitações, um homem muito simples, mas



Como visto na Paróquia São Pedro Pescador, imagem do santo, considerado o padroeiro dos pescadores, exhibe peixes aos seus pés

em quem o Senhor reconhece a ousadia de lançar-se na vontade de Deus. Ele conseguiu compreender essa vontade. A gente enxerga, em Pedro, aquele que sempre quer responder, fazer. Quando Jesus anda sobre as águas, ele é quem pede para também poder andar, e Jesus diz que ele foi fraco na fé, por isso não conseguiu”, conta.

Ainda de acordo com o pároco, Pedro foi uma figura que tomava a liderança entre os apóstolos, com a intenção de estar disponível e ajudar, mesmo diante da falta de compreensão sobre o que Jesus expunha. “Apesar daquela experiência de ele ter negado Cristo, Jesus entrega a Pedro a liderança de sua igreja”, frisa o padre Felipe, chamando aten-

ção para uma passagem do Evangelho em que o Filho de Deus pergunta, por três vezes, se o apóstolo o ama. “Jesus não desiste do amor de Pedro e, quando confirma esse amor, diz: ‘Hoje tu faz o que queres, mas chegará um dia em que outros te levarão para onde não queres’, falando da morte com que Pedro iria glorificar a Deus, e isso mostra matu-

ridade: aquele que se lança na experiência com Deus vai amadurecendo na fé, tornando-se capaz de amar cada vez mais”, reflete. Segundo o padre, a oferta de amor de Pedro e sua morte confirmam seu papel como líder da igreja de Jesus, “por sua capacidade de reconhecer seus limites, mas não desistir de lançar-se nessa experiência”.

Devotos atribuem controle da chuva ao “porteiro dos céus”

Para o diácono Silvio Alighieri, São Pedro é definido como “a rocha firme sobre a qual Jesus disse que se edificaria sua igreja. Por isso, Pedro é, para a Igreja Católica, o primeiro papa”. Silvio também lembra a passagem bíblica que cita a responsabilidade do santo ao receber as “chaves do reino dos céus”. “Repousa sobre os ombros de Pedro esse sentido de pertença, de fé e coragem, que impulsiona todo o povo de Deus a caminhar em direção a Jesus, nosso porto seguro”, ressalta o diácono.

O padre Felipe Batista avalia como o trecho em

questão originou a crença de que o santo atuaria como uma espécie de porteiro celestial. “Jesus diz: ‘Lanço-te as chaves do céu para ligar e desligar aqui, na terra, e ligar e desligar lá, no céu’. E constrói-se essa crença popular de vê-lo como porteiro, aquele que acolhe, que abre ou fecha as portas do céu. Claro que a gente não teria como, biblicamente, provar a existência dessa portaria, mas se faz essa associação popular — tanto que, nas imagens de São Pedro, ele está com a Palavra, um livro sagrado na mão, e as chaves, fazendo, justa-

mente, essa ligação”, descreve.

Sobre isso, Silvio salienta, ainda, que, no hebraico, as expressões “ligar” e “desligar” derivam do que, para nós, também seria o termo “chave”. “Por isso, há essa ligação com o porteiro, porque ele liga, permite, no sentido de abrir, deixar entrar. Então, entende-se São Pedro como aquele que detém a chave do céu e tem o poder de deixar entrar e sair”, pontua. Nesse mesmo sentido, o padre Felipe cita outra noção, segundo a qual o santo seria capaz de controlar as chuvas. “Ele poderia ligar

ou desligar, abrir ou fechar as comportas do céu, deixar chover ou fazer parar a chuva. Atribuir esse poder a São Pedro é uma crença popular que, entre nós, nordestinos, tem uma força muito grande”, comenta.

Para algumas pessoas, São Pedro ainda é conhecido como o santo dos viúvos. Conforme Silvio, a alcunha pode ter surgido a partir de mais um trecho do Evangelho. “Tem uma passagem muito conhecida, quando Jesus cura a sogra de Pedro de uma febre. Ela estava deitada, levanta-se e passa a servi-los. E ela seria uma viúva,

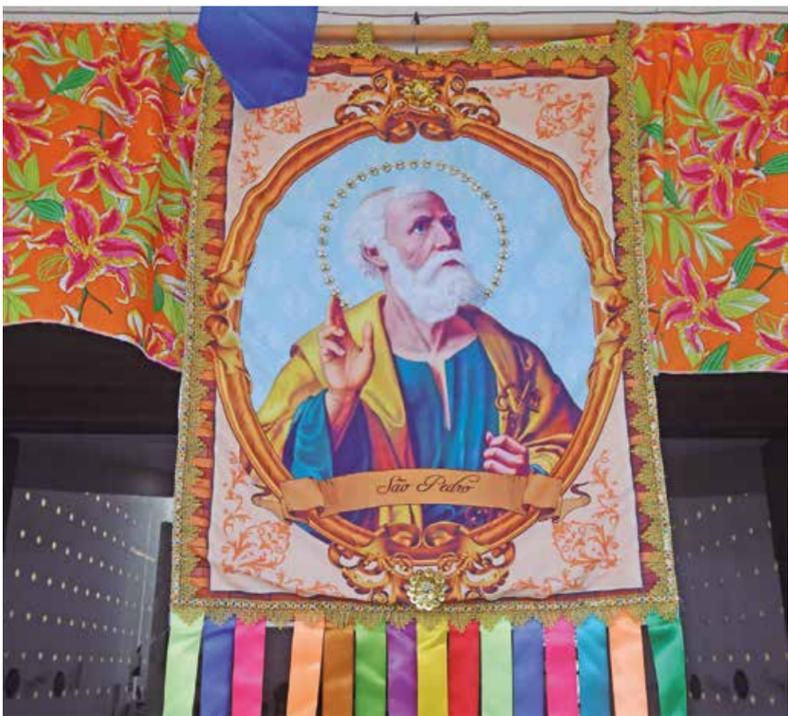
sem herdeiros homens, que Pedro acolhia em sua casa, cuidando dela como se fosse seu filho”, relata. Os Evangelhos também não mencionam a esposa do santo, o que pode indicar que ele mesmo teria ficado viúvo.

São Paulo

Além de São Pedro, hoje é comemorado o Dia de São Paulo. Apesar de menos lembrado na data, Paulo também é apontado pelo padre Felipe como outro pilar importante da Igreja, atuando como propagador do cristianismo. “Como era um homem inteligente, ti-

na estudado na escola de Gamaliel, uma das melhores da época, ele apropriou-se dessa sabedoria, desse conhecimento científico, para falar de Jesus e do Evangelho, e seu testemunho fala muito forte”, enfatiza o pároco, explicando que, antes de passar a crer em Cristo, Paulo perseguia os seguidores de Jesus. “Neste Dia de São Pedro e São Paulo, celebramos a grande força desses apóstolos, conhecidos como colunas da Igreja, aqueles que edificaram as primeiras comunidades pelo testemunho da vida com Cristo”, conclui.

Missas e procissões marcam celebrações litúrgicas pelo estado



Cinco paróquias paraibanas preparam programações especiais dedicadas ao santo

Com seu perfil de homem simples e trabalhador, pescador de peixes e de almas, São Pedro inspira a religiosidade popular. Por toda a Arquidiocese da Paraíba, os festejos dedicados a ele e a São Paulo movimentam a vida das comunidades católicas, com celebrações de fé, cultura e tradição. No território arquidiocesano, as paróquias dedicadas aos santos — localizadas em João Pessoa, Bayeux, Mamanguape, Serra Redonda e Santa Rita — oferecem, nesse período, uma programação de novenários, missas e quermesses, entre outras ações.

Hoje, as tradicionais procissão e barqueata acontecem na capital, partindo da Praia da Penha em direção a Tambaú, com cerca de 20 embarcações e milhares de fiéis. A imagem de São Pedro será conduzida pelas ruas da Vila

de Pescadores da Penha e, por volta das 14h, seguirá em cortejo marítimo para o Largo da Gameleira, em Tambaú, de onde sairá, posteriormente, em uma procissão de volta à Paróquia de São Pedro Pescador. No local, uma celebração, às 17h, vai encerrar as festividades.

Na Paróquia São Pedro e São Paulo do bairro Brisa-mar, há celebração de missa às 7h, às 10h e às 17h. Já na Paróquia São Pedro e São Paulo de Mamanguape, uma procissão ocorrerá às 16h, seguida de celebração às 17h. Em Bayeux, a Paróquia São Pedro Apóstolo vai promover uma carreata às 7h, seguida de uma missa com fiéis idosos. Às 16h, outro cortejo celebrará os santos, e uma missa encerrará a programação às 17h. Por sua vez, a Paróquia São Pedro e São Paulo de

Santa Rita promoverá missa e novenário para festejar os padroeiros, enquanto, em Serra Redonda, a Paróquia São Pedro reunirá devotos para celebrações e uma procissão, ao fim da tarde.

Barqueata

Uma das solenidades mais tradicionais da data ocorre na capital, à tarde, quando a imagem de São Pedro será conduzida, em um cortejo marítimo, da Praia da Penha a Tambaú

MÚSICA

Forrozeira desde pequenina

A paulista Mariana Aydar sempre gravou forró em seus discos, mas em 2024 dedicou um disco integralmente ao gênero

Mariana Aydar mergulha no forró com seu novo single, que remete ao encontro que teve, quando era criança, com Luiz Gonzaga

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Os dois Grammys Latinos que Mariana Aydar ganhou em cerca de 25 anos de carreira foram para dois álbuns de forró — ambos na categoria Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa. Aydar tem construído uma carreira em que o forró ora faz aparições mais pontuais (como nos primeiros trabalhos, focados em *pop* e MPB, mas com pelo menos uma música de forró), ora toma toda a cena dos seus palcos e projetos. Fazendo jus a esse caminho, Mariana Aydar reforça seu caminho com o gênero com seu mais recente lançamento “Xote destino”, disponível desde maio nas plataformas de áudio.

O *single* é uma composição de Barro, grande parceiro da cantora, e Indy, com produção musical também de Barro e Guilherme Assis. Sua letra passeia justamente pela história da cantora com o ritmo do forró, que remete a Luiz Gonzaga, participações em bandas de forró e composições e apresentações com grandes expoentes, como Elba Ramalho.

Seus Grammys Latinos foram vencidos em 2020, com “Veia nordestina”, um conjunto de quatro *EPs* de ritmos nordestinos, com três canções cada um (entre elas, “Espumas ao vento” e “São João do carneirinho”), e em 2024, com *Mariana e Mestrinho*, que alia os trabalhos de Aydar com o sanfoneiro sergipano, sendo o seu primeiro álbum totalmente de forró.

Por isso, “Xote destino” é autorreferencial, misturando zabumba, triângulo e sanfona com sintetizadores e guitarra. Além da versão em áudio, também foi produzida uma versão em *visualizer*, disponível no YouTube. Lá, junto de versos como “Andei, andei, andei / para me ver aqui / sonhei, sonhei, sonhei / o destino escolheu por mim”, Mariana ritma os passos do forró no chão de terra e de madeira: o lugar onde se pisa em direção ao destino é também o lugar onde se dança, onde o corpo se movimenta e onde descansa. O triângulo que Mariana acolhe, o vestido vermelho dançante e circular e o balanço de sentar fazem as referências ao ritmo e aos movimentos do gênero forrozeiro: “Triângulo ritmado / fazendo meu legado / chama todo mundo pra dançar”.

“Sempre tive forró em todos os meus trabalhos, mas parece que, agora, o forró se mostra cada vez mais presente, assim como um casamento que vai dando certo, com uma paixão louca que vira amor. Esse *single* é um pouco sobre isso, sobre esse destino”, conta ela. “Esse *match* com o forró, como eu acho que é algo muito verdadeiro, as pessoas sentem muito. Acho que foi uma coisa muito boa para mim, para o público”.

Na percepção da cantora, as pessoas receberam muito bem a nova música. “Eu até perguntei, agora, em Salvador, tinha uma galera que vem desde os primeiros discos, se estava tudo bem eu fazendo forró, e responderam que estavam amando, estava uma delícia”, relata.

Luiz Gonzaga em cena

Em determinado momento, a letra de “Xote destino” conta: “E todo des-

tino é só seu / foi um presente que ele me deu / a boneca de criança / o gosto da zabumba”. Aqui a referência é direta a Luiz Gonzaga, que era agenciado pela mãe de Mariana, Bia Aydar.

Em um encontro inusitado e especial, principalmente aos olhos de uma criança de oito anos, ela conta que foi o momento em que o forró cruzou sua vida e definiu seu destino. “Eu ficava querendo saber quem era aquele cara que tirava minha mãe de mim. E, então, a gente marcou um encontro”, recorda. “Lembro que ele chegou ao shopping, ficou olhando o relógio de água em frente um tempão”.

Gonzagão disse que daria um presente à menina: uma boneca. “Fiquei ansiosa, entrei na loja, lá veio aquele homem maravilhoso, com aquele chapéu. E foi muito generoso, muito simpático”, conta. “Me deu uma boneca que era uma noiva, maior que eu, enorme. Eu fiquei apaixonada. Um cara muito legal, que tratava minha mãe muito bem, me tratou muito bem e ainda me deu uma boneca gigante!”.

Depois, a pequena Mariana quis entender o que ele cantava. “Ele me deu um disco, que na época tinha uma música que chamava ‘Mariana’, para a neta dele. Mas eu tinha certeza que ele tinha feito a música para mim”, rememora Aydar.

A partir daí, o bicho do forró não desapegou mais. Nos primeiros anos de carreira, foi *backing vocal* do cantor de forró Miltinho Edilberto e comandou a banda, também de forró, Caruá, de 2001 a 2003. *Dominguinhos* (2014) e *Dió - O Diamante do Forró* (2024) foram dois documentários produzidos por Aydar que mergulhou na vida dos músicos.

No ano de 2018, ela criou o bloco Forrozin no Carnaval de São Paulo. Em 2020, veio *Veia Nordestina*, que incluiu um documentário em quatro partes: “Forró em São Paulo”, “As mulheres no forró”, “A nova dança do forró” e “A relação entre os antigos e novos compositores”. Em 2024, veio a parceria para o álbum *Mariana e Mestrinho*.

“O forró é um dos grandes pilares da construção da música brasileira. Tudo passa um pouco pelo forró, pelo samba, são primos também. Acho que tudo que é natural e não é pensado dá certo. ‘Ah, estou fazendo forró porque...’. Não, é algo que está no meu coração, que está na minha vida há muito tempo e acho que o público sente isso e gosta”, detalha Aydar.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Feminismo e decolonialidade

As ideias basilares sobre a modernidade a classificam como a forma de organização da vida social mais civilizada, justa e racional que já criamos. Um produto da cultura ocidental europeia que deveria ser replicado pelo mundo. O triunfo da modernidade se expressaria por meio da racionalidade científica, da democracia liberal, da impessoalidade burocrática, numa narrativa que gerou efeitos globalizantes e deletérios em relação a outras culturas e formas de organização social, que são descritas como mais atrasadas ou marginalizadas.

Vários estudiosos de países que passaram pela experiência de colonização nas Américas, na África e na Ásia começaram a questionar essas concepções. A década de 1990, na América Latina, marca a ascensão de teóricos que colocarão em xeque a modernidade. Entre os principais nomes, destacam-se o peruano Aníbal Quijano e o argentino Walter Dignolo.

Eles argumentam que a retórica da modernidade funcionaria de modo a camuflar a colonialidade, que é vista como o seu “lado obscuro”. A modernidade inaugurou um tipo de dominação global com base no sistema capitalista — que só se tornaria mundial depois da colonização da América. Esse é um ponto-chave da análise: capitalismo, racismo e colonialidade estão intimamente ligados. No processo de colonialidade, estabeleceu-se uma articulação entre trabalho e raça (trabalho livre para os brancos), ser-

vidão e escravidão para os nativos e negros. A divisão social do trabalho passou a obedecer a um critério de distribuição pela raça.

Dentro dessa perspectiva crítica, surgiu o movimento feminista de caráter decolonial. Algumas das principais teóricas são as argentinas Maria Lugone e Rita Segato e a estadunidense com ascendência mexicana Glória Anzaldúa. Elas também entendem a modernidade a partir do processo de colonização da América. O principal interesse delas é o “sistema moderno colonial de gênero”, que se funda numa espécie de negação do reconhecimento do gênero. Nenhuma mulher racializada é vista como uma mulher.

Tal pensamento está ancorado num processo de desumanização. Os dominadores europeus consideram mulher apenas as mulheres brancas. Desse modo, as mulheres negras e nativas são rebaixadas a uma condição sub-humana, desprovidas de feminilidade e humanidade, elas teriam nascido para serem exploradas.

É importante percebermos que o poder opera diferencialmente na América com base na raça e no gênero. A desumanização legitimaria, portanto, o uso de violência contra essas pessoas. Existem diferentes experiências históricas coloniais, mas todas apresentam a mesma lógica de opressão. A desumanização seria o elemento comum.

É a partir da América que esse sis-

tema que seleciona pessoas pela raça e gênero se mundializa. O pensamento feminista decolonial aponta para uma premissa básica: “A vida exige apoio e condições possibilitadoras para poder ser uma vida vivível”. Isto significa, em outras palavras, que não há vida sem que determinadas condições sociais garantam a sua existência digna. A precariedade, é importante repetir, é uma condição social e econômica, não uma identidade x ou y. Ela acaba, por isso, atingindo de modo diferente certos grupos e pessoas.

Existem normas ideologicamente estabelecidas que fornecem enquadramentos morais e definem quais indivíduos ou grupos são ou não humanos, quais vidas verdadeiramente importam. O sistema colonial de gênero age de modo a produzir uma classificação de vidas que são dignas e indignas.

As saídas para esse sistema de dominação passariam por uma luta política pelo reconhecimento do outro, das culturas subalternizadas e pela união desses grupos. A ideologia neoliberal atribui ao indivíduo a capacidade e a responsabilidade pelas mudanças. Na visão do feminismo decolonial, essa ideia é equivocada. A transformação é um ato coletivo que pressupõe uma articulação comunitária. Toda e qualquer transformação da realidade deve partir da própria realidade. Como dizia Michel Foucault, os sujeitos estão tomados pelo poder, mas “onde há poder há resistência”.

Estética e Existência

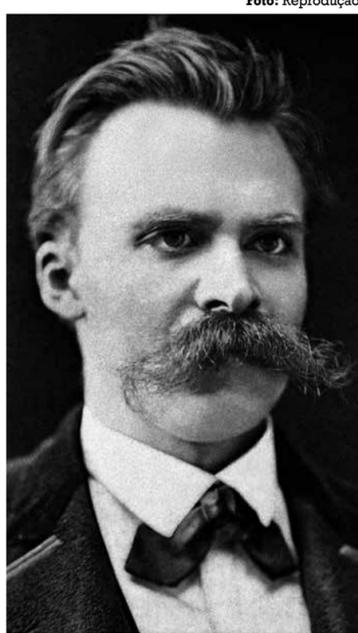
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Amor nietzschiano

As reflexões sobre o amor do filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) podem ser agrupadas em três eixos: a crítica ao amor romântico-religioso; o amor como manifestação da vontade de potência; e a proposta de um amor afirmativo, trágico e autêntico. O pensador germânico propõe uma forma de amar sem ilusões e sem submissão. Para Nietzsche, o amor deve nascer da afirmação da vida — mesmo quando esta se apresenta em suas formas mais sofridas. Amar também é um exercício de liberdade e uma arte de viver com autenticidade, gerando uma forma contínua de autossuperação. O amor torna-se, assim, uma força que impulsiona a transformação do embrutecimento humano, levando o indivíduo a se, a fim de viver mais intensamente em todas as dimensões da existência — inclusive no sofrimento e na imperfeição. O amor, então, pode ser trágico, mas é precisamente nessa tragédia que reside a beleza do próprio “sim à vida”.

Nas obras *A Gaia Ciência* (1882), *Assim Falou Zaratustra* (1883) e *Além do Bem e do Mal* (1886), Nietzsche analisa o amor no contexto cristão e romântico, os quais ele interpreta como expressões disfarçadas de fraqueza, ressentimento ou mesmo desejo de dominação. Dessa forma, ele inverte os valores tradicionais que concebem o amor como algo puro, elevado e moralmente superior, buscando revelar os instintos mais profundos e, muitas vezes, inconscientes que o movem. Dentro dessa crítica, o pensador também rejeita a ideia, frequentemente presente na tradição religiosa, de que no “amor verdadeiro” é a alma que envolve o corpo. Para Nietzsche, essa afirmação não deve ser compreendida como uma idealização espiritual do amor; pelo contrário, ela denuncia que até mesmo o amor considerado mais “puro” está impregnado de vontade — vontade de posse e de transcendência



Nietzsche: amor e a afirmação da vida

da própria limitação individual. A fusão dos amantes, nesse sentido, não é um gesto de liberdade nem um ato altruísta, mas a expressão de um desejo de expansão da própria existência, marcado pela arrogância, pela ânsia de domínio e pela tentativa de submeter o outro a si próprio.

O amor, na filosofia de Friedrich Nietzsche, vai além de um simples sentimento ou emoção. É uma atitude de aceitação total da vida, incluindo seus aspectos positivos e negativos, expressa pelo conceito de “Amor Fati”. Ele também o identifica como uma forma de instinto vital, reconhecendo a força do amor sexual — o Eros — como uma energia fundamental da natureza, mas também aponta seus perigos e suas carências. Em diversos momentos, sugere que o erótico pode ser enganoso, levando os indivíduos a perder o senso de si e a se submeter a relações de dependência e servidão. Isso é compreendido como uma ilusão — uma projeção de desejos e ideais que não têm correspondência

com a sinceridade ou a autenticidade da pessoa — a qual está relacionada à moral da compaixão ou à negação de si mesmo que é, para Nietzsche, um amor decadente. Em *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche critica o amor egoísta. Para ele, de forma disfarçada, ama-se não o outro por si mesmo, mas o prazer que ele proporciona a si, ou seja, a imagem que se projeta nele. Isso não é necessariamente condenável, mas precisa ser reconhecido com honestidade. Para o filósofo, a maturidade amorosa exige coragem para encarar essa verdade sem romantizá-la.

O amor nietzschiano é um estado de liberdade mútua, ou seja, uma relação em que cada parceiro permanece fiel a si mesmo, à própria autoestima, sem se perder no outro. Esse amor autêntico não teme a distância, o conflito ou a tensão entre os amantes; ao contrário, reconhece a alteridade do outro sem tentar anulá-la. Nietzsche propõe amar alguém por sua totalidade e singularidade — inclusive por aquilo que nele é estranho, ameaçador ou até mesmo terrível. É nessa tensão que reside sua beleza vital. O amor é um impulso criador e existencial, um caminho para a reinvenção de si, que requer coragem — para enfrentar o outro em sua alteridade — e exige um “sim” à força que anima ambos, sem abdicar da própria essência. Amar, portanto, é dizer “sim à vida” e ao outro, com todas as suas contradições — mesmo que esse “sim” envolva lágrimas, riscos e reviravoltas existenciais.

Sinta-se convidado à audição do 525º Domingo Sinfônico, que ocorrerá hoje, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, analisarei as contribuições do compositor e pianista russo Piotr Ilitch Tchaikovski (1840-1893) para o romantismo e para a afirmação da vida expressa em sua obra.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Asas de Abel

Nem Caim, nem Abel, o Silva, não o jovem compositor capixaba de 34 anos que eu adoro, mas o Abel Silva, oitentão. Abel Ferreira da Silva é carioca da gema, nasceu em 1945. Compositor e escritor, começou a carreira musical em meados dos anos 1960, época em que ainda era estudante de Letras... Tantas letras incríveis ele fez e musicou. É, mas essa maneira de começar um texto lembra uma escritora paraibana que escreve excelentes redações colegiais.

Como pode Abel Silva nos sincopar com esta história de o amor ser o elo da partida? Em “Asas de partida”, ele lembra que “são asas da imaginação, a dor voa mas volta sempre e pouca em meu coração. Voa gaiota breve, voa leve, que o mar tem alma secreta, e guarda a carne dos peixes, a solidão do poeta”. É demais.

A letra sugere uma tentativa de preencher o vazio a partir de lembranças e da aceitação da perda. Próximo e distante, Abel Silva escreveu e Fagner musicou os recados dessa canção.

Ainda seguimos Abel, das vezes em que ressuscitamos e da mesma cópula sagrada, e parece-me que há algo mais em “Asas de partida”, se nem porto, nem porteira temos, nada a medir a expansão da música, pois, nessa distância, somos apenas ouvintes, outros mortos.

Seguimos Abel sem essa indicação de uns para os outros, em busca das coisas menos ofensivas, do sim e do não, porque a música há de nos salvar.

Como pode tanta prosa bonita, em que Abel nos faz cantar tudo quanto possamos compartilhar com canções como “Jura secreta”, dele e de Suely Costa, gravada por Simone: “Só uma coisa me entristece, o beijo de amor que não roubei, a jura secreta que não fiz, a briga de amor que não causei. Nada do que posso me alucina tanto quanto o que não fiz, nada do que quero me suprime do que por não saber inda não quis”.

São canções da vida toda, ilusões à toa, rosas e espinhos, mas está aí a total falta de atenção, ninguém lê mais nada, ninguém sequer escuta boa canção. Meta a Alexa na sala e se faz sala sem nenhuma percepção. Já não temos mais tempo, sequer despedidas. Nem narcisos, nem concisos, já não existem bons compositores brasileiros.

Com afinco, finco, foco nos vasos das flores antigas do Vandrê e tanta gente não muda uma planta de lugar e quem nunca viu milagres como Caetano Veloso, se os deuses estão sempre a brotar, tambor de todos os ritmos.

Pelos sinais, sequer olé, olá. Abel Silva colocou “Festa do interior” na boca de Gal Costa, “Jura secreta” na boca de Simone, “Coração aprendiz”, que Leila Pinheiro também gravou, e tantas outras canções.

Por onde andarás Stephen Fry, Zeca Baleiro?

Kapetadas

- 1 – Os caras aí se revoltam com obviedades.
- 2 – O cara parece uma garrafa de Dreher e quer ditar o que alguém pode ou não fazer.



Abel Silva é autor de “Asas de partida” e “Festa do interior”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Cinema é a arte dos múltiplos sentidos

Ao longo de minha convivência com o cinema, vendo ou revendo filmes, tenho buscado alguns instantes de criativas reflexões prazerosas, sobretudo lúdicas. São “imagens” de significados às vezes imperceptíveis ao espectador comum, para mim, no entanto, cheias de simbolismos prementes de muitas interpretações. São coisas que nos fazem pensar diferentemente sobre elas, na busca daquele “algo mais”, que só a arte do filme proporciona.

Em um desses instantes, lembro bem, lá pelos idos de 1982, tendo assistido ao lançamento de um dos filmes do diretor Steven Spielberg — naquela época colunista e editor do Segundo Caderno do jornal *O Norte* —, escrevi sobre uma das sequências de *E.T.*, que ponderei ser simbolicamente semelhante à de outro filme que havia visto quando criança, alguns anos antes, dirigido pelo húngaro naturalizado espanhol Ladislao Vajda — o filme *Marcelino, Pan y Vino* (1955). Meu artigo repercutiu bem naquela época, sendo recentemente lembrado por um amigo, também professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em breve encontro que tivemos na Adufpb.

As sequências lembradas são as do garoto Marcelino (Pablito Calvo) aproximando-se, inicialmente temeroso, depois maravilhado, da imagem do Cristo crucificado. Já na cena do filme de Steven Spielberg, quando o garoto em seu próprio quarto tem o primeiro contato com um extraterrestre, parece existir em ambas as construções, se assim podemos



Foto: Divulgação

“Marcelino, Pão e Vinho” (1955): similaridades com “E.T.” (1982), de Spielberg

afirmar, uma semelhança perfeita, um significado único. Existe, ali, algo poderoso demais aos olhos das duas crianças dos diretores Vajda e Spielberg, singular e emblemático à importância de ambos os filmes.

Em *Marcelino* e em *E.T.*, preservada a importância dos simbolismos — o sagrado no filme de Vajda e o científico em Spielberg —, existe uma similitude justamente entre os dois momentos sequenciais. Tais semelhanças de “sentidos”, simbolicamente construídos no cinema, podem também ser “lidos” e encontrados em outros diversos filmes. Lembrem-

mo-nos, então, de *8 ½* (1963), de Federico Fellini, e *Menino de Engenho* (1966), de Walter Lima Jr., do clássico de Zé Lins. Filmes de produções de uma mesma década e nos quais encontraremos importantes motivos de comparações, embora sob uma outra ótica.

Semelhanças, signos, enriquecimento dramático, tudo isso conta na construção de um bom filme. A rigor, em arte, sobretudo em cinema, as boas performances existem para serem lembradas, copiadas, ampliadas e até melhoradas.

Para mais Coisas de Cinema, no blog: www.alexasantosph.com.br.



APC: planos para o segundo semestre

No encontro de diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC), na quinta-feira passada, foram discutidas as providências da APC para o segundo semestre. Entre elas, a que acontecerá na próxima semana, quando será votado o nome do mais novo ocupante da cadeira 37, que pertencera ao jornalista Carlos Aranha, para posterior homologação.

A reunião foi presidida pelo professor João de Lima Gomes, que recebeu proposta de um dos cineastas paraibanos, com doação de novos acervos de cinema para APC, pelo que agradeceu.

CINEMA

Banguê exhibe filmes italianos a partir de terça

Da Redação

Clássicos e novidades do cinema italiano estarão na 8 ½ Festa do Cinema Italiano, mostra que será apresentada de 1º a 10 de julho, no Cine Banguê, do Espaço Cultural. Esta será a 12ª edição do evento, que reservou dois dos maiores filmes de Federico Fellini: *A Doce Vida* (1960) e *8 ½* (1963).

Reconhecida como um dos eventos internacionais mais relevantes na difusão da cultura italiana por meio do cinema, a Festa do Cinema Italiano está presente em mais de 20 países e, no Brasil, neste ano, terá sessões em mais de 60 cidades.

A mostra reúne títulos inéditos no circuito comercial e é uma oportunidade para o público brasileiro se conectar com a diversidade, estética e riqueza narrativa da cinematografia italiana contemporânea.

O próprio nome do festival — 8 ½ — é uma homenagem ao filme homônimo de Fellini e reflete o espírito da mostra: uma celebração autoral, criativa e múltipla. A curadoria alterna entre gêneros como drama, comédia, *thriller* e documentário, promovendo um verdadeiro intercâmbio cultural entre Brasil e Itália.

Entre os destaques desta edição, estão os recentes *O Último Chefão*, *Glória!*, *Felicità* e *Vermiglio – A Noiva da Montanha*.

nha (premiado no Festival de Veneza), além das obras-primas restauradas de Fellini, marcos do cinema mundial que retornam às telas em edições especiais. *A Doce Vida* ganhou o Oscar de Melhor Figurino e *8 ½* levou dois: o Oscar de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e o de Figurino.

A 8 ½ Festa do Cinema Italiano é organizada pela Associação Il Sorpasso e conta com o apoio institucional do Ministério da Cultura da Itália, da Embaixada da Itália no Brasil e de diversas instituições culturais. Em João Pessoa, a realização é em parceria com a Fundação Espaço Cultural (Funesc).



Novos e clássicos na mostra: “Vermiglio” e “A Doce Vida”

FILMES

■ **O Último Chefão**, de Fabio Grassadonia e Antonio Piazza
 3/7 (quinta), às 20h,
 9/7 (quarta), às 20h

■ **Glória!**, de Margherita Vicario
 1/7 (terça), às 18h, 07/07 (segunda), às 16h

■ **A Doce Vida**, de Federico Fellini
 5/7 (sábado), às 19h,
 10/7 (quinta), às 19h

■ **8 ½**, de Federico Fellini
 1/7 (terça), às 20h
 6/7 (domingo), às 19h

■ **Berlinguer, la Grande Ambizione**, de Andrea Segre
 6/7 (domingo), às 17h
 8/7 (terça), às 20h

■ **A Vida à Parte**, de Marco Tullio Giordana
 6/7 (domingo), às 15h
 9/7 (quarta), às 16h

■ **Felicità**, de Micaela Ramazzotti
 3/7 (quinta), às 16h,
 8/7 (terça), às 18h

■ **O Barbeiro Conspiracionista**, de Valerio Ferrara

1/7 (terça), às 16h,
 10/7 (quinta), às 17h

■ **Dez Minutos**, de Maria Sole Tognazzi
 5/7 (sábado), às 17h,
 8/7 (terça), às 16h

■ **A Cauda do Diabo**, de Domenico De Feudis
 3/7 (quinta), às 18h,
 7/7 (segunda), às 18h

■ **Vermiglio – A Noiva da Montanha**, de Maura Delpero
 5/7 (sábado), às 15h,
 7/7 (segunda), às 20h

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Garbo Gomes: o poema é sempre pouco

Conheci o poeta Garbo Gomes, catarinense de Joinville, radicado em Curitiba, na fluidez do Facebook. Seus poemas, quase sempre de versos curtos, espremidos, medulares, milimétricos, agradam-me muito, tanto pelo recorte minimalista dos vocábulos quanto pelo viés oblíquo e paradoxal de sua visão de mundo.

Agora ando às voltas com o seu livro impresso, livro de estreia, *Poetofrenia Metalirica* (Curitiba: Toma Aí um poema 2024), convicto de que estou diante de uma voz que provoca e sugere os mais inesperados efeitos semânticos e estéticos.

Os seis blocos (posso chamá-los assim), em que se subdivide o conjunto, trazem, respectivamente, epígrafes de Maria Lúcia Alvim, Emily Dickinson, Paulo Leminski, Augusto de Campos e Marina Tzvietaieva. Talvez essas referências sinalizem para um possível pai de uma poética do autor e possam apontar para algumas notas de sua dissonância estética e de suas motivações em certo sentido anti-canônicas.

Os intertextos, as citações, as alusões, os diálogos, as leituras internas me levam a pensar num poeta culto, informado dos percursos teóricos que podem cancelar o fazer e numa poesia que se constrói numa zona tensa de confrontos e conflitos. Cabe bem, aqui, o pensamento eliotiano de que nenhum poeta pode ser conhecido sozinho.

Garbo Gomes se deixa acompanhar por algumas vozes líricas contundentes, a exemplo, entre outros e outras, de Pau Celan, William Carlos Williams, Samuel Beckett, Lawrence Ferlinghetti, Nicanor Parra e Ted Hughes.

Ao olhar crítico, pessoal e corrosivo acerca dos múltiplos aspectos da realidade contemporânea, na sua liquidez, no seu vazio, no seu absurdo, associa-se uma aguda e disfórica consciência metalinguística que testa o poder e a falácia da palavra. Mesmo que esta palavra traga, como postulou seminal, a possibilidade do poético.

“Não tenho nada / a dizer // por isso vim // o silêncio precisava / ser dito”. Estes versos fecham o poema “Hoje não temos poesia”, na página 13, e se conectam, pela lógica da matriz semântica, com estes do poema “Ofício: desperdício”, página 17: “a poesia acabou comigo / quanto mais faço mais insisto (...) a poesia é um erro / quanto mais faço mais me perco / menos falo mais sinto”.

A metalinguagem, em Garbo Gomes, quero crer, trai quase sempre um movimento problematizador. Um impulso crítico e conceitual que visa desvelar camadas do real nem sempre visíveis. Daí, uma invenção metafórica que desconcerta e uma percepção que nos aproxima do avesso das coisas.

Por isso, na sua expressão lírica ou antilírica, “todo verso é violento”; “o amor é um tropeço / o mais promissor / dos erros”; “a noite / é apenas / uma palavra / suja / e escura” e “poesia é uma / fábrica de fraturas”.

Viriato Gaspar, poeta maranhense que assina o postácio, fala de “imagens distópicas” que beiram o escatológico, ligando Garbo Gomes à tradição dos poetas malditos franceses do século 19. Não o desminto. Mas penso também nos poetas da geração beat dos Estados Unidos, naquilo que revelam de *outsiders*, na vida e na arte.

Enfim, a poesia que nos apresenta nesta primeira coletânea, se, aqui e ali, não consegue fugir ao apelo do experimental, à sedução dos processos inventivos no branco da página, à magia dos aspectos gráficos e visuais, não incide, contudo, no mero vazio dos metaludismos. Ao contrário: é uma poesia agônica e crítica do ponto de vista existencial. Uma poesia que nos alerta para o fato de que “o fim de tudo / é o primeiro / passo” e que “o poema é sempre pouco / a vida não cabe dentro”.



Foto: Divulgação

Garbo Gomes: poeta com um olhar crítico, pessoal e corrosivo

Colunista colaborador

ESTRATÉGIA DE GESTÃO

Parcerias miram desenvolvimento

Alianças entre iniciativas públicas e privadas impulsionam investimentos em áreas prioritárias na Paraíba

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com



Foto: Arquivo Pessoal

As parcerias público-privadas (PPPs) representam uma modalidade de concessão de médio e de longo prazo, entre o Poder Público e a iniciativa privada, que tem sido cada vez mais explorada como estratégia para viabilizar investimentos em áreas prioritárias, com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento socioeconômico regional.

Em linhas gerais, uma PPP é firmada quando o ente público delega a uma empresa ou a um consórcio privado a responsabilidade pela construção, operação ou manutenção de um ativo público por um período que, geralmente, varia de cinco a 35 anos. Em contrapartida, o parceiro privado é remunerado pelo Poder Público e/ou pelas tarifas dos usuários, sempre com base em metas de desempenho e qualidade pré-estabelecidas em contrato.

O advogado Alberdan Coelho, especialista em Direito Administrativo, ressalta que, quando a administração realiza um contrato dessa modalidade, a transparência e a fiscalização dos serviços não são negligenciadas pelo ente público. “O cidadão precisa saber que, mesmo com a participação privada, o serviço continua sendo uma responsabilidade do Estado, mas a execução e, muitas vezes, o investimento inicial, são feitos pelo parceiro privado, que será remunerado com base em metas de desempenho”, esclarece.

Uma das principais dúvidas relacionadas às PPPs diz respeito à diferença entre elas, a concessão pública comum e as privatizações. Nas concessões públicas comuns, a empresa privada executa o serviço público por sua conta e risco. Por outro lado, na PPP, o Estado compartilha com a empresa privada tanto o financiamento quanto os riscos envolvidos no empreendimento. Já na privatização, a venda do ativo público é realizada e, conseqüentemente, há transferência de titularidade do bem ou da empresa à iniciativa privada.

“O que torna a PPP um modelo tão específico é, justamente, essa colaboração financeira direta do Estado e o desenho

“Mesmo com a participação privada, o serviço continua sendo uma responsabilidade do Estado”

Alberdan Coelho

contratual focado no compartilhamento estruturado de riscos, indo além da simples arrecadação de tarifas”, salienta o advogado Alberdan Coelho.

Otimização dos serviços

Para o secretário-executivo de PPPs do Estado da Paraíba, Francisco Petrônio Rolim, o principal objetivo de uma parceria público-privada é aprimorar a capacidade de investimento do setor privado para a execução de projetos que o setor público, sozinho, teria dificuldades para financiar ou gerir.

“Qualquer governo responsável se preocupa em ser eficiente, para que possa otimizar os recursos públicos. Por meio das PPPs, conseguimos, de certa forma, acelerar obras e projetos que impactam, diretamente, a vida das pessoas, seja no saneamento, na saúde, na energia limpa, no turismo ou na requalificação de espaços públicos antes ociosos”, afirma.

Modalidades e trâmites

Segundo a legislação nacional, existem dois tipos de parcerias público-privadas: a concessão patrocinada e a administrativa. Na patrocinada, a remuneração do parceiro privado provém de uma combinação de tarifas pagas pelos usuários dos serviços e



Foto: Divulgação/Qualities

Rododopping localizado no Distrito de Cajá, em Caldas Brandão, recebeu investimentos de, aproximadamente, R\$ 7 milhões

de uma contraprestação paga pelo Poder Público. Um exemplo clássico são os projetos de rodovias pedagiadas, nos quais o governo complementa a receita das tarifas para garantir a viabilidade do projeto.

Na modalidade de concessão administrativa, o Poder Público é o usuário direto ou indireto dos serviços. A remuneração do parceiro privado é feita integralmente pelo Estado. São exemplos comuns

a construção e a operação de presídios, hospitais ou escolas, em que o cidadão não paga uma tarifa direta pelo uso.

Processo minucioso

O desenvolvimento de um projeto de PPP pode ser resumido em cinco etapas: estudos preliminares; inclusão no Plano Estadual de PPPs; manifestação de interesse da iniciativa privada; audiência pública; e licitação.

O processo licitatório é realizado na modalidade concorrência ou de diálogo competitivo, para selecionar o parceiro privado que apresente a proposta mais vantajosa para a administração pública.

Na primeira categoria, qualquer interessado pode participar, desde que comprove os requisitos de qualificação definidos no edital, enquanto a segunda é designada para licitações de alta

complexidade, em que a administração pública estabelece um “diálogo” com o mercado, anteriormente à abertura do edital, com a finalidade de desenvolver uma solução para determinada demanda.

Após a licitação, o contrato é assinado e o parceiro privado inicia os investimentos e a operação do serviço, sob a fiscalização constante do Poder Público e de suas agências reguladoras.

Programa estadual gerencia 12 projetos

O secretário-executivo de PPPs, Francisco Petrônio Rolim, salienta que a busca por parcerias com a iniciativa privada é estabelecida no sentido de ofertar serviços de forma mais ágil e custando menos para o Estado. “Então, a gente busca, acima de tudo, eficiência. E, se a gente busca eficiência, a gente vai obter eficácia do serviço para o cidadão”, argumenta o gestor.

Atualmente, o Programa de Parceria Público-Privada da Paraíba possui 12 iniciativas em sua carteira de projetos. Entre eles, existem projetos concluídos; em execução; com contrato assinado, prontos para início da execução; e em fase de estruturação.

Segundo Francisco Petrônio Rolim, a carteira de projetos de PPPs na Paraíba foi selecionada a partir de “critérios técnicos, com foco na geração de valor público, na melhoria dos serviços a serem ofertados, na eficiência da gestão, na redução de custos operacionais para o Estado e na promoção do desenvolvimento econômico local e regional”.

Truck Center PB

O Truck Center PB é o único dos projetos concluídos e consiste em uma infraestrutura de apoio com serviços destinados aos clientes e parceiros do Porto de Cabedelo. Entregue em janeiro, é uma iniciativa conjunta do Ministério de Portos e Aeroportos e do Governo da Paraíba, por meio da Companhia Docas. Sua execução ficou por conta do Consórcio PB Truck Cen-

ter, composto pelas empresas Marajó Logística, Campinense Transportes e RL Construções. No total, foram investidos R\$ 16 milhões na obra.

Rododopping

O Rododopping Paraíba, localizado no km 86 da BR-230, no Distrito de Cajá, em Caldas Brandão, é o único projeto em execução, atualmente. Localizado entre as duas pistas duplicadas da rodovia, o empreendimento será chamado de Lesto e prevê um complexo multifuncional, com finalidades rodoviárias — como abastecimento e ponto de apoio aos viajantes — e comerciais — com lojas e lanchonetes.

A concessão inicial prevista é de 25 anos, podendo ser ampliada por mais cinco anos. O investimento gira em torno de R\$ 7 milhões, arcaado pela empresa Qualities, que compõe o grupo Comenda, vencedora da licitação. O edital também prevê o pagamento de, aproximadamente, R\$ 16 mil mensais ao Estado, relativos à outorga pelo uso da área. A conclusão do empreendimento está prevista para agosto, com inauguração em outubro.

Segundo o diretor da empresa, Jefferson Oliveira, um dos maiores desafios foi a recuperação estrutural do espaço, devido ao abandono do local há mais de 10 anos. “Conseguimos aproveitar parte do telhado, que passou por reforço e instalação de novas calhas, mas o restante foi praticamente refeito: paredes demolidas, novas redes elétrica e hidráulica, reorganização

de leiaute e reconstrução total da estrutura interna”, conta.

Para Jefferson Oliveira, as PPPs são importantes para o desenvolvimento do Estado, pois reduzem a necessidade de aporte de capital público e minimizam riscos para o governo. “Ao fim do contrato, o Estado não recebe de volta apenas um prédio reformado, mas sim um empreendimento maduro, validado pelo mercado, com operação eficiente e infraestrutura de alto padrão”, pontua.

Energia fotovoltaica

Neste mês, foi assinado pelo governador João Azevêdo o contrato de concessão do Sistema de Geração de Energia Fotovoltaica, que contempla a implantação de miniusinas de energia solar em regiões da Paraíba. O contrato prevê uma concessão de 25 anos, sem a necessidade de aporte inicial de recursos públicos, e com investimentos de R\$ 74 milhões ao longo da duração da concessão.

Paraíba Saneada

O Paraíba Saneada é um dos projetos que estão em vias de estruturação e visa à universalização dos serviços de saneamento básico, contemplando 93 municípios entre as microrregiões de água e esgoto (MRAE) do Litoral e Alto Piranhas. A proposta encontra-se no estágio de estudos de viabilidade e modelagem, desenvolvido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e tem um investimento previsto de cerca de R\$ 5,6 bilhões, até 2033.

Além do Paraíba Saneada, outros projetos também encontram-se em fase de estruturação, como: a criação de abatedouros Frigoríficos Regionais, em Uiraúna, Mari e Solânea (em vias de licitação); a concessão dos Centros de Convenções de João Pessoa e Campina Grande (em estudos de viabilidade); a revitalização do Estádio Almeidão e do Ginásio Ronaldão, em João Pessoa, e do Estádio Amigão, em Campina Grande; a gestão de Parques Naturais, como o Jardim Botânico de João Pessoa; a modernização das Centrais de Abastecimento (Ceasas) de João Pessoa e Patos; além da otimização de terminais rodoviários do estado.



Foto: Leonardo Arxel

“A gente busca, acima de tudo, eficiência. E, se a gente busca eficiência, a gente vai obter eficácia do serviço”

Francisco Petrônio Rolim



Foto: Divulgação/Secom-PB

Programa Paraíba Saneada contemplará 93 municípios



Foto: Reprodução/FreePik

Novo Código Eleitoral disciplina o uso de influenciadores, perfis falsos ou robôs para impulsionar conteúdo nas redes sociais

REGULAMENTAÇÃO

Senado vai disciplinar uso de IA em campanhas

Texto reunirá dispositivos legais para a utilização de ferramentas nas eleições

Agência Senado

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado Federal vota, no dia 9 de julho, o projeto do novo Código Eleitoral (PLP 112/2021), analisando também o uso da inteligência artificial (IA) nas eleições. O relator da matéria, senador Marcelo Castro (MDB-PI), incluiu no texto uma série de dispositivos para regular e punir o uso abusivo de ferramentas de inteligência artificial nas campanhas.

O novo Código Eleitoral disciplina o uso de influenciadores, perfis falsos ou robôs para impulsionar conteúdo nas redes sociais, assim como a aplicação de ferramentas de inteligência artificial. Para Marcelo Castro,

o tema é “novo e muito complexo”.

“Tivemos todo o cuidado para que as pessoas não pudessem usar a inteligência artificial para deformar, desinformar e manipular a opinião pública. Nenhuma imagem, nenhuma manifestação através de inteligência artificial poderá ser publicada sem que fique expressamente claro que aquilo é fruto de IA. Senão, você poderia muito bem pegar a imagem de uma pessoa dizendo coisas completamente contrárias àquilo que ela gostaria de dizer”, afirmou o parlamentar em entrevista à TV Senado.

O projeto autoriza a Justiça Eleitoral a determinar a remoção de posts que não obedecem às regras. Está prevista também a suspensão de con-

tas de candidatos no caso de publicação reiterada de conteúdo considerado ilegal.

Debate na Casa

O senador Rogério Marinho (PL-RN) questiona dispositivos do relatório. Para ele, algumas medidas ampliam o papel do Poder Judiciário em definir o que deve ou não ser considerado lícito ou *fake news*.

“Ampliam a responsabilização dos cidadãos e comunicadores por discursos potencialmente interpretáveis como ilegítimos. Você está criminalizando a crítica, está restringindo o debate público, está imputando penas às pessoas pela simples discordância”, afirmou Marinho.

O projeto estava na pauta da CCJ, no dia 11 de junho.

Sem acordo, o colegiado decidiu adiar a votação. O prazo para o recebimento de emendas vai até a próxima quarta-feira (2).

“

Nenhuma imagem de IA poderá ser publicada sem que fique claro que é fruto de inteligência artificial

Marcelo Castro

Proposta proíbe simulação de imagem e voz

Dados contabilizados até a quinta-feira (26), mostram que o PLP 112/2021 havia recebido mais de 350 emendas. Na última versão do relatório, Marcelo Castro havia acolhido duas sugestões que buscam regular o uso da inteligência artificial nas eleições.

A primeira emenda incorporada foi proposta pelo senador Jaques Wagner (PT-BA). Ele sugere a proibição de técnicas de inteligência artificial para simular voz ou imagem de pessoas vivas ou falecidas nas campanhas, mesmo que com autorização e independentemente de haver ou não intenção de enganar o eleitor.

A emenda de Jaques Wag-

■ **Regras para a utilização da inteligência artificial em campanhas eleitorais será aplicada para pessoas vivas ou falecidas**

ner também previa a remoção, pelas plataformas digitais, de conteúdo manipulado, no prazo de 24 horas. Marcelo Castro não acolheu essa parte da sugestão. Segundo o relator, esse item ainda não está “suficientemente maduro” para ser incorporado.

A segunda emenda acolhida foi proposta pelo senador

Rogério Carvalho (PT-SE), mas adaptada por Marcelo Castro. Originalmente, ela tipificava o crime de criar e divulgar conteúdo de cunho sexual gerado por inteligência artificial para afetar a imagem de candidato a cargo eletivo. A pena prevista seria de um a quatro anos de reclusão. Castro incluiu a sugges-

ção em um artigo do Código Eleitoral que já pune com a mesma pena a divulgação de fatos inverídicos. No novo relatório, se o fato inverídico envolver o uso de inteligência artificial para simular a participação do candidato em situação de cunho sexual explícito, a pena é aumentada de um terço até a metade.



Foto: Sílvia Cruz/Agência Senado

Marcelo Castro acolheu parte das emendas apresentadas até o momento em seu relatório

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (1)

Na busca desesperada de leitores modernos, já que os antigos perderam parcialmente a visão ou estão na sua zona definitiva de conforto, ponho-me a redigir microcrônicas. Textos curtos para a geração TikTok.

Esta forma de texto breve, de uma a cinco linhas, começou a tomar força a partir dos webescritores, com a evolução das redes sociais.

Rápida apresentação nessa série de escritos breves. Nascido totalmente por acaso numa cidadezinha de Pernambuco, vivo minha vocação de paraibano há quase 70 anos. Cara de mal-humorado, texto azedo e cáustico, sou um elemento generoso, embora um pouco mentiroso. Nunca batalhei com a tarja preta nem bebi em excesso, dessas bebedeiras em que você quer salvar o mundo e acaba pinel. Se bem que manter a loucura em fogo brando é recomendável para não surtar de vez.

Clarice Lispector indagava: crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não quero contar histórias. Penso em me dar a liberdade de escrever o que o que penso, sem limites. O poetinha recebeu a missão de escrever cordel sobre determinado tema. Sem dominar a técnica, bagunçou a rima, a métrica e a oração. “É meu estilo”, justificou.

Quando o poeta estava em seus primeiros suspiros literários, sentiu-se confiante ao ver seus versos publicados no *blog*. Definiu-se trovador moderno, no apogeu da era digital. Cada vez mais os textos iam encolhendo, ao mesmo tempo que decaíam. Chegou ao tamanho mínimo, na dimensão do seu talento.

Provavelmente, aquela era uma mulher fria. Poucas pessoas no mundo têm o olhar, olfato e prática de detectar uma mulher fria, quando a vê. Aristides era uma dessas pessoas. Para identificar uma fêmea gélida, há que aprender a perceber aquele corpo que sente frio constantemente, mesmo em climas tórridos, examinar de perto aquele ser emocionalmente distante, conferir sua temperatura afetiva. Aristides era bom nisso. E gostava de se relacionar com esse tipo de mulher. No mínimo, elas não exigem muito. Nem muito nem pouco. Elas nunca encontrarão o grande amor, mas gostam da amizade com respeito ao diferente, que faz a vida melhor.

— Eu nunca aprendi a cozinhar. A senhora sabe fazer um bolo de macaxeira?

— Não.

— Me dê uma receita fácil para um jantar solitário.

— Papa de aveia. São 250 ml de leite com três colheres de aveia. Açúcar a gosto, se suas taxas estiverem normais. É uma joia da natureza. Regula o intestino dos velhos e controla os níveis de colesterol.

O idoso enxerido se sentiu, de alguma maneira, ofendido.

Começo de um conto semierótico. “Essa história tem um certo sabor independente e livre, com laivos de modernismo, mas, ao final, é feita de implicações normais das relações humanas desde que descemos das árvores para andar eretos. Aliás, ereto é algo que endureceu, tornando-se túrgido, na plenitude da ação. O que não é o caso, nessa narrativa decrépita”.

OROPOUCHE

Desmatamento facilita propagação

Pesquisas conduzidas pela Fiocruz mostram como a destruição da Amazônia levou a casos da doença no Sudeste

Agência Gov

Dois estudos recentes, ambos com colaboração de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), revelam como o vírus Oropouche, historicamente associado à Amazônia, chegou a outras regiões do país. Os artigos detalham a introdução do arbovírus no Espírito Santo e no Rio de Janeiro desde o início de 2024 e apontam que fatores como desmatamento e mudanças climáticas são propulsores da circulação do patógeno. Essa propagação, segundo análises genômicas, originou novas sublinhagens fora da Amazônia.

Transmitido principalmente pelo maruim (*Culicoides paraensis*), o Oropouche provoca sintomas semelhantes aos da dengue e da *chikungunya*, como febre alta, dor de cabeça intensa, dores musculares e nas articulações. “A nova linhagem do Oropouche chegou ao Sudeste no início de 2024 e, em dois meses, já havia muitos casos. O vírus encontrou um nicho ecológico favorável e se espalhou rapidamente, criando ainda outras sublinhagens”, explica o chefe do Laboratório de Arbovírus e Hemorrágicos

do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e coautor dos dois estudos, Felipe Naveca. As investigações contaram com a participação de profissionais da Fiocruz Amazônia, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz) e de outras instituições de pesquisa.

Dispersão acelerada

O artigo “Emergência do vírus Oropouche no estado do Espírito Santo, Brasil, 2024”, publicado na revista *Emerging Infectious Diseases*, analisou 339 casos confirmados de Oropouche notificados, de março a junho de 2024, no território capixaba. Os pesquisadores basearam-se em dados de vigilância epidemiológica coletados pelo Ministério da Saúde, por meio dos sistemas e-SUS Notifica e Gerenciador de Ambiente Laboratorial (GAL).

Distribuídas em 17 municípios capixabas, a maioria das ocorrências foi observada em regiões de cultivo de café, cacau, pimenta e coco. Esses ambientes, segundo Naveca, são ideais para a proliferação do maruim. “Essa associação com culturas como banana e cacau faz sentido, porque são locais com muita matéria orgânica em decomposição e

umidade — condições favoráveis à proliferação do maruim”, comenta.

A análise genômica revelou que os casos capixabas estão ligados à linhagem conhecida como OROVBR-2015-2024, originada na Amazônia, que foi descrita no artigo “Surto humano de um novo vírus Oropouche recombinante na região amazônica brasileira”, coordenado por Naveca. Os dados mostram que essa versão do vírus é resultado de um rearranjo genético, ou seja, herdou parte do material genético de outros vírus que circularam recentemente na Amazônia, formando uma nova combinação de segmentos genômicos.

As novas pesquisas também identificaram múltiplas introduções independentes do vírus no Espírito Santo, vindas de diferentes regiões da Amazônia, o que reforça o potencial de expansão da arbovirose para outras áreas do Sudeste. Outro aspecto que chamou a atenção dos cientistas foi a velocidade de transmissão. Em cerca de 11 semanas, a febre oropouche atingiu um número de casos semelhante ao



Vetor da doença, maruim prolifera-se em locais com matéria orgânica em decomposição

Fotos: Divulgação/Fiocruz

de arboviroses já estabelecidas no estado, como dengue e *chikungunya*.

Transmissão

O artigo estima que cada pessoa infectada pode transmitir o vírus pelo vetor para outros três indivíduos, em média. “A transmissibilidade estimada é semelhante às dinâmicas observadas em arbovírus urbanos e silvestres que circulam em populações que tiveram pouco ou nenhum contato com

o vírus”, observa a pesquisa.

Na prática, esses dados indicam que o Oropouche encontrou, no Espírito Santo, um ambiente com grande quantidade de pessoas vulneráveis, o que favoreceu a rápida disseminação. Para os pesquisadores, a alta taxa de transmissão, somada à falta de imunidade coletiva, representa um sinal de alerta para o risco de novos surtos em outras regiões que ainda não enfrentaram a circulação do vírus.

O estudo ainda destaca que o perfil dos infectados foi majoritariamente de homens adultos, especialmente aqueles com mais de 20 anos. Esse perfil, segundo Naveca, é compatível com a rotina de trabalhadores das propriedades rurais, que estão mais expostos ao vetor. “A predominância masculina pode refletir a exposição ocupacional em atividades agrícolas, aumentando o contato com o vetor”, aponta o pesquisador.

Estudo identificou intercâmbio entre sublinhagens do RJ e do ES

No estado do Rio de Janeiro, o estudo “Transmissão sustentada do vírus Oropouche na Mata Atlântica do Rio de Janeiro: evidências genômicas ao longo de um período de dois anos”, disponível em formato de *preprint* na plataforma medRxiv, analisou a disseminação do Oropouche no estado, a partir de dados de vigilância epidemiológica. Os pesquisadores utilizaram informações do Painel Epidemiológico do Ministério da Saúde, que registrou mais de 1,5 mil casos confir-

mados de janeiro de 2024 a maio de 2025.

Ainda em andamento, a pesquisa já foi capaz de indicar que o epicentro da transmissão foi o município de Pirai, no sul fluminense. De lá, o vírus se espalhou para a Região Metropolitana e para o norte fluminense, atingindo principalmente municípios pequenos localizados em áreas de Mata Atlântica.

As análises genômicas identificaram uma sublinhagem chamada OROVRJ/ES, presente tanto no Rio de Ja-

neiro quanto no Espírito Santo. A descoberta reforça o cenário de intercâmbio viral entre os dois estados, indicando que o vírus não apenas chegou ao Sudeste, mas também passou a circular de forma local nas duas regiões.

“A linhagem OROVBR-2015-2024 saiu da Amazônia e se espalhou por diferentes regiões do Brasil, estabelecendo surtos fora das áreas tradicionais. No Espírito Santo e no Rio de Janeiro, observamos sublinhagens específicas que mostram como

o vírus se adaptou e circulou localmente”, destaca Naveca.

Além de mapear as rotas de disseminação, o estudo calculou a velocidade média de propagação do vírus no estado do Rio. Segundo os pesquisadores, a sublinhagem OROVRJ/ES espalhou-se a uma taxa média de 0,3 km por dia, com picos de até 0,5 km/dia no início de 2024, caindo para cerca de 0,1 km/dia ao longo de 2025.

A maioria dos deslocamentos ocorreu em distâncias muito curtas, conside-

rando o trajeto entre os locais de transmissão identificados nas análises genômicas. O texto explica que metade dos eventos de dispersão do vírus aconteceu em menos de 2 km, enquanto outros 30% ocorreram de 2 km e 10 km. Na prática, esse padrão de dispersão ajuda a explicar por que os casos se concentraram em pequenos municípios no entorno da Mata Atlântica, onde a proximidade entre comunidades e áreas de vegetação preservada favoreceu a transmissão local do vírus.

■ **Maior parte dos casos foi registrada em municípios no entorno da Mata Atlântica, com o epicentro na cidade de Pirai (RJ)**

Mudanças climáticas causaram a proliferação dos mosquitos vetores

Felipe Naveca reforça que fatores como mudanças climáticas e degradação ambiental estão diretamente ligados à expansão do Oropouche para áreas fora da Amazônia. “Desmatamento e alterações no regime de chuvas intensificaram a abundância de vetores e criaram zonas de dispersão, como o sul do Amazonas, Acre e norte de Rondônia — que se tornaram áreas com alta concentração de casos e intensa transmissão viral”, explica.

Segundo o pesquisador, embora o Espírito Santo tenha registrado queda nos casos recentemente, é possível que, no futuro, o vírus torne-se recorrente em estados como Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Isso porque o Oropouche pode circular silenciosamente em animais e voltar a infectar humanos quando

houver vetores suficientes. “Nós temos uma população sem imunidade prévia. Se houver condições ecológicas favoráveis e vetores abundantes, o vírus pode se estabelecer de forma permanente fora da Amazônia”, alerta. Os resultados reforçam a importância da vigilância genômica no monitoramento de arboviroses emergentes.

Segundo o pesquisador, a inclusão do Oropouche nos protocolos de diagnóstico foi fundamental para a identificação dos casos no Sudeste. “Se não houvesse teste específico para oropouche, esses casos passariam como suspeitos de infecção por dengue”, salienta o especialista.

Além do IOC, participaram do estudo no Espírito Santo pesquisadores da Fiocruz Amazônia (ILMD/Fiocruz), da Universidade Fede-

ral do Espírito Santo (Ufes) e da Secretaria da Saúde do Espírito Santo. Para a pesquisa no Rio de Janeiro, profissionais da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz) atuaram ao lado do IOC/Fiocruz.

■ **Vigilância genômica e inclusão do vírus nos protocolos de diagnóstico ajudam a prevenção e o combate**



Em condições favoráveis, o vírus pode se estabelecer de forma permanente fora da Amazônia

Felipe Naveca

COMARCA DE ITABAIANA-PB
Ofício Único de Tabelionato de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

REGINA COELI RODRIGUES DA SILVA, Oficiala do Ofício Único de Tabelionato de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN da Comarca de Itabaiana-PB, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora CAIXA ECONOMICA FEDERAL – CNPJ 00360305000104, do contrato de financiamento imobiliário nº 844442466545, firmado em 07/01/2021, na Matrícula nº 13133, neste cartório, referente ao imóvel situado em RUA José de Araujo Costa, nº 33, Alto Alegre, ITABAIANA-PB – CEP 58360-000, VENHO PELO PRESENTE INTIMAR O(S) SENHOR(ES) JOSENILTON JOSÉ VEIRA – CPF *** 698.844-**, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas aos encargos devidos que se encontram vencidos, sujeito a atualização monetária, aos juros de mora e acréscimo das despesas de cobrança e honorários advocatícios, até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, os encargos que vencerem no prazo desta intimação. Salientamos que o (s) Sr. (a) poderá efetuar a purga da mora na agência da CAIXA detentora do financiamento, no caso a Agência Itabaiana do Norte, dentro do prazo definido nesta intimação. Assim, procedo à INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado à Rua São Vicente de Paulo nº 30 – Itabaiana-PB, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 dias úteis, contados a partir da data desta publicação. Nesta oportunidade, ficam Vossas Senhorias identificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONOMICA FEDERAL, nos termos do Art. 26, § 7º da Lei 9.514/97. Eu, Enequina Helena Rodrigues Quirino, Escrevente substituta, o digitei. Itabaiana, 26/06/2025.

COMARCA DE ITABAIANA-PB
Ofício Único de Tabelionato de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

REGINA COELI RODRIGUES DA SILVA, Oficiala do Ofício Único de Tabelionato de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN da Comarca de Itabaiana-PB, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora CAIXA ECONOMICA FEDERAL – CNPJ 00360305000104, do contrato de financiamento imobiliário nº 844443515937, firmado em 02/08/2024, na Matrícula nº 14741, neste cartório, referente ao imóvel situado em RUA Amapá nº 24, A. Bairro Estados, ITABAIANA-PB – CEP 58360-000, VENHO PELO PRESENTE INTIMAR O(S) SENHOR(ES) HENRIQUE SOUZA DA SILVA – CPF ***.020.934-**, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas aos encargos devidos que se encontram vencidos, sujeito a atualização monetária, aos juros de mora e acréscimo das despesas de cobrança e honorários advocatícios, até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, os encargos que vencerem no prazo desta intimação. Salientamos que o (s) Sr. (a) poderá efetuar a purga da mora na agência da CAIXA detentora do financiamento, no caso a Agência Itabaiana do Norte, dentro do prazo definido nesta intimação. Assim, procedo à INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado à Rua São Vicente de Paulo nº 30 – Itabaiana-PB, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 dias úteis, contados a partir da data desta publicação. Nesta oportunidade, ficam Vossas Senhorias identificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – CAIXA ECONOMICA FEDERAL, nos termos do Art. 26, § 7º da Lei 9.514/97. Eu, Enequina Helena Rodrigues Quirino, Escrevente substituta, o digitei. Itabaiana, 26/06/2025.

OPORTUNIDADES

Prefeituras do Sertão abrem vagas

Há certames em Patos e Veirópolis que somam mais de 500 funções para os níveis médio, técnico e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Quem está em busca de uma vaga no serviço público vai encontrar boas oportunidades no Sertão paraibano. As prefeituras de Patos e Veirópolis abriram editais para contratação de novos servidores. Em Patos, o concurso público reúne 558 vagas, entre imediatas e cadastro de reserva, com salários que ultrapassam os R\$ 4 mil. Já em Veirópolis, município próximo a Sousa, trata-se de um processo seletivo com cinco vagas e remuneração de R\$ 3 mil. As funções contemplam áreas estratégicas, como Saúde, Educação, Segurança e Fiscalização, com opções tanto para profissionais com Ensino Superior quanto para quem tem nível médio.

Todos os níveis

Em Patos, o concurso da Prefeitura é um dos maiores em andamento no interior da Paraíba. Ao todo, são 558 vagas abertas, sendo 215 para preenchimento imediato e 343 para cadastro reserva, voltadas a profissionais de níveis médio, técnico e superior. Os salários ofertados vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 4 mil, por jornadas semanais de 20 a 40 horas. Para participar, o candidato deve acessar o *site* do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan) até o dia 28 de julho e seguir as instruções. A taxa de inscrição varia de R\$ 110 a R\$ 150, conforme o

cargo pretendido. Falando nisso, há oportunidades para diversas funções, como guardas civis municipais, professores, fiscais de obras, médicos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, topógrafos e engenheiros civis.

O concurso é organizado em três editais diferentes. O primeiro deles contempla a maior parte das vagas, com foco nas áreas de Saúde, Educação, Fiscalização e Engenharia. O segundo, por sua vez, é específico para a Guarda Civil Municipal, com 10 vagas imediatas e 30 para cadastro de reserva. Já o terceiro edital é voltado ao cargo de procurador municipal, com duas vagas imediatas e quatro de cadastro. Nesse caso, é necessário ter graduação em Direito e registro na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Quanto à avaliação, todos os candidatos farão uma prova objetiva, marcada para 31 de agosto, com conteúdo relacionado a Conhecimentos Gerais e Específicos. Além disso, alguns cargos terão etapas adicionais, como prova discursiva, análise de títulos, teste físico, avaliação psicológica, exames de saúde, investigação social e curso de formação.

Processo seletivo

Já em Veirópolis, o edital contempla um processo seletivo simplificado para a contratação de cinco profissionais de nível médio. As oportunidades são para agente de combate às endemias e agente comunitário de saúde, com salário de R\$



Em Patos, o edital do concurso prevê salários que vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 4 mil, por jornadas semanais de 20 a 40 horas

3 mil para uma jornada de 40 horas semanais. As inscrições devem ser feitas de forma presencial até o dia 3 de julho, na sede da Prefeitura ou na Secretaria da Casa Civil, conforme o horário de atendimento. A taxa é de R\$ 50. Sobre a seleção, será aplicada uma prova objetiva no dia 20 de julho e, posteriormente, os candidatos passarão por avaliação médica. O conteúdo programático inclui questões de Língua Portuguesa, Raciocínio Lógico, Informática, Legislação de

Saúde Pública e Conhecimentos Específicos.

Entre os requisitos para concorrer às vagas, dois se destacam. O primeiro é a necessidade de comprovar residência no município e na área onde o candidato pretende atuar. Além disso, é preciso ter concluído ou estar cursando a formação inicial exigida para os cargos. O processo seletivo terá validade de dois anos, podendo ser prorrogado por igual período, a critério da administração municipal de Veirópolis.



Pelo QR Code acima, acesse o edital da Prefeitura de Patos



Pelo QR Code acima, acesse o edital da Prefeitura de Veirópolis

Topógrafo é quem traça os limites antes de a obra começar

Muito antes de assentar um tijolo, alguém precisa medir e mapear o terreno para garantir que tudo esteja no lugar certo. Embora não apareça nas fotos de inauguração, é o topógrafo quem interpreta os dados e traça os limites do que um dia será construído. Não à toa, a profissão exige precisão milimétrica e muito preparo para enfrentar o campo com os pés no barro e sob o sol forte, muitas vezes em condições pouco favoráveis. Em resumo, a topografia é a base da construção civil e, também, uma das áreas

mais impactadas pelas mudanças tecnológicas. Com o avanço das geotecnologias, parte do trabalho já migrou para as telas. Mas nem todos os profissionais estão prontos para trocar o campo por uma sala com ar-condicionado.

Apesar da responsabilidade envolvida, há muitos “topógrafos” atuando na área sem estarem legalmente habilitados para isso — e esse é um dos pontos que mais preocupam quem forma profissionais para o setor. Segundo Sidney de Oliveira Dias, engenheiro

civil, professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e doutor em Ciências Geodésicas, essa é uma função que deve ser exercida apenas por quem tem formação específica e registro profissional. “Sem isso, é exercício ilegal da profissão e contravenção penal”, afirma. E não se trata de exagero, como se bastasse saber usar uma trena para fazer as medições. Para o professor, a contradição está no fato de que muitos profissionais são contratados para grandes obras sem a qualificação necessária. “Infelizmente,

é comum ter ‘topógrafos’ que ‘aprenderam’ sozinhos ou praticando em campo, atuando em grandes projetos de engenharia”, alerta.

Qualificação

Para exercer a função com responsabilidade e conhecimento técnico, há três caminhos possíveis: cursos técnicos em Agrimensura (medição de terras) ou Geoprocessamento; cursos tecnológicos nessas mesmas áreas; ou graduação em Engenharia Civil, Engenharia Cartográfica ou Engenharia de Agrimensura. Sydney reforça que investir em qualificação não é apenas uma exigência do mercado, mas uma questão de segurança pública — afinal, o trabalho do topógrafo envolve medir distâncias, ângulos, altitudes e coordenadas que determinam a base sobre a qual edifícios, estradas e usinas serão erguidos. “A execução de levantamentos topográficos é uma atribuição privativa dos técnicos em agrimensura, tecnológicos ou engenheiros”, afirma o profissional. E completa: mesmo os tecnólogos precisam de registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea) para atuar.

Embora o termo “topógrafo” seja amplamente usado nos canteiros de obras, a função não se limita à construção civil. Segundo o professor Sydney, a topografia tem espaço em diferentes áreas, como arquitetura, agricultura, gestão ambiental e planejamento ur-

bano. “A topografia é a ‘coluna dorsal’ tanto para o agrimensor como também para praticamente tudo que está envolvido com a construção em geral”. Não por acaso, estradas, ferrovias, loteamentos e grandes empreendimentos continuam sendo os principais empregadores. Mas, como ele bem lembra, nos últimos anos, outro setor tem puxado essa fila: o de energias renováveis. “Hoje, o mercado que está em alta são as usinas de energia eólica e energia fotovoltaica”, afirma. No Nordeste, onde esses empreendimentos se expandem rapidamente, a demanda por levantamentos topográficos também tem crescido na mesma velocidade.

Habilidades

No entanto, quem pensa que a topografia se resume a fazer medições está enganado. Além de operar equipamentos caros e de alta precisão, esse profissional também costuma liderar equipes compostas por auxiliares, motoristas e outros profissionais de apoio. Por isso, além do domínio técnico, é essencial desenvolver habilidades de liderança, gestão de pessoas e boa comunicação. E, claro, diante do alto valor dessas ferramentas, o cuidado com o manuseio também é indispensável. Aliás, outro desafio está em formar grupos dispostos a encarar as adversidades do trabalho externo. “O trabalho de campo é muito duro”, resume o professor. Em

vez do conforto do escritório, o topógrafo precisa lidar com deslocamentos longos, noites maldormidas e falta de estrutura. “Hoje, muitos profissionais preferem trabalhar no escritório, no ar-condicionado, já que o trabalho de campo é muito mais sofrido”, conta. Ainda assim, Sydney reconhece: há quem ame essa rotina mais aventureira.

Se você deseja transformar a profissão em carreira pública, o concurso da Prefeitura de Patos pode ser uma boa oportunidade. O edital oferece uma vaga imediata e quatro para cadastro reserva, com salário-base de R\$ 1.518 e jornada de 40 horas semanais. Para concorrer, é necessário ter curso técnico na área. Entre as atribuições, estão a realização de levantamentos topográficos, análise e interpretação de dados, elaboração de cálculos, plantas, croquis e desenhos técnicos, além de outras atividades relacionadas à medição e representação de terrenos. É uma chance para quem já atua no setor ou busca estabilidade.

■ Embora o termo “topógrafo” seja amplamente usado nos canteiros de obras, a função não se limita à construção civil



No Nordeste, a demanda por levantamentos topográficos também tem crescido na mesma velocidade da procura por esse trabalho



Selic

Fixado em 18 de junho de 2025

15%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,27%

R\$ 5,483

Euro € Comercial

-0,26%

R\$ 6,419

Libra £ Esterlina

-0,01%

R\$ 7,524

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Mai/2025 0,26

Abril/2025 0,43

Março/2025 0,56

Fevereiro/2025 1,31

Janeiro/2025 0,16



EMPREGO

Mercado ainda exclui população LGBTQIAPNb+

Em 2024, percentual de pessoas trans desempregadas na capital ficou em 73%

Todos os dias, Thalys Silva chega à empresa AeC, em João Pessoa, com o compromisso de transformar a realidade de novos colaboradores. Instrutor de treinamento, ele é responsável por capacitar equipes, transmitir conhecimentos e preparar profissionais para o atendimento ao público. Mas o caminho até esse cargo foi trilhado com esforço e dedicação. Há seis anos e um mês, Thalys ingressou na empresa como atendente, função que exerceu com afinco até se candidatar, em 2023, ao processo seletivo para supervisor. Aprovado, não demorou para se destacar novamente, sendo promovido ainda no mesmo ano à função de instrutor.

A trajetória de Thalys é marcada pela competência e pela superação. E, embora represente um exemplo inspirador, ele ainda foge à dura regra vivida por grande parte da população LGBTQIAPNb+, em especial as pessoas trans, que enfrentam um mercado de trabalho excludente, marcado por preconceito, baixa escolaridade e transfobia institucional. “É preciso que o protagonismo da população trans seja reavaliado dentro das instituições, tanto no papel de usuáries quanto como prestadoras de serviços”, defende Thalys, homens trans, ao destacar que inclusão não deve se limitar à representatividade simbólica, mas precisa estar presente em todos os níveis de uma organização. “Aqui na empresa, esse é um processo muito natural, mas sei que está longe de ser uma realidade ainda”, complementa.

Dados da Coordenadoria Municipal de Promoção da Cidadania LGBTQI+ e Igualdade Racial de João Pessoa confirmam esse abismo social. Em 2024, o número de pessoas trans desempregadas na capital paraibana – e cadastradas



Centro de Referência LGBTQI+ auxilia inserção no mercado de trabalho, explica Laura Brasil

na coordenadoria – foi de 73%, quase 65 pontos percentuais a mais do que a média de desocupação em todo o estado. “Os números evidenciam o desafio, mas também guiam estratégias de atuação focadas em acesso, permanência e proteção de direitos. Com base nisso, desenvolvemos programas específicos de inclusão, como o Feirão da Empregabilidade, cursos de gastronomia, inglês e Libras, além de ações com o setor empresarial”, destaca o coordenador de Promoção à Cidadania LGBTQI+ e de Igualdade Racial, Geraldo Filho.

Iniciativas da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana também vêm construindo uma rede integrada de ações para mudar esse cenário. Segundo Laura Brasil, gerente-executiva de Direitos Sexuais e LGBTQIAPN+ –

gão vinculado à Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana do Governo da Paraíba (Semdh) –, o ponto de partida é o Centro de Referência LGBTQI+, que funciona em João Pessoa e Campina Grande. O serviço realiza o cadastramento detalhado dos usuáries, mapeando desde identidade de gênero, documentação civil, escolaridade, acesso à saúde, até as condições de inserção no mercado de trabalho. “A partir desse perfil, buscamos garantir os direitos básicos e encaminhar a pessoa para a qualificação profissional e posterior inserção no mercado”, explica Laura.

A Secretaria oferece, ainda, cursos profissionalizantes *on-line* gratuitos e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em parceria com a EducaNexus. Além disso, trabalha com o Sine estadual e programas interse-

toriais, como o Pride Cozinha & Voz, realizado em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Ministério Público do Trabalho, o Grupo Se e outras entidades públicas e privadas.

“Trabalhamos com dois níveis: o da qualificação das pessoas LGBTQIAPNb+ e o da formação de ambientes de trabalho que acolham e respeitem essa diversidade. A evasão de profissionais LGBTQIAPNb+ muitas vezes não é pela falta de oportunidades, mas pela ausência de políticas internas de acolhimento e combate ao preconceito”, complementa Laura. Ela ressalta, ainda, o programa Meu RG, Minha Cidadania como outro instrumento de apoio importante, que facilita o acesso à documentação básica com o nome social, fundamental para o ingresso formal no mercado.

Ações ampliam políticas de empregabilidade

Apesar dos avanços legislativos e das mobilizações sociais em prol da igualdade, o mercado de trabalho continua sendo um ambiente hostil para a população LGBTQIAPNb+, especialmente para pessoas trans. A análise é do juiz do trabalho André Machado Cavalcanti, gestor do Comitê de Igualdade de Gênero, Raça e Diversidade do TRT da Paraíba, que defende a criação de políticas de empregabilidade mais robustas e ambientes laborais verdadeiramente inclusivos.

“Há políticas e programas voltados para a empregabilidade de pessoas LGBTQI+, especialmente trans, mas ainda de forma incipiente. Não conseguimos alcançar a grande maioria

das pessoas que estão à margem da proteção dos direitos sociais e do mercado formal de trabalho”, afirma. Segundo o magistrado, cerca de 90% das pessoas trans recorrem à prostituição como forma de sobrevivência, não por escolha, mas por falta de alternativas reais de inserção profissional.

Buscando reverter esse quadro, o Poder Público tem articulado ações. Em maio, uma reunião no MPT-PB reuniu representantes do MTE, MPF, MPPB e entidades da sociedade civil para discutir caminhos de inclusão laboral. Durante o encontro, foi assinado um Protocolo de Intenções com a Aliança LGBTQI+ para fortalecer iniciativas de empregabilidade e com-

bate à discriminação.

O TRT-PB também tem atuado de forma proativa. Um dos projetos em destaque é o Diversidade na Comunidade, voltado à inclusão profissional da comunidade quadrilheira de Campina Grande. “Buscamos estimular e preparar esse público para o mercado de trabalho”, explica André.

No plano nacional, o Programa de Equidade de Raça, Gênero e Diversidade da Justiça do Trabalho já alcança todos os 24 TRTs do país, promovendo formações e fortalecendo a cultura da diversidade. Outro avanço é o Protocolo para Atuação e Julgamento com Perspectiva Antidiscriminatória, Interseccional e Inclusiva. “Participei da cons-

trução desse documento no subgrupo de gênero e sexualidade. Ele já tem efeito vinculante, com base em decisões do STF e resoluções do CNJ”, conclui.

“

O mercado continua sendo um ambiente hostil para a população LGBTQIAPNb+

André Machado Cavalcanti

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

João Pessoa emerge como polo de oportunidades

João Pessoa e toda a Paraíba vivenciam um notável ciclo de desenvolvimento econômico, com a capital se destacando no cenário regional. Mesmo diante de desafios nacionais, a cidade registra indicadores positivos, como intensa geração de empregos, atração de investimentos e um boom imobiliário sem precedentes, surpreendendo até veteranos do setor.

Esse bom momento é fruto de uma conjunção de fatores. O tradicional setor de serviços, impulsionado pelo avanço do turismo, diversificação do comércio e expansão educacional e empresarial, ganhou nova força. A gestão pública tem sido crucial, com investimentos estratégicos em empreendedorismo, digitalização e desburocratização. A postura ética da gestão municipal e estadual, aliada ao equilíbrio fiscal, construiu um ambiente de confiança que atrai capital privado, nacional e estrangeiro. O novo Plano Diretor, implementado com cautela ambiental, também foi bem recebido pelo mercado, estimulando negócios e a indústria da construção civil.

A construção civil, aliás, desempenha um papel fundamental. João Pessoa vive uma fase intensa de verticalização e expansão urbana planejada, com o aquecimento imobiliário impulsionando toda a cadeia produtiva e gerando empregos. A cidade registrou uma das maiores valorizações do metro quadrado no país em 2024 (entre 15% e 20%), evidenciando a busca por moradia e trabalho.

Paralelamente, João Pessoa se consolida no novo mapa de investimentos privados do Brasil, atraindo grandes grupos empresariais de setores estratégicos. Na tecnologia, a HostDime investe mais de R\$ 250 milhões na ampliação de seu *datacenter*, visando tornar a capital um polo estratégico em infraestrutura digital no Norte e Nordeste. Os Call Centers, por sua vez, somam mais de R\$ 200 milhões em aportes, criando 15 mil empregos, com destaque para a AeC, que emprega mais de 12 mil pessoas.

As energias renováveis também recebem força, com a Rio Alto Renováveis investindo R\$ 1,4 bilhão em complexo fotovoltaico na Paraíba, impactando diretamente a economia da capital. O Ecoparque da Orizon, que gera 5,7 MW a partir de resíduos, reforça o compromisso com a sustentabilidade.

O turismo de alto padrão é outra vocação consolidada. No Polo Turístico do Cabo Branco, estão previstos mais de R\$ 3 bilhões em investimentos privados para hotéis e resorts, que dobrarão a oferta de leitos na cidade. Esse projeto, por si só, já gera impacto positivo na empregabilidade e atrai um ecossistema de novos negócios, ampliando o raio de influência de João Pessoa como articuladora do desenvolvimento estadual.

Tudo isso se traduz em dados concretos: João Pessoa foi a capital nordestina que mais cresceu em empregos percentualmente, com 50 mil novos contratos em quatro anos, um aumento de 29% no cadastro de carteiras assinadas. Há uma queda histórica na taxa de desemprego e aumento consistente do Produto Interno Bruto (PIB) local. Os bancos que financiam imóveis testemunham o bom desempenho de suas carteiras, refletindo a confiança do setor privado.

Com sua qualidade de vida reconhecida, segurança institucional, mão de obra qualificada e um ambiente propício para empreender, João Pessoa projeta-se como referência em inovação, sustentabilidade e desenvolvimento urbano no Brasil, mostrando que é possível crescer com equilíbrio, inclusão e uma clara visão de futuro.

AGROPECUÁRIA

Estudo reduz lacunas de rendimento

Cientistas revelam caminhos para aumentar a produtividade da agricultura e da pecuária sem abrir novas áreas

O desafio de alimentar uma população global em crescimento, sem avançar sobre novas áreas de vegetação nativa, passa por melhorar o desempenho dos sistemas agropecuários existentes. Na pecuária baseada em pastagens, uma saída promissora está em reduzir o que especialistas chamam de lacunas de rendimento — a diferença entre o que uma propriedade rural produz hoje e o quanto ela poderia produzir em condições ideais.

Um estudo internacional recém-publicado na revista científica *Agricultural Systems*, com participação de pesquisadores da Embrapa, analisou as principais ferramentas disponíveis para medir essas lacunas e propôs formas mais precisas de estimar o potencial produtivo dos sistemas pecuários. O objetivo é orientar produtores, técnicos e formuladores de políticas públicas a investir de maneira mais estratégica, aumentando a eficiência e reduzindo os impactos ambientais.

Os cientistas alertam que modelos atuais frequentemente ignoram variáveis como estratégias de pastejo, composição da pastagem e pastejo seletivo dos animais, o que limita a precisão das análises. A integração desses aspectos poderia contribuir para o uso mais eficiente dos recursos e para a intensificação sustentável da produção, sem a necessidade de abertura de novas áreas.

As pastagens cobrem cerca de 70% da área agrícola global e desempenham um papel crucial na segurança alimentar e na oferta de serviços ecossistêmicos. Com a demanda global por carne e leite crescendo anualmente, o estudo reforça a importância de aprimorar os sistemas produtivos existentes em vez de converter novas terras para a pecuária.

A análise de lacunas de rendimento pode ser uma ferramenta estratégica para produtores e formuladores de políticas públicas, permitindo investimentos mais eficientes e sustentáveis.

Pesquisadores recomendam que futuras investigações considerem não apenas os fatores técnicos, mas também os contextos socioeconômicos e políticos para impulsionar a intensificação sustentável da pecuária ba-

seada em pastagens.

Uma revisão abrangente analisou métodos para avaliar lacunas de rendimento, com foco nos sistemas de produção pecuária baseados em pastagens. A complexidade desses sistemas decorre da interação entre plantas, animais e condições ambientais, tornando a avaliação das lacunas mais desafiadora.

Conjunto de métodos

Diversos métodos foram discutidos, incluindo *benchmarking*, agrupamento climático, análise de fronteira e modelos de sistemas de produção. Cada abordagem difere em escalas de análise, exigências de dados e aplicações específicas. De acordo com a pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste (SP) Patrícia Menezes Santos, algumas metodologias são adequadas para escalas maiores, como estudos globais ou nacionais, enquanto outras se aplicam a um nível mais local, como uma fazenda.

Além disso, algumas consideram fatores socioeconômicos, enquanto outras se concentram em aspectos biofísicos. “Essas ferramentas auxiliam a identificar áreas que tenham maior potencial de aumento de produtividade, ou seja, nas quais é mais promissor mobilizar os recursos necessários para direcionar os esforços e investimentos de forma mais estratégica”, destaca Santos.

A pesquisadora ressalta a importância dessas metodologias para que os gestores públicos tenham uma ideia para direcionar melhor seus esforços, como a mobilização de assistência técnica e de infraestrutura. Para ela, a decisão de intervenção não depende apenas do produtor, mas de toda uma organização necessária para criar um ambiente favorável à transformação.

Incentivos ainda são baixos

O estudo destaca o *benchmarking* como um método amplamente utilizado, que compara o desempenho de fazendas ou regiões com as de maior produtividade. Apesar da simplicidade e aplicabilidade comercial, ele não considera insumos ou variáveis econômicas.

As estimativas de lacunas de produtividade a partir do método de análise de



O estudo reforça a importância de aprimorar os sistemas produtivos existentes em vez de converter novas terras para a pecuária

fronteira examinam a eficiência técnica e econômica, usando modelos estatísticos e econométricos, e podem ser aplicadas em diferentes escalas de produção. De acordo com o pesquisador Geraldo Martha, da Embrapa Agricultura Digital (SP), as análises da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontam que a agropecuária brasileira, em particular a pecuária, opera com baixos níveis de incentivos, de maneira que essa perspectiva, aproximando as dimensões biofísica e econômica, é muito importante para entender as transformações que ocorrem, de fato, no mundo real.

Segundo Martha, isso ocorre porque as perspectivas do produtor quanto aos custos de oportunidade e aos riscos envolvidos na tomada de decisão são únicas a uma dada combinação produtor-propriedade, uma vez que a quantidade e a qualidade de recursos (terra, trabalho, capital físico e humano) e de insumos, bem como os preços relativos envolvidos, variam caso a caso.

Outro método analisado no estudo, agrupamento climático, prioriza o potencial técnico para aumento da produtividade focando

em fatores como clima e tipo de sistema de produção, sem considerar estratégias de manejo, nutrição e pastoreio. O método é adequado para aplicação em escala mais ampla e contribui para avaliar a adoção de práticas bem-sucedidas de manejo entre regiões com climas semelhantes. Apesar da limitação por depender de bases de dados de larga escala, o método é flexível e pode incorporar características regionais ou outras variáveis para fornecer uma visão das regiões com alto potencial de intensificação de sistemas de produção.

O estudo também discutiu a análise de lacunas de produtividade por meio de modelos de sistema de produção que abrangem a capacidade de suporte de pastagens, com a produtividade primária da pastagem e eficiência do pastejo, e modelos baseados em conceitos de ecologia da produção, que considera processos biofísicos dos animais e pastagens ao longo do tempo.

“Modelos empíricos e mecanicistas têm sido desenvolvidos com o objetivo de estimar a disponibilidade de massa de forragem em siste-

mas de produção pecuária”, destaca Gustavo Bayma, analista da Embrapa Meio Ambiente (SP) e também autor do artigo. Segundo ele, essa estimativa, também viabilizada por técnicas de sensoriamento remoto e modelagem, possibilita a avaliação de grandes extensões de área de forma contínua e sistemática, sendo essencial para o cálculo da capacidade de suporte das pastagens e, consequentemente, para um manejo mais eficiente da forrageira e dos animais nas propriedades rurais.

Abordagens integradas intensificam as produções pecuária e agrícola

A produtividade agropecuária pode ser avaliada por diferentes métodos, sendo os principais a análise de dados usando modelos matemáticos e a análises estatísticas. Essas abordagens foram aplicadas globalmente para medir lacunas de rendimento na pecuária e na agricultura, como na produção de leite, na Etiópia e Índia, e no cultivo de arroz, na Tanzânia e Filipinas, por exemplo.

No Brasil, estudos combinaram imagens de satélite e modelos dinâmicos para identificar áreas aptas à intensificação da produção pecuária. A escolha do modelo depende dos dados disponíveis e do nível de detalhamento necessário para cada sistema produtivo.

A complexidade em comparar diferentes métodos e a falta de padronização nas análises dificultam a identificação dos fatores que impactam as lacunas de rendimento, evidenciando a necessidade de abordagens integradas para aprimorar a eficiência produtiva.

A combinação de métodos pode fornecer *insights* mais completos para a tomada de decisões no setor agropecuário. A análise de

lacunas de produtividade é essencial para a intensificação sustentável da pecuária. A escolha do método deve alinhar-se aos objetivos, mas modelos de sistemas de produção são os mais promissores, desde que aprimorados.

A diversidade dos sistemas de produção também influencia os resultados. Enquanto a agricultura de subsistência depende majoritariamente de trabalho manual e terra, sistemas comerciais incorporam tecnologias avançadas, como genética melhorada, maquinário e ferramentas digitais, o que os torna mais resilientes às variações climáticas. Essa discrepância afeta diretamente as estimativas de produtividade e seus fatores determinantes.

Os pesquisadores explicam que, dada a complexidade do tema, a combinação de múltiplos métodos de análise pode oferecer percepções mais abrangentes. Isso permite que diferentes agentes, como agricultores e formuladores de políticas públicas, adotem estratégias específicas para mitigar as lacunas produtivas. A escolha das ações dependerá da natureza da lacuna — seja a diferen-

ça entre o rendimento atual e o máximo tecnicamente viável, ou entre esse limite e o potencial de produção condicionado pela disponibilidade de água.

A redução das lacunas pode trazer um grande impacto para a agropecuária, com aumento da produção sem necessidade de desmatamento, melhoria na renda dos produtores rurais e redução das emissões de gases do efeito estufa (GEE) por quilo de carne ou leite produzido.

Essas lacunas podem ser uma oportunidade para transformar a pecuária em um setor mais eficiente e sustentável. Como apresentado no trabalho, a combinação de tecnologias, políticas públicas e capacitação técnica pode fechar essas lacunas e beneficiar a economia e o meio ambiente.

■ Estudos combinam imagens de satélite e modelos dinâmicos para identificar áreas aptas à intensificação da produção pecuária



Pesquisadora Patrícia Menezes defende que as abordagens devem ser individualizadas

HACKATHON

PB premiará projetos sobre o oceano

Governo vai investir R\$ 75 mil nas três melhores iniciativas selecionadas por meio de uma competição de tecnologia

Ascom Secties

O Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), investirá um total de R\$ 75 mil para o desenvolvimento dos três projetos que vencerem o Hackathon – Oceano Digital.

Trata-se de um competição de tecnologia com três dias de duração na qual equipes formadas por graduandos elaborarão projetos que visem a aproximação das pessoas aos ecossistemas costeiros. A maratona acontecerá de 23 a 25 de julho, durante a Exposição Científica, Tecnológica e Cultural (Expotec 2025), em João Pessoa. As inscrições são efetuadas somente pela internet, por formulário disponível no site da Secties, e se encerram amanhã.

Cada equipe pode ter até cinco integrantes matriculados em cursos de graduação de universidades ou do Instituto Federal sediados na Paraíba, com idade de 18 anos ou mais. Podem participar estudantes de qualquer curso (equipes multidisciplinares), que tenham uma ideia relacionada ao tema "Oceano".

O secretário da Secties, Claudio Furtado, destacou a importância da ação para o desenvolvimento científico com foco na preservação do litoral paraibano. "A Hacka-

thon tem uma dinâmica que prevê a evolução das equipes numa experiência imersiva. Os participantes aprendem conceitos de empreendedorismo, de inovação tecnológica relacionados com as necessidades reais da sociedade. A gente tem um litoral riquíssimo, e pensar em inovação voltada para preservação dos ecossistemas costeiros é essencial. Com esse apoio, queremos incentivar ideias que saiam do papel e façam diferença, tanto para o meio ambiente quanto para formação dos estudantes", afirmou.

Na competição, as equipes

deverão apresentar propostas para "(re)conectar a sociedade, especificamente na Paraíba, aos ecossistemas costeiros por meio de tecnologias emergentes e ações inovadoras de cultura oceânica", como especificado no edital de inscrição.

O tema inclina-se a ampliar a percepção da importância do mar no dia a dia das pessoas, estabelecer um diálogo esclarecedor com relação à cultura oceânica, conscientizar quanto à sustentabilidade, entre outros objetivos. Isso implica no reconhecimento da importância do oceano para a vida no planeta, da geração



Foto: Márcia Dementhal/Secties

Equipes deverão apresentar propostas para reconectar a sociedade aos ecossistemas costeiros por meio de tecnologias emergentes e ações inovadoras

Prazo

As inscrições são efetuadas somente pela internet, por formulário disponível no site da Secties, e se encerram amanhã

de atividades equilibrando o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e do bem-estar social, sem comprometer a renovação dos recursos naturais.

A maratona terá atividades presenciais pela manhã e à tarde, totalizando 20 horas de competição. A problemática será apresentada pelo Programa Estratégico de Estruturas Artificiais Marinhas (Preamar) e haverá um momento para conversar e entender melhor o problema. Na programação para os três dias, as equipes seguirão a metodologia de ideação com

palestras, mentorias e avaliações para criar e gerenciar uma ideia inovadora.

Ao fim, o momento de culminância dos trabalhos é o "pitch", quando as equipes apresentam os resultados para uma banca avaliadora. Essa banca seguirá critérios estabelecidos no edital. Os três melhor avaliados dividirão o total de R\$ 75 mil para serem aplicados na sua execução e terão acesso, por seis meses, ao programa de pré-incubação no Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, com orientação técnica e suporte para tirar o projeto do papel.

Faixa costeira na Paraíba se estende por 133 km

O Brasil ocupa um espaço marítimo de 5,7 milhões de km², área comparável à da Amazônia. A faixa costeira na Paraíba se estende por cerca de 133 km, além do perímetro dentro do mar, e inclui, pelo menos, seis unidades de conservação protegidas por lei.

Os cientistas reconhecem o oceano como uma só massa de água salgada que cobre 70% do planeta Terra. "Chamamos essa imensa porção pelos nomes Atlântico, Pacífico, etc.

Mas o oceano, como um todo, desempenha um importante papel na produção de oxigênio; é a área onde há maior absorção do gás carbônico. Dele provêm as condições climáticas, a manutenção da biodiversidade, além de possibilitar atividades que contribuem para a subsistência da população", explica Karina Massei, bióloga marinha na Paraíba.

Aliar os fatores da cultura oceânica com soluções advindas da tecnologia atra-

vés do Hackathon – Oceano Digital será uma oportunidade para gerar inovações para a convivência na área costeira em atividades de característica econômica, de lazer, esportes, pesquisa científica, manifestações culturais, ou tantas outras.

De um lado, estão os desafios a serem superados: a redução da poluição dos mares por plásticos e pelos transportes marítimos; combate à pesca ilegal; efetivar nos países os acordos internacionais para a pro-

teção do oceano; recuperação dos corais branqueados. De outro, a prática da cultura oceânica que emprega ações como a educação ambiental, ciência cidadã, capacitações, articulações entre as instituições, exposições, eventos buscando, pelo diálogo, integrar o oceano às coletividades urbanas, às comunidades.

O programa Preamar é uma das iniciativas que ocupam esses espaços para disseminar a cultura oceânica e preservar o ambiente marinho. É financiado principalmente pelo Governo do Estado da Paraíba, por meio da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep), e conta com o apoio de instituições de ensino e pesquisa, e órgãos de fiscalização.

O coordenador-geral, Cláudio Natividade, professor do Instituto Federal da Paraíba, explica: "Ocupamos espaços do ponto de vista da interlocução, sensibilização, aproximação, reconexão desses temas com a sociedade que se afastou de tais conhecimentos". O professor acrescentou que dentro do mar, o projeto visa aliviar a pressão nos recifes naturais, mitigar o impacto do turismo desordenado ou da pesca descontrolada, utilizando estruturas ecológicas artificiais.

Há também no estado projetos de cultura oceânica, como Mares sem Plástico (UFPB), Guajiru (ONG), Semana Oceânica e Escola Azul (Instituto Inpact), Restauração Ecológica de Corais (projeto de pesquisa/UFPB), Coral Eu Cuido (UFPB), Fundação Mamíferos Aquáticos/Projeto Viva o Peixe-Boi-Marinho (ONG), Núcleo de Estudos em Ecologia e Conservação Marinha (Necomar/IFPB), entre outros.

Estado tem TAC com nove prefeituras

O Preamar exerceu papel preponderante para o estabelecimento de um gerenciamento costeiro integrado da Paraíba. Articulou a assinatura de Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), via Ministério Público Federal, com as nove prefeituras litorâneas da Paraíba, firmando o compromisso de planejar e investir em infraestruturas baseadas no conhecimento técnico-científico gerado pelo Preamar.

É uma ação inédita no Brasil, conduzindo a administração pública na promoção do desenvolvimento socioeconômico de maneira sustentável. "O gerenciamento vai corrigir problemas atuais, ajudar na preparação para as mudanças climáticas, aumento do nível do mar que enfrentaremos futuramente. E prevê obras e infraestruturas com menos impacto possível e fundamentadas em soluções baseadas na natureza", destaca Claudio Natividade.

Foto: Mateus de Medeiros/Secties



Equipes de estudantes discutem a prática de cultura oceânica que emprega diversas ações de educação ambiental

RECIFES ARTIFICIAIS

Quando o concreto ajuda a natureza

Projeto vai instalar blocos na costa paraibana, reforçando as estruturas naturais e fomentando a biodiversidade

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Uma área de cerca de 840 m² de concreto deverá ser implantada, nos próximos meses, na costa litorânea da Paraíba, a uma profundidade de 10 m a 50 m da superfície do mar. E não se trata de um material qualquer — é resistente ao sulfato, para manter a integridade na água do mar; tem índice de acidez mais próximo ao neutro, além de oferecer uma superfície rugosa para assentamento dos organismos marítimos. Esses blocos de concreto são os recifes artificiais (RA), estruturas que visam contribuir com o reforço nos recifes costeiros naturais, fomentar a biodiversidade local e ofertar mais opções para práticas de pesca e mergulho.

O projeto de implantação dos recifes artificiais na costa paraibana é capitaneado pelo Programa Estratégico de Estruturas Artificiais Marinhas da Paraíba (Preamar), desenvolvido por meio de acordo entre o Governo do Estado, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e o Ministério Público Federal na Paraíba (MPF-PB), com parceria de pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e de mais seis institutos públicos de pesquisa. A iniciativa está, neste momento, em processo de licenciamento pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), após obter o aval da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e da Marinha do Brasil.

A expectativa é que haja a instalação de 14 mil blocos de concreto, de dimensões de 50 cm x 50 cm x 50 cm, distribuídos em 14 pontos da plataforma continental dos municípios de João Pessoa, Cabedelo, Conde e Lucena — uma área equivalente a 4,5 vezes o tamanho do estádio Maracanã, no Rio de Janeiro. “Os blocos do Preamar foram especialmente desenvolvidos para atender aos objetivos do programa, que são recuperar a biodiversidade, fomentar o turismo náutico e subaquático e incrementar a pesca artesanal e esportiva”, explica o coordenador do Preamar e professor do curso de Oceanografia e Meteorologia do IFPB, Claudio Dybas.

“São blocos muito resistentes. Eles têm uma rugosidade que favorece o assentamento larval e aberturas que vão favorecer o refúgio dos organismos. A gente tem um potencial de recuperar a biodiversidade, aliviar a pressão dos ambientes naturais em relação ao turismo, aumentar a produção pesqueira, criar novos pontos para pesca esportiva e criar pontos de mergulho contemplativo. É uma ação estratégica, que pensa no desenvolvimento socioeconômico de forma sustentável”, completa.

Além de aplicar blocos de concreto, especialmente desenhados de modo a criar e fortalecer o ecossistema desses ambientes marinhos, o plano do projeto inclui a criação de uma área temática de mergulho em um parque submerso de esculturas. As pessoas poderão visitar esse local e fazer um mergulho contemplativo, com estímulo às atividades de turismo náutico e subaquático, aliviando a pressão nos ambientes naturais.



Fotos: Divulgação/Sudema

Blocos serão implantados em uma área de 840 m², nos municípios de João Pessoa, Cabedelo, Conde e Lucena

Corais protegem praias e outros seres vivos

A inserção de recifes artificiais na plataforma oceânica reforça a importância que os próprios recifes naturais desempenham para o ambiente das costas, para a biodiversidade marinha e também para o desenvolvimento econômico. No caso da Paraíba, regiões como Areia Vermelha, Picãozinho e Caribessa são áreas recifais com grande potencial turístico.

Os recifes coralíneos nos litorais paraibano e nordestino, como explica Dybas, são de arenito, ou seja, pro-

duto da sedimentação e solidificação de areia, e apresentam o que, há cerca de oito mil anos, foi a linha da costa. Os recifes também podem ser rochosos, isto é, projeções da plataforma continental, ou biogênicos, quando formados por esqueletos de organismos calcários. Essas “muretas” do mar servem de colônia para organismos que se grudam a elas, como corais e moluscos, e para aqueles que se movem sobre sua superfície, como estrelas, ouriços e pepinos-do-mar. Daí, a im-

portância dos recifes na biodiversidade.

Outra função de grande relevância, exercida por essas estruturas, reside na relação com o ambiente da costa. Como os recifes estão próximos à superfície do mar e às ondas que chegam ao continente, eles são os locais nos quais a energia dessas ondas é dissipada. Com isso, evitam mais erosões nas praias, costas e falésias, como expõe o pesquisador do IFPB. “A onda tem um comprimento e uma amplitude. Quando

esse comprimento e amplitude interagem com o recife, a onda perde energia e chega mais fraca à areia da praia. A existência desses bancos de recifes, que podem ter corais e um monte de organismos, é importante para manutenção da estabilidade da linha de costa, porque, quando a onda chega com menos energia, ela movimenta menos sedimentos. As praias que têm recifes à sua frente tendem a ser mais estáveis”, esclarece Dybas.

Mas, como todo o pla-

neta, os recifes coralíneos podem sofrer as consequências das mudanças climáticas, afetando o ecossistema que os cerca. O aumento da temperatura do mar pode impactar a simbiose entre esses espaços e as algas que os habitam. Em contrapartida, a presença delas contribui para a vitalidade e a manutenção dos corais, pois elas estão na base da cadeia alimentar e mantêm o espaço vivo e saudável. Caso essas algas se desassociem dos corais pelo calor das águas, o recife corre o risco de passar pelo processo de branqueamento, uma vez que perde a cobertura desses seres e fica branco.

“O branqueamento dos recifes pode causar a mortalidade das colônias e diminuir o processo de fabricação de esqueletos calcários. O metabolismo dos corais também diminui. Essas barreiras podem ficar mais fracas, os próprios esqueletos podem se quebrar e não crescer. Isso teria impacto sobre a erosão costeira, perdendo-se gradativamente a função de dissipar a energia das ondas”, explica Claudio. Nesse cenário, o aumento do nível do mar amplia a possibilidade de que as ondas interajam menos com as barreiras de recife e cheguem com mais força à linha da costa, agravando processos erosivos.

Potencial turístico deve ser explorado com moderação

Há de haver equilíbrio para que o turismo não se torne algo danoso a esses ecossistemas marinhos, pontua Dybas. Isso porque a presença humana, por si só, pode provocar danos nas estruturas e no entorno dos recifes coralíneos. Entre as ações prejudiciais mais comuns, estão o pisoteamento dos corais, a produção de resíduos sólidos e de dejetos das embarcações, a influência na qualidade da água, o trânsito de motores que assoreiam corais e organismos e a alimentação intencional de animais.

“A gente está falando de um grande desafio, que é o

uso turístico dessas áreas. O melhor caminho é estabelecer um limite de visitação e a capacidade de suporte dessas áreas, além de fazer um plano de manejo e de ordenamento em comum acordo com usuários, operadores e órgãos de gestão. Isso tudo para poder ter uma resiliência e uma contensão de sobrevivência um pouco maior”, completa o professor.

Para realizar o manejo e os cuidados necessários, a Paraíba conta com duas Unidades de Conservação (UC) em ambientes de corais: o Parque Estadual Marinho de Areia Ver-

melha, em Cabedelo, criado em 2000, e a Área de Proteção Ambiental (APA) Naufrágio Queimado, localizada entre Cabedelo e João Pessoa. A existência dessas UCs possibilita a definição de restrições quanto ao uso das áreas recifais, delimitando o acesso, as práticas permitidas, a exploração para o turismo e a fiscalização. Essa regulação segue planos de manejo e planos de ação emergencial, além das legislações ambientais estaduais e federais.

A fiscalização e o manejo dos espaços ficam sob responsabilidade da Sudema, um órgão estadual,

que promove, entre outras iniciativas, ações educativas junto aos frequentadores das regiões de recife. “A Sudema vem atuando por meio de fiscalização e monitoramento, especialmente durante o verão, garantindo a observância dos planos de manejo. [Também atua por meio] de projeto de balizamento na APA Naufrágio Queimado, deli-

mitando zonas de recuperação de corais, participação em audiências públicas e assinatura de Termos de Ajustamento de Conduta (TAC) sobre turismo em recifes, junto ao MPF, com ações para criar planos emergenciais durante o verão”, detalha a coordenadora de Estudos Ambientais da Superintendência, Taisa Régis.



Sudema realiza ações educativas nas praias, especialmente durante o verão, quando há mais movimento

SOB PRESSÃO

Sousa busca respiro na Série D

Em caso de derrota, o clube do Sertão pode ver suas chances de classificação ao mata-mata se extinguirem

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Sousa recebe o Horizonte, hoje, às 19h, no Marizão, pela 10ª rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D. O Alvirverde, neste momento, é o lanterna da chave, com apenas sete pontos. Em nove jogos, o clube venceu dois, empatou um e perdeu seis. No duelo do primeiro turno contra o time cearense, o Dino perdeu por 2 a 1. Em caso de derrota nesta noite, a agremiação sertaneja pode ver suas chances de classificação ao mata-mata se extinguirem.

O principal problema do Sousa na atual edição

da Série D segue sendo o desempenho fora de casa. Nesses confrontos, o time não somou pontos. O clube perdeu os cinco jogos que realizou longe do Marizão (Santa Cruz-PE, Santa Cruz-RN, Treze, Horizonte e América-RN).

No entanto, o desempenho dentro de casa tem permitido ao torcedor ainda sonhar com uma vaga no G4 da chave. Como mandante, foram duas vitórias, um empate e uma derrota, o que resulta nos sete pontos somados. O primeiro passo para a arancada é vencer a partida de hoje, diante do seu torcedor, para depois, então, melhorar o desempenho como visitante.

O adversário

O Horizonte faz uma campanha similar à do Sousa. O time cearense ocupa a sétima posição do Grupo A3, com oito pontos, sendo duas vitórias, dois empates e cinco derrotas. Assim como o Dino, o Galo do Tabuleiro não tem um bom desempenho atuando fora de casa, tendo quatro derrotas nas quatro partidas como visitante.

Arbitragem

A árbitra principal do enfrentamento é Thayslane de Melo Costa (CBF-SE). Os assistentes são Matheus Tcharles (CBF-PB) e Arlindo Nascimento (CBF-PB). A quarto árbitra é Ruthyanna Camila (CBF-PB).

Foto: João Neto/Botafogo



Os jogadores do time pessoense vão em busca da primeira vitória jogando longe de seus domínios na atual edição da Terceirona

Foto: Agatha Luelma/Sousa EC



Elenco sertanejo em preparação física visando ao jogo de hoje à noite, contra a equipe cearense, no Marizão

SÉRIE C

Belo visita o Itabaiana necessitando de triunfo para se afastar do Z4

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo enfrenta o Itabaiana, amanhã, às 19h30, no estado de Sergipe, pela 10ª rodada do Campeonato Brasileiro Série C. O Belo precisa da vitória para não correr riscos de terminar a rodada na zona de rebaixamento, o que pode acontecer em caso de derrota. Na atual edição da Terceira Divisão, o clube da Maravilha do Contorno ainda não ganhou jogos fora de casa, tendo dois empates e duas derrotas.

“O nosso objetivo é que a gente consiga fazer um bom jogo, que a gente consiga conquistar essa vitória. Esses três pontos serão importantes para nos aproximar do bloco de cima da tabela de classificação. Estamos totalmente focados no Itabaiana. Depois do último jogo [derrota por 2 a 1 para o Caxias-RS], combinamos de pensar e olhar jogo a jogo. Então, o próximo confronto sempre será o mais importante”, destacou Michael Fracaro em entrevista coletiva durante a semana.

Antes de pensar em uma vaga no G8, é preciso reagir e se afastar do Z4. Segundo o site chancedegol.com.br, as chances de o Alvinegro ser rebaixado são maiores que as de alcançar um lugar na próxima fase da Série C. São 33% de chance de cair e apenas 9,2% de avançar para o quadrangular. O duelo contra o Itabaiana é um confronto direto na briga da parte de baixo da tabela. Apenas dois pontos separam as duas equipes.

O time sergipano, que tem sete pontos, se encontra na zona de rebaixamento e, se vencer, ultrapassa o Botafogo, que tem nove pon-

tos e ainda não ganhou jogos fora de casa nesta edição da Terceira Divisão. Michael Fracaro falou sobre o desempenho ruim nas partidas longe do Almeidão.

“Se a gente pegar os jogos contra o Náutico e Guarani [empate e derrota, respectivamente], nós tivemos chance de vencer e de empatar. Nesses jogos, poderíamos ter tomado melhores decisões. Se pegar os outros confrontos, por exemplo, contra o Figueirense [derrota por 1 a 0], tivemos chance de empatar e até de sair na frente”, analisou.

“Então, acredito que a gente está pecando no momento exato de fazer o gol, no último passe. Precisamos ter calma e tranquilidade. Acho que o peso de tudo que estamos passando acaba atrapalhando uma hora ou outra. Mas é questão de retomar a confiança. Se elevarmos nosso nível de confiança, as coisas tendem a acontecer”, completou o arqueiro.

O adversário

O Itabaiana chega para a partida contra o Botafogo em situação delicada. A equipe do Sergipe está na zona de rebaixamento, com uma das piores campanhas da Série C. Nos seus nove jogos, acumulou duas vitórias, um empate e seis derrotas. Dependendo de outros resultados, o triunfo no Estádio Etelvino Mendonça pode tirar a agremiação do Z4.

Retrospecto

De acordo com Raimundo Nóbrega, entusiasta e pesquisador da história do Botafogo, o primeiro confronto entre paraibanos e sergipanos ocorreu em 1973. O Ita-

baiana era o campeão sergipano daquele ano. Mesmo com o bicampeão mundial, Garrincha, vestindo a camisa do Belo, o Alvinegro foi derrotado pelo placar de 3 a 0. O “Gênio das Pernas Tortas”, fora de peso, não conseguiu mostrar toda a sua categoria no enfrentamento.

Ainda segundo Raimundo, esse foi, também, o único jogo amistoso que Botafogo e Itabaiana fizeram em sua história. O site ogol.com.br registra quatro partidas oficiais entre os dois times. O clube da Maravilha do Contorno nunca perdeu para o rival de amanhã. O retrospecto contabiliza três vitórias alvinegras e um empate. O encontro mais recente ocorreu em 2024, pela Copa do Nordeste, quando a equipe pessoense venceu por 1 a 0.

Arbitragem

O árbitro principal da partida é Thailan Azevedo Gomes (CBF-AP). Ele será auxiliado por Inácio Barreto Da Câmara (CBF-AP) e Luan Patrique Pereira da Silva (CBF-AP). O quarto árbitro é Marcel Phillippe Santos Martins (CBF-SE).

Outros jogos

Hoje, pela Série C, jogam Figueirense e Confiança, no Orlando Scarpelli, em Florianópolis (SC), às 16h30; ABC e Ypiranga-RS, no Frasqueirão, em Natal (RN), às 16h30; Tombense e Náutico, em Tombos (MG), às 19h; e Caxias-RS e Ituano, no Estádio Centenário, no sul do país, às 19h. Além de Itabaiana e Botafogo, amanhã também se enfrentam Floresta e Brusque, no Estádio Domingão, em Horizonte, na Região Metropolitana de Fortaleza, às 16h.

MUNDIAL DE CLUBES

Filipe Luís é trunfo do Fla, diz Diego

Ex-capitão assegura que experiência internacional do comandante rubro-negro pode garantir vitória hoje

Flamengo e Bayern de Munique, da Alemanha, enfrentam-se hoje, às 17h, no Hard Rock Stadium, em Miami, nos Estados Unidos. O confronto válido pelas oitavas de final do Mundial de Clubes da Fifa será transmitido pela Globo (TV aberta), SporTV, Cazé TV e Dazn.

O time brasileiro chega embalado como líder do Grupo D, com duas vitórias e um empate, mesmo jogando com equipe mista na última rodada. Já a equipe alemã avançou como segunda colocada do Grupo C, após ser surpreendida pelo Benfica, de Portugal, na última terça-feira (24), quando perdeu por 1 a 0.

Quem avançar hoje, enfrenta o vencedor do duelo entre Paris Saint-Germain, da França, e Inter Miami, dos Estados Unidos, que jogam mais cedo, às 12h, em Atlanta.

Bicampeão da Conmebol Libertadores, Diego Ribas ainda vestia a camisa do Flamengo, quando o time foi campeão do torneio sul-americano em 2022, garantindo sua presença no Mundial de Clubes da Fifa 2025. Assistir ao torneio já envolveria uma boa dose de orgulho.

No caso específico deste brasileiro, a experiência é ainda mais especial pelo fato de boa parte de seu currículo ter sido representada no torneio nos Estados Unidos. O meia revelado pelo Santos, afinal, jogou pelo Porto, de Portugal, Juventus, da Itália, e Atlético de Madrid, da Espanha. De todo modo, o fim de carreira como ídolo rubro-negro foi o que deixou a marca mais forte. Agora aposentado, ele conversou com a Fifa, em meio à competição, sobre o prazer que é acompanhar os ex-companheiros seguirem um percurso de sucesso internacional, especialmente depois da grande vitória de virada sobre o Chelsea, da Inglaterra, que encaminhou a classificação para as oitavas de final.

“O sentimento é sempre de muita gratidão, de privilégio, por ter vivido um processo incrível de fortalecimento, de construção de um time cada

vez mais vencedor”, diz o ex-jogador, que fez 285 partidas e 42 gols em sete temporadas no clube carioca.

A experiência internacional que acumulou em 12 temporadas no futebol europeu faz Diego valorizar quem rodou o mundo. No Flamengo, um deles está no banco de reservas: Filipe Luís. Ex-compaheiros em Madri, onde venceram uma edição da La Liga e a Liga Europa da Uefa, eles se reencontraram no Rio, em 2019. Jogaram juntos no time carioca por quatro temporadas, até a aposentadoria de Diego, ao fim de 2022.

“O Filipe tem arrasado como treinador. É um cara que estudou muito e viveu intensamente a carreira como jogador. Perguntou muito para os treinadores, foi curioso. Então, aprendeu muito. Ele soma muito [no Mundial de Clubes] pelo conhecimento que tem da mentalidade dos europeus, da forma de jogar. Consegue identificar fácil o estilo de jogo, características dos jogadores, porque viveu muitos anos lá”, avalia Diego.

Dentro de campo, ele também vê um novato no clube capaz de exercer essa função de liderança e de experiência contra potências globais. É o caso de Jorginho, ex-Napoli, da Itália, Chelsea e Arsenal, da Inglaterra.

Natural de Imbituba, Santa Catarina, Jorginho deixou o Brasil ainda nas categorias de base, em 2008, para atuar no Hellas Verona, da Itália. O camisa 21 chegou ao Rubro-Negro no início deste mês.

Já na estreia na competição, o volante de 33 anos foi lançado como titular na vitória de 2 a 0 sobre o Espérance, da Tunísia.

“Os jogadores que ficam em alto nível na Europa durante mais de cinco anos em grandes ligas e equipes têm um potencial enorme, não só físico, como técnico e mental. Jorginho chega para agregar muito e o Filipe sabe muito bem lidar com ele. É um jogador que vai ajudar o Flamengo com sua experiência, técnica e liderança”, sintetiza Diego Ribas.



Diego Ribas e Filipe Luís jogaram juntos pelo Flamengo; dupla conquistou diversos títulos, inclusive a Libertadores

MARCO GLOBAL

Brasil terá edição histórica do Mundial de Ginástica Rítmica

As expectativas mais otimistas foram confirmadas. A 41ª edição do Mundial de Ginástica Rítmica será a maior da história da modalidade. No total, 78 nações estão inscritas. A competição individual reunirá 111 ginastas, e 36 conjuntos estarão em ação na Arena Carioca 2, na Barra da Tijuca. O Mundial do Rio de Janeiro, que terá início no dia 20 de agosto, será também o primeiro a ser realizado na América do Sul. Para se ter ideia, a edição anterior, realizada em Valência, na Espanha, atraiu 62 países. No individual geral, no Mundial de 2023, foram inscritas 92 atletas; já o número de conjuntos participantes foi 24.

Na última quinta-feira (26), foram realizados, on-line, os sorteios para composição dos grupos e ordem das apresentações. O Brasil está no grupo 2, no individual; já o conjunto brasileiro, no 1.

Camila Ferezin, treinadora da Seleção Brasileira de Con-



Na competição, que começará no dia 20 de agosto, o Brasil estará no grupo 2, no individual; já o conjunto brasileiro, no 1

presentando todos os continentes. Teremos coreografias produzidas por diversas culturas, tantos ritmos e cores! Eu me sinto orgulhosa por poder participar de um evento tão grandioso, e em nossa casa!”

Henrique Motta, presiden-

te da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), também está empolgado com os números. “Esses números também elevam o grau da nossa responsabilidade. Vamos demonstrar toda a nossa capacidade de organização, nosso esforço

e entrega ao trabalho, além de muita hospitalidade e simpatia. Desde já, antecipo que o Mundial do Rio de Janeiro será um evento inesquecível”.

Diretor-geral da CBG e vice-presidente da Upag (União Pan-Americana de Ginástica), Ri-

cardo Resende está duplamente impactado pela confirmação de que o Rio terá o maior Mundial da história. “Quis o destino que tivéssemos o primeiro Mundial na América do Sul, depois de 40 edições em outros continentes. E, logo na primeira vez em que essa competição aporta no Brasil, já teremos o maior Mundial de todos os tempos, segundo os números oficiais da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Desde que apresentamos nossa candidatura, sempre tivemos a intenção de fazer história e a 41ª edição será histórica por diversos ângulos. Além disso, não basta ser a maior: vamos realizar também a melhor competição que a FIG já teve. Acrescento ainda, como vice-presidente da União Pan-Americana, que também estou muito satisfeito com o número recorde de países participantes do nosso continente. Ao todo, teremos ginastas de 18 nações das Américas na Arena Carioca 2”, falou Resende.

MUNDIAL FEMININO

Faltam dois anos para a Copa no Brasil

Competição internacional que acontecerá em 2027 será a primeira realizada em um país da América do Sul

A expectativa aumenta à medida que se aproxima o início do maior evento do futebol mundial, que será sediado no Brasil. Faltam exatamente dois anos para a realização da Copa do Mundo de 2027 e o país se prepara para realizar um mundial histórico.

O presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Samir Xaud, ressaltou que esse momento terá um grande impacto esportivo e vai impulsionar o crescimento da modalidade. Xaud destacou a responsabilidade e o orgulho de sediar um evento tão importante.

“A marca de dois anos para a Copa do Mundo nos traz alegria, mas é também um chamado. Nossa responsabilidade é enorme e estamos trabalhando intensamente com a Fifa para entregar um evento de excelência, à altura do futebol brasileiro e do que nossas mulheres estão fazendo em campo mundo afora”, comentou.

A coordenadora de Seleções Femininas, Cris Gambaré, destacou o crescimento e a valorização do esporte entre as mulheres.

“A Copa de 2027 será uma oportunidade única para dar ainda mais visibilidade ao futebol feminino no Brasil. Nosso objetivo é ampliar a participação, consolidar a modalidade e mostrar o talento de nossas jogadoras para o mundo. Queremos eternizar esse momento com nossa primeira estrela”, ressaltou.

O treinador da Seleção Brasileira Feminina, Arthur Elias, reforçou a responsabilidade de representar o país.

“Estamos trabalhando muito para fazer uma grande Copa do Mundo em casa, com o nosso torcedor. Isso é motivo de orgulho e muita responsabilidade. Queremos deixar um marco histórico que impulse a equidade necessária para o desenvolvimento do futebol feminino brasileiro”, afirma.

Essa edição da Copa do Mundo Feminina de 2027 já será histórica por ser a primeira a ser realizada na América do Sul. As oito cidades-sede escolhidas refletem a diversidade do Brasil: Belo Horizonte (Estádio Mineirão), Brasília (Estádio Nacional), Fortaleza (Arena Castelão), Porto Alegre (Estádio Beira-Rio), Recife (Arena de Pernambuco), Rio de Janeiro (Estádio do Maracanã), Salvador (Arena Fonte Nova) e São Paulo (Arena Itaquera).

O processo de escolha das cidades-sede da Copa do Mundo Feminina começou em agosto de 2024 e foi conduzido de maneira clara e estruturada, seguindo os mesmos princípios usados para a escolha do país-sede.

As oito cidades foram selecionadas com base na avaliação técnica da Fifa, com o objetivo de garantir as melhores condições para receber as 32 seleções participantes e o sucesso operacional e comercial do torneio, assim como maximizar o potencial de impulsionar o crescimento e a visibilidade do futebol feminino no Brasil a longo prazo. A Copa do Mundo Feminina da Fifa 2027 vai ser realizada do dia 24 de junho a 25 de julho, no Brasil.

“Vai ser um marco na história do futebol”

Faltam dois anos para a Copa do Mundo no Brasil, mas a emoção já toma conta da Rainha Marta. Em entrevista à CBF TV, na última terça-feira (24), a maior artilheira da história das Copas do Mundo se emocionou ao falar sobre o significado histórico do evento e a importância de construir um legado duradouro para o futebol feminino no país e na América do Sul.

“A Copa do Mundo de 2027 da Fifa no Brasil representa um sonho. Primeiro, porque é a primeira Copa do Mundo feminina da categoria adulta na América do Sul, e a gente está muito orgulhosa de poder sediar um evento tão grande como esse”, destacou, emocionada. Ela reforçou a relevância desse marco histórico para o continente, que vai se tornar palco de uma competição mundial de alto nível dedicada à modalidade.

Marta também falou sobre a trajetória das gerações que lutaram por reconhecimento e espaço no esporte. “O que a gente pensa logo é naquelas atletas que começaram essa luta e que lutavam para simplesmente ser aceitas como atletas profissionais de futebol”, relembra.



Com cinco Copas do Mundo disputadas, Marta é a maior artilheira da história da Seleção Brasileira com 122 gols

bra. Marta ressaltou que essas conquistas são o alicerce para o momento atual.

“Hoje, a gente vê uma geração muito forte. A gente vê que as pessoas que estão no comando entendem que é importante seguir evoluindo, seguir dando oportunidade a todos e, principalmente, após essa Copa,” completou.

Com cinco Copas do

Mundo disputadas (2003, 2007, 2011, 2015 e 2019) e sendo a maior artilheira da história da Seleção Brasileira (122 gols), Marta afirma que o mais importante é deixar um legado positivo e duradouro.

Ela reforçou sua esperança de que a realização do Mundial no Brasil impulse a popularidade e o reconhecimento do esporte

para as próximas gerações.

“O mais importante para a gente é que realmente a gente possa deixar um legado muito especial, para que o futebol feminino só venha a crescer mais e mais”, afirmou.

“Vamos trabalhar duro para que tudo seja perfeito, e esse evento seja um marco na história do futebol feminino”, finalizou.



A Copa do Mundo de 2027 da Fifa no Brasil representa um sonho

Marta

Lorena relembra as grandes conquistas do país

A goleira Lorena tem grandes conquistas para lembrar e comemorar. Ela conquistou a Copa América em 2022, sendo a única goleira na história do torneio continental a jogar todas as partidas sem sofrer gols. O sonho de disputar uma Copa do Mundo, em 2023, foi adiado depois de sofrer uma lesão grave. Lorena ficou 11 meses em recuperação, mas, no ano seguinte, foi medalhista olímpica em Paris. Uma medalha de prata que para ela vale ouro pelo protagonismo nos jogos. A CBF TV convidou Lorena para um bate-papo. Ela falou sobre a trajetória e revisitou memórias até a conquista da prata olímpica e o título da Copa América em 2022. Natural de Ituverava (SP), a

atleta, “paredão” da Amaralina, contou um pouco da sua trajetória por clubes brasileiros até chegar ao Kansas (EUA).

■ CBF TV - Lorena, a sua história tem algumas curiosidades. Você começou a jogar futebol na rua com meninos. Por acaso, precisou ser a goleira do time, mas relutou na posição. Tudo mudou quando você defendeu um pênalti. A partir daí, começava sua história no futebol e a realização de sonhos na modalidade.

Sempre fui uma menina muito sonhadora. Eu sempre sonhei em vestir a camisa da Seleção Brasileira. Quando eu era pequena, os poucos jogos que passavam na televisão, eu assistia do lado da minha avó. E sempre falei para ela, um dia a senhora ainda

vai me ver lá, jogando com a Marta, com a Formiga e com a Cristiane. Eu jogava bola na rua com os meninos. Não tinha muitas meninas naquela época. Era uma das poucas. A gente jogava todo sábado, valia refrigerante. Então, era aquele jogo da vida, que a gente brincava. E teve um fim de semana que o goleiro não pôde ir. A mãe dele não quis deixar ele jogar com a gente. Eu falei para os meninos “pode deixar que eu vou ali, mas, no próximo jogo, eu saio”. Eu joguei bem o primeiro jogo. Eles gostavam quando eu fazia alguma defesa e celebravam junto comigo. No outro fim de semana, eu não queria de jeito nenhum ir para o gol, mas o goleiro também não pôde ir. Ele estava de castigo. Aí

eu falei: “tá, vou de novo, mas no próximo não vou”. Teve um pênalti e eu defendi. A gente ganhou o jogo. A emoção dos meninos vindo comemorar comigo acendeu dentro de mim uma chama que eu não conhecia. Então, depois desse dia, eu sempre queria ir no gol, eu sabia que ali era o meu lugar. Quando fiz o meu primeiro teste, não passei. No segundo teste, eu passei lá no Bangu, time do Rio de Janeiro. Foi onde tudo começou. Depois, eu fui para o Centro Olímpico em 2012, para o Sport Recife, e para o Grêmio, onde fiquei cinco anos no Grêmio. Agora, estou no Kansas. Tive a oportunidade de vestir a camisa da Seleção principal em 2021. Fiquei muito feliz quando tive a oportunidade de jogar o meu primeiro jogo contra a Venezuela e com a vitória também.

■ CBF TV - Aquela menina sonhadora imaginou que um dia estaria no pódio de uma edição de jogos Olímpicos?

Foi algo inesquecível. A gente sabia que tinha caído num grupo difícil, mesmo assim, com todas as adversidades da primeira fase, a gente passou. Fomos para um mata-mata logo de cara contra as donas da casa (França), quando a gente conseguiu impor o nosso ritmo e fazer um grande jogo. Tive a felicidade também de pegar mais um pênalti. O Brasil ganhou da França

por 1 a 0. Depois, tivemos outros jogos difíceis. As Olimpíadas foram a realização de um sonho. Acho que todo atleta sonha em ser um medalhista olímpico. Claro que todo mundo almeja medalha de ouro, mas essa medalha de prata, para mim, vale ouro. Foi após uma lesão difícil, de LCA (ligamento cruzado anterior), que me deixou fora de uma Copa do Mundo. Então, eu fiquei muito feliz de ter participado dessa campanha. Essa medalha está guardada lá em casa, num lugar especial.

■ CBF TV - Faltam dois anos para a Copa do Mundo no Brasil. Em 2023, você era cotada para o Mundial, mas uma lesão te afastou dos gramados por 11 meses. Qual é a sua expectativa para 2027?

A Copa do Mundo no Brasil significa, para mim, a realização de um sonho. Sempre quis viver como jogadora, como torcedora e como brasileira esse sentimento de Copa do Mundo, que é um sentimento totalmente diferente. Eu fiquei muito feliz quando o Brasil foi escolhido sede, porque eu acho que inspira gerações. Minha família fala muito de poder ver uma Copa do Mundo e de poder ir ao estádio. Então, acho que é significativo. É a realização de um sonho para toda a nação brasileira. Porque acho que, desde a criancinha pequena até os senhores de idade, viver uma Copa do Mundo é algo indescritível.



Na Copa América de 2022, Lorena foi a única goleira na história da competição a não sofrer gols



Para vencer o Verdão do Oeste de Santa Catarina e assegurar a primeira colocação da tabela da Segundona, a equipe esmeraldina aposta no bom desempenho jogando fora de casa

SÉRIE B

Quatro jogos, hoje, pela 14ª rodada

Destaque será o confronto entre Chapecoense e Goiás, que entram em campo às 19h, na Arena Condá, em Chapecó

Da Redação

A 14ª rodada do Campeonato Brasileiro Série B, iniciada na última quinta-feira (26), com o confronto CRB x América-MG, terá mais quatro jogos hoje. Às 16h, Athletic-MG e Remo duelam na Arena Sicredi, em São João del Rei, Minas Gerais; no mesmo horário, o Volta Redonda recebe o Operário-PR, no Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Às 19h, Chapecoense e Goiás se enfrentam na Arena Condá, em Chapecó, Santa Catarina; e o Novorizontino encara o Amazonas, no Jorge Ismael de Biasi, em Novo Horizonte, São Paulo. A rodada será complementada amanhã, com Paysandu x Ferroviária, às 19h; e Cuiabá x Botafogo-SP, às 21h.

Athletic-MG x Remo

O Athletic vem de duas vitórias consecutivas, resultados que o permitem deixar o Z4 da competição nacional, caso vença pela terceira vez e conte com tropeços dos concorrentes diretos nesta briga. O time mineiro, porém, não conta com Sidimar, suspenso, e seu substituto imediato, Alex, é dúvida por problemas clínicos. Com isso, Jhonatan pode ser o parceiro de zaga de Marcelo Ajul. O gol marcado contra o Goiás foi o quinto de Neto Costa, artilheiro do elenco alvinegro na competição.

O Remo vai em busca da primeira vitória sob o comando de Antônio Oliveira para não se distanciar ainda mais do G4. Na estreia do treinador, derrota doída para o rival Paysandu por 1 a 0. O time azulino terá o retorno de Reynaldo à zaga, formando dupla com Klaus. Na frente, Mathews Davó segue como opção no banco, mas determinado a marcar o primeiro gol pelo Leão paraense. O lateral-esquerdo Sávio, com duas assistências, é um dos garçons da equipe na Série

B. A partida terá transmissão no Disney+, na ESPN e no Kwai.

Volta Redonda x Operário-PR

O Operário vai em busca da segunda vitória consecutiva após ter batido o Novorizontino, na última segunda-feira (23), em Ponta Grossa. Trata-se também da segunda partida de Alex de Souza como o treinador do alvinegro. Até o momento, o Fantasma tem 17 pontos, com cinco vitórias, dois empates e seis derrotas.

O time fluminense, por sua vez, encontra-se em uma posição bem mais delicada na tabela da Segundona. Na vice-lanterna da competição, o Volta Redonda tem 11 pontos, com duas vitórias, cinco empates e seis derrotas. O time da Cidade do Aço só está um ponto à frente do lanterna Paysandu.

As equipes já se enfrentaram três vezes em competições oficiais, todas pela Série C do Campeonato Brasileiro, e o time paranaense leva vantagem com duas vitórias e um empate. O confronto terá transmissão no Disney+ e nos canais ESPN.

Chapecoense x Goiás

Apesar de terem sido derrotados na rodada anterior, Chapecoense e Goiás seguem na parte de cima da tabela de classificação. O Verdão do Oeste de Santa Catarina aposta na boa campanha jogando em seus domínios para conquistar uma vitória; em seis jogos, foram cinco resultados positivos em sequência na Arena Condá.

“Sabemos da nossa qualidade, estamos em uma crescente jogando em casa com boa sequência de vitórias. O apoio do torcedor faz diferença e está nos ajudando muito, sabemos da nossa força na Arena Condá, aqui temos o nosso 12º-jogador que é a torcida”, afirmou o goleiro Léo Vieira em coletiva de imprensa realizada na praça esportiva.

A equipe esmeraldina, no entanto, promete ser um adversário difícil, já que tenta reencontrar o caminho das vitórias e assegurar a liderança do certame. O técnico Wagner Mancini contará com reforços importantes para o duelo em Chapecó. Recuperado de uma lesão na coxa direita, o zagueiro Messias volta a ficar à disposição do treinador.

O lateral-direito Willean Lepo retorna após cumprir suspensão na última rodada. Ele deve assumir a vaga de Lucas Lovat, bastante criticado pela torcida em razão de suas últimas atuações. Com isso, o setor defensivo, que sofreu com desfalques nas últimas partidas, começa a ganhar corpo novamente.

Por outro lado, o zagueiro Lucas Ribeiro será baixa por tempo indeterminado. O jogador sofreu uma lesão no osso frontal da cabeça, durante a partida contra o Volta Redonda, no dia 8 de junho, após um choque com o companheiro Luiz Felipe. A gravidade da lesão exigirá uma cirurgia, e o prazo de recuperação só será definido após o procedimento e uma nova avaliação médica.

Mesmo jogando fora de casa, o Goiás aposta em seu desempenho como visitante, o melhor da competição até o momento. São 10 pontos conquistados em seis partidas longe de Goiânia.

O último duelo entre Chapecoense e Goiás, em Chapecó, foi marcado por goleada; o time esmeraldino venceu a Chapecoense por 4 a 0, em jogo da 33ª rodada da Segundona em 2024. A partida de hoje terá transmissão pelos canais ESPN, Disney+, RedeTV! e Desimpedidos.

Novorizontino x Amazonas

No duelo dos aurinegros, a situação das equipes é muito diferente na Série B. O Novorizontino briga pela liderança da competição, e, mesmo vindo de derrota para o Operário por 2

a 0, na rodada anterior, tem bons números. Antes do último revés, somava cinco vitórias consecutivas na competição, que colocaram a equipe do interior entre os postulantes ao acesso. Artilheiro da equipe na divi-

são, Nathan Fogaça segue lesionado.

Já o aurinegro da região Norte está dentro da zona do rebaixamento, mas vem de altos e baixos nas últimas rodadas. O Amazonas vem de boa vitória por

2 a 1 sobre o Vila Nova, em casa, o que colocou o time de Guilherme Alves perto de sair do Z4 da Série B. O duelo em Novo Horizonte terá transmissão dos canais ESPN, Disney+, RedeTV! e Desimpedidos.

JUNHO VERMELHO

MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE



O bem corre em suas veias

PARA SE TORNAR UM DOADOR, PROCURE O HEMOCENTRO DA SUA CIDADE.

O homem e o boi: tradição que resiste

Vivendo em Taperoá, paraibano é a figura conhecida por todos como o último mestre vivo da sua arte no estado

Reconhecido como Mestre da Cultura Popular da Paraíba, seu Antônio do Boi é o último guardião de uma manifestação folclórica que celebra, amanhã, o Dia Nacional do Bumba Meu Boi

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Neste ano, não teve brincadeira de boi no São João de Taperoá. Não tomaram as ruas da cidade a música e a dança encenada do teatro popular. É também sem grandes festas que amanhã, 30 de junho, celebra-se o Dia Nacional do Bumba Meu Boi, manifestação popular que, desde 2019, é considerada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Mas, há 62 anos, quem permanece levando essa tradição às ruas de Taperoá é Antônio Souza Salviano, mais conhecido como Antônio do Boi. Na mítica cidade dos personagens de Ariano Suassuna, ele é figura conhecida por todos como o último mestre vivo de sua arte na Paraíba. Aos sábados de Carnaval, todos admiram sua apresentação. “Não estou brincando agora, no São João, porque eu não fui chamado. O povo da prefeitura não me chamou neste ano, mas, quando fazem o chamado, eu estou presente”, conta mestre Antônio, de 84 anos.

O Bumba Meu Boi é uma das manifestações mais antigas da cultura popular brasileira. Surgiu durante o período colonial, a partir da fusão de elementos das culturas indígena, africana e europeia, especialmente portuguesa. A brincadeira atravessou séculos, mas, hoje, tenta sobreviver ao apagamento de suas práticas. Esse apagamento estaria realmente acontecendo?

“Acredito que o Bumba Meu Boi não foi apagado, mas incorporado a outros momentos festivos, como a Folia de Reis, como ocorre em Serra da Raiz, com mestre Ivanildo, por exemplo. Na periferia de Campina Grande, ele ganhou força mesmo como Boi de Carnaval, e isso também ocorre em Itabaiana”, aponta a doutora em Antropologia e pesquisadora da área, Érika Catarina.

Com forte presença no Nordeste, especialmente no Maranhão, o Bumba Meu Boi se desdobrou em diferentes sotaques, estilos e variações regionais. Desdobrou-se ainda em uma diversidade de nomes dada à brincadeira: Boi-Bumbá, Boi de Reis, Boi Pintadinho ou Boi Surubim. Essas variações envolvem também diferenças nas músicas, nas danças, nos trajes, nos instrumentos e na dramaturgia.

Em algumas regiões, o boi é festivo e colorido; em outras, pode ter um tom mais religioso ou cômico. “Nenhuma manifestação popular é isolada. Ela está sempre sendo influenciada pelo contexto social no qual está inserido. E é por esses rearranjos que o Bumba Meu Boi na Paraíba se distancia em narrativa e simbolismo do Bumba Meu Boi do Maranhão e do Piauí. Contudo, ele ainda perpassa as festas do São João e do Carnaval, que são as grandes festas populares do país”, acrescenta a especialista.

De forma geral, a narrativa central da brincadeira gira em torno de um boi muito estimado por seu dono, cuja morte é causada por um casal de personagens populares. Pai Francisco, vaqueiro da fazenda, mata o animal para atender ao desejo de sua esposa, Catirina, que, grávida, insiste em seu desejo de comer a língua do boi.

A trama desenrola-se a partir desse ato, envolvendo lamentos, julgamento, penitência e, por fim, a ressurreição do boi com a ajuda de curandeiros ou figuras sagradas, num desfecho marcado pela celebração coletiva.

“Embora pareçam distintas, essas manifestações alimentaram-se, em um dado momento histórico e simbólico, da narrativa do Boi-Bumbá, que é celebração e festejo das classes trabalhadoras que outrora eram mais encorpadas no campo, na agricultura e na pecuária. Ao migrarem para as pequenas vilas, carregaram os modos de socialização aprendidos na lida rural e no imaginário do brinquedo popular em torno do ‘boi’, que leva carga e pessoas, lavra a terra, que reproduz e cria rebanho, que, por sua vez, alimenta e é peça de troca e negócio”, detalha a antropóloga.

É justamente na organização desse folguedo secular que o mestre Antônio atua. “Minha função é topar o boi e cumprimentar o povo. Andar na rua e fazer a apresenta-

ção, respeitando, considerando e com atenção”, descreve mestre Antônio. Uma descrição de responsabilidade que a antropóloga acrescenta com outro olhar da mesma atribuição. “A função do mestre na brincadeira do Boi-Bumbá é o da permanência, o da tradição. E a tradição, entendo aqui, não como antagonista da modernidade, mas como retórica de identidade”.

Para se tornar mestre, seu Antônio também precisou receber das mãos de um outro mestre, Raul Gouveia, a sua herança para seguir com a tradição do boi em Taperoá. Quando não tinha mais condições de saúde e se viu impedido de continuar com o festejo, ele pediu para seu Antônio dar continuidade à brincadeira, que, desde cedo, já fazia brilhar de forma especial os olhos claros do homem negro e corpo franzino.

“Quando Raul Gouveia adoeceu, ele me chamou para passar a brincadeira para mim. Tomei conta, até hoje. Peguei a prática e segui para frente. Eu tomei conta do boi com maior prazer e alegria. Tenho o maior gosto de brincar com ele. Eu vivia trabalhando para arrumar manutenção, eu brincava com o boi e trabalhava, brincava com o boi e trabalhava”, relembra o mestre. Para chegar até as suas mãos, o boi precisou dançar e rodopiar muito pelo tempo.

É que a origem da brincadeira popular do Bumba Meu Boi na Paraíba remonta ao tempo do Brasil colonial. “Basta notar que a exploração do Sertão foi construída pelas patas dos ruminantes, nesse caso, das boiadas. A conhecida ‘sociedade do couro’ se estabeleceu no interior paraibano, moldando as relações sociais de tal forma que foi capaz de costurar a brincadeira popular do Bumba Meu Boi, do Boi de Reis e da figura do Boi do Carnaval, que resistem até hoje”, remonta Érika Catarina.

Exaltar a resistência de um povo nas suas práticas culturais é justo, mas é também penoso e tem

a cara da sanfona que mestre Antônio usava para as apresentações, que está há muito tempo encostada. “A minha sanfona, eu tenho ela, mas só vou tocar nela quando mandar endireitar, porque está desmantelada. Já faz tempo que está assim”, lamenta.

Como forma de salvaguardar o folguedo, a Secretaria de Estado da Cultura na Paraíba (Secult-PB), da qual a antropóloga Érika Catarina é gerente-executiva de Articulação Cultural, anunciou que deve realizar em breve um censo da cultura para mapear as manifestações culturais populares.

Ser considerado o último mestre do Bumba Meu Boi pode ser honroso para quem dedicou mais de seis décadas de sua vida a essa expressão muito genuína de sua identidade. Mas ela também vem com um peso e um risco embutido nisso, que parece ainda não assustar o mestre Antônio. “Isso não me preocupa. Eu brinco com prazer. Se Deus quiser, quando eu não puder brincar mais, passo para um neto, que já brinca mais eu”, contenta-se o artista.

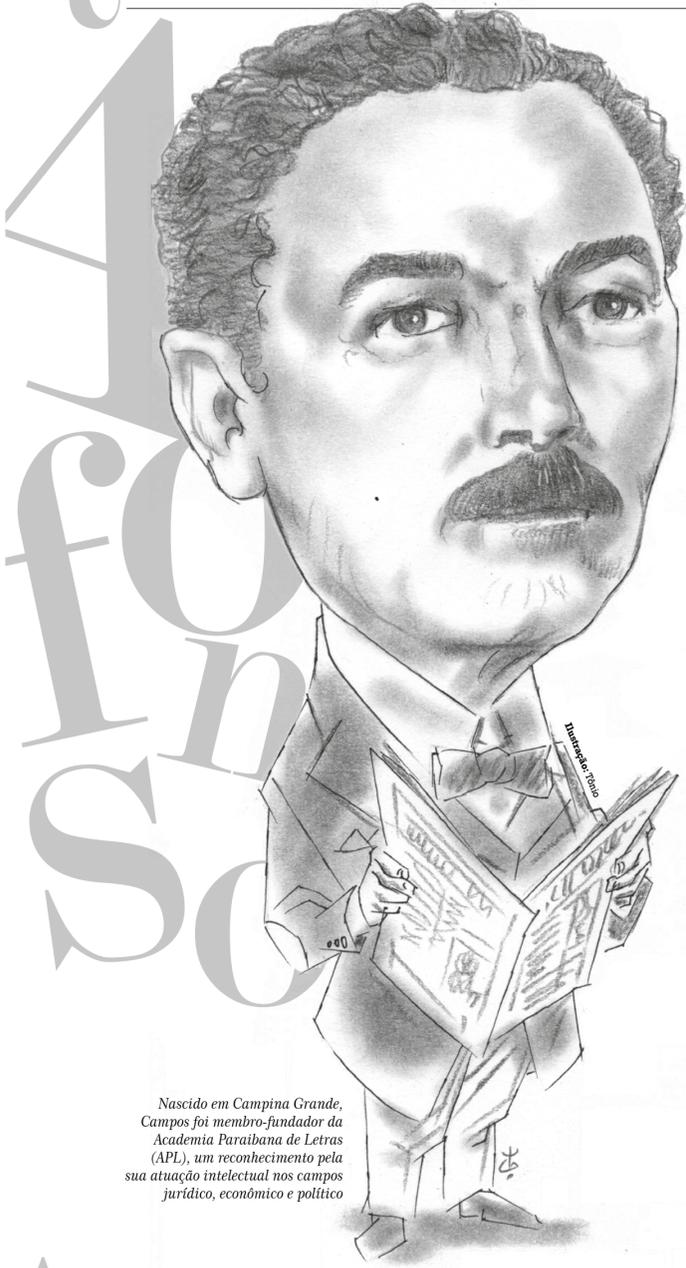
Na última sexta-feira (27), seu Antônio do Boi foi reconhecido como o mais novo Mestre da Cultura Popular da Paraíba. A honraria foi concedida durante reunião do Conselho Estadual de Política Cultural, realizada em Serra Grande, no Sertão.

Com isso, Antônio Souza Salviano passa a integrar o Registro no Livro dos Mestres e Mestras das Artes (Rema), a Lei Canhoto da Paraíba — título vitalício que, além do reconhecimento simbólico, garante a ele o recebimento de dois salários mínimos mensais, em valorização às suas contribuições à cultura popular ao longo da vida.

Na história do boi, ele nunca morre, mesmo que arranquem com violência a sua língua. Mas, para que ele continue brincando em todo São João e em todo Carnaval, é preciso que haja festa, música e povo nas ruas. Só assim o boi, que nunca morre, continuará ressuscitando.

Fotos: Érika Catarina /Arquivo pessoal

No alto dos seus 84 anos, mestre Antônio passa a integrar o Registro no Livro dos Mestres e Mestras das Artes (Rema), a Lei Canhoto da Paraíba



Nascido em Campina Grande, Campos foi membro-fundador da Academia Paraibana de Letras (APL), um reconhecimento pela sua atuação intelectual nos campos jurídico, econômico e político

Afonso Campos

Paraibano com uma vida marcada pela palavra

Joel Cavaleanti
joel.cavaleanti@gmail.com

Há destinos que parecem traçados antes mesmo do nascimento. O sobrenome, a terra herdada e os vínculos políticos e familiares estabelecem os primeiros contornos de uma trajetória — e também os primeiros adversários a serem enfrentados. Entre os limites impostos pela herança, marcada tanto por privilégios quanto por disputas, alguns encontram espaço para construir percursos de liderança liberal em tempos ainda mais conservadores.

Foi nesse contexto que Afonso Rodrigues de Souza Campos desenvolveu sua atuação, transitando entre o Direito, a política e a imprensa. Advogado de formação, atuou na promotória, no legislativo e no jornalismo, quase sempre na condição de opositor dos grupos que controlavam o governo da Paraíba, no início do século 20.

Sua trajetória se confunde com as disputas locais por autonomia política, pelos limites da representação municipal e pelos embates jurídicos que estão na origem das cizânias que moldaram a história de Campina Grande. Viveu intensamente a transição do Império para a República. Era ainda menino quando o avô e o pai exerciam funções públicas no município. Na maturidade precoce, tornou-se herdeiro direto do liberalismo político do século 19 — e um dos raros exemplos de político-intelectual na história paraibana.

Nascido em 18 de dezembro de 1881, na Fazenda Muribeca, em Campina Grande, Afonso era filho do coronel Silvino Rodrigues de Souza Campos e de Rosalina Agra de Souza Campos. Os pais, primos legítimos, selaram a união entre dois dos troncos familia-

res mais influentes da região: os Sousa Campos e os Agra.

“Era uma família influente. Como acontecia entre os donos de terra, as famílias se casavam entre si, de forma que os Sousa Campos se casaram com o pessoal dos Agra e dos Figueiredo. Formaram-se três troncos que dominaram praticamente a política local”, explica o historiador Josemir Camilo, autor de um perfil biográfico sobre Afonso Campos.

O paraibano teve uma formação planejada. Estudou as primeiras letras no colégio do professor Clementino Procópio, em Campina Grande, e concluiu os preparatórios na capital. Seguiu para o Recife, Pernambuco, onde ingressou na Faculdade de Direito, formando-se em 1902, aos 21 anos de idade.

“Ele foi um dos poucos da sua geração que teve acesso à Faculdade de Direito. Seu pai queria que ele assumisse os negócios da família, mas ele não quis. Preferiu estudar, sair desse círculo e construir outro caminho, mesmo que dentro das estruturas do poder que a própria família ajudou a consolidar”, observa Camilo.

Ainda estudante, destacou-se intelectualmente na fundação da *Revista Jurídica*, no Grêmio Teixeira de Freitas, publicando textos como *Evolução do Direito das Obrigações e Ação Penal*. Em Recife, morou na casa de Francisco Chateaubriand de Melo, tio de Assis Chateaubriand, e ali dividiu moradia com Manoel Tavares Cavaleanti, amigo de toda a vida.

Sua atuação extrapolava os bancos acadêmicos: escrevia, debatia e já projetava seu perfil de orador e jurista. Também em Recife, ele conheceu Porphiria Montenegro, filha do coronel Lindolfo de Albuquerque Montenegro, com quem se casou, em 1907 — ano em que

também deixaria a promotória de Campina Grande, cargo que assumira logo após se formar.

“Aceitar a promotória foi uma decisão tanto profissional quanto política. Era um cargo indicado pelo governo, então, quando o grupo aliado perde espaço, essa nomeação vira também um problema. Tanto que, quando o presidente Alvaro Machado derruba o grupo de João Lourenço Porto, ele passa a ser imediatamente convidado para liderar a oposição em Campina Grande. E aceita”, explica Josemir Camilo.

Linha tênue

A aptidão de Afonso Campos para o pensamento jurídico o levou a disputar, em 1907, a cátedra de Direito Administrativo e Economia Política da Faculdade do Recife. Embora aprovado, foi preferido por um candidato apoiado pelo vice-presidente Rosa e Silva. Ainda assim, seu desempenho foi destacado no *Diário de Pernambuco*.

No campo institucional, lecionou no Liceu Paraibano, cargo usado por adversários como munição política. Também foi afastado da Defensoria Pública após insurgir-se contra o Governo Estadual. Sua escolha pelo Ministério Público, inicialmente estratégica, tornou-se insustentável quando o grupo que o nomeara foi derrotado politicamente. Diante disso, aceitou liderar a oposição local aos epítacistas.

Afonso Campos tinha apenas 23 anos quando começou sua combativa

trajetória política, marcada por enfrentamentos diretos, episódios de violência eleitoral e tentativas de cooptação. A linha entre disputa política e confronto armado era, na prática, muito tênue. Era comum que eleições fossem decididas na base do tiroeteio, da repressão e da intimidação.

Afonso também participou da campanha civilista de Rui Barbosa, em 1910, posicionando-se contra Hermes da Fonseca. Nesse mesmo ano, protagonizou um dos episódios mais emblemáticos de sua carreira: ao ver o governador Castro Pinto extinguir o conselho municipal de Campina Grande, reagiu com um ousado *habeas corpus* coletivo em defesa da Câmara de Vereadores, sob a tese de que o fechamento violava a autonomia municipal.

“Era uma ousadia absurda para a época. Imagine: um *habeas corpus* coletivo para uma entidade pública. E ele levou isso até o Supremo Tribunal, no Rio de Janeiro. Foi derrotado, sim. Mas conseguiu três votos favoráveis, o que, naquele contexto, era uma vitória parcial. Recebeu, inclusive, elogio público de Rui Barbosa, que também defendia tese semelhante”, explica Josemir Camilo.

Durante a década de 1910, sua atuação ganhou densidade. Elegeu-se deputado estadual, destacou-se como orador na Assembleia e publicou trabalhos como *Bancos, suas espécies, Quais os perigos a que se expõem os Bancos que comanditam indústrias*, *Memorial sobre*

direitos do Estado e dos Municípios dos terrenos das extintas aldeias de índios e o aclamado *A Moeda*.

Contradições do seu tempo

A política local, no entanto, seguia permeada pela violência. Na eleição de 1915, um atentado mirou o próprio Afonso Campos. O disparo não o acertou, mas feriu outra pessoa. O clima de instabilidade era tal que a eleição foi anulada em Campina Grande.

“O clima era de jagunçada mesmo. Bandos armados, montados, invadiam a cidade no dia da feira, dando tiros para o alto e gritando vivas para seus candidatos. E Afonso estava no meio desse furacão, porque se recusava a ser cooptado, mesmo quando isso significava colocar a própria vida em risco”, destaca o biógrafo.

Houve também algumas tentativas de isolá-lo politicamente. Uma delas, em 1915, partiu de um ex-aliado, Silvino Figueiredo, que, sabendo que Epitácio Pessoa pretendia oferecer a Afonso a candidatura a deputado federal, articulou seu afastamento da cidade durante a visita de Epitácio, impedindo que o encontro acontecesse.

“Ele se sentiu traído, porque cinco anos antes, em 1910, tinha usado de toda sua habilidade jurídica para libertar os trabalhadores — ou capangas, como se dizia — do próprio Figueiredo, presos pela polícia. E, agora, esse mesmo aliado articulava para tirá-lo do jogo na hora decisiva”, observa Camilo.

Além da política, manteve participação ativa no debate público pela imprensa. Fundou um jornal oposicionista, de curta duração — apenas três edições —, no qual escrevia editoriais de forma anônima. O anonimato, explicou à esposa, era estratégia para evitar perseguições.

Afonso Campos viveu as contradições do seu tempo. Filho da elite agrária, formado nas estruturas que mantinham os privilégios oligárquicos, passou boa parte da vida pública desafiando esses mesmos mecanismos.

“No caso da sua convivência política, ele era um liberal e, assim como o pai, se passou para todas as aventuras políticas da República Velha. Se bem que, de sua parte, se isso acontecesse, se instalaria uma outra oligarquia, talvez liberal, enquanto que a outra era mais conservadora”, pondera Josemir Camilo.

Foi também membro-fundador da Academia Paraibana de Letras (APL), ocupando a cadeira nº 8, reconhecimento por sua atuação intelectual no campo jurídico, econômico e político.

Afonso Campos morreu no dia 5 de abril de 1916, aos 36 anos, vítima de um colapso cardíaco enquanto discursava. Uma morte que, de certo modo, simboliza uma vida marcada pela palavra, tanto no enfrentamento institucional quanto na tentativa de equilibrar tradição, legalidade e autonomia política numa cidade onde, muitas vezes, a lei dependia mais da força do que dos códigos.

Angélica Lúcio

Proliferação de sites de baixa qualidade compromete credibilidade da mídia

Você conhece a expressão “pink slime”? Na indústria alimentícia, o termo em inglês remete a um sub-produto processado de carne. É algo com aparência de ser nutritivo, mas criticado por possuir qualidade duvidosa. Na seara da mídia, *pink slime* tem outro significado, porém igualmente nocivo.

Em 2019, o jornalista estadunidense Matt DeRienzo transpôs tal conceito para o universo da comunicação, usando a expressão *pink slime* para se referir à “proliferação de sites de ‘notícias locais’ que produzem conteúdos de baixa qualidade, muitas vezes automatizados ou tendenciosos, mascarando-se como jornalismo legítimo”.

Produzir jornalismo de qualidade exige investimentos em infraestrutura, pessoal capacitado, práticas responsáveis e um projeto editorial robusto. Implica compromisso inabalável com a coletividade, com a história e com os pilares da democracia. O jornalismo, como a maioria dos profissionais da área bem sabe, possui uma função social que lhe é inerente — valor frequentemente ignorado pela crescente fábrica de portais de notícias que se espalha pelo Brasil.

Por isso, a existência de veículos *pink slime* é prejudicial à sociedade e corrosiva para o jornalismo profissional, que se pauta por normas deontológicas e critérios rigorosos de noticiabilidade.



Matt DeRienzo transpôs o conceito de “pink slime” para o universo da comunicação

Quando sites com conteúdo de qualidade duvidosa (e tendencioso muitas vezes) recebem verbas publicitárias de instituições privadas ou públicas em detrimento dos veículos profissionais de comunicação, o bom jornalismo sai perdendo.

Em geral, enquadram-se no conceito de *pink slime* veículos que não demonstram preocupação em combater a desinformação. Que não têm apreço algum pelo fazer jornalístico. Seu compromisso não é com o leitor, mas com o político “favorito” do momento — leia-se, aquele que

está disposto a investir em publicidade nesse tipo de mídia.

Muitos assessores de imprensa, lamentavelmente, incorrem no equívoco de supervalorizar o *pink slime*, obcecados pelas métricas de curto prazo. Dormem e acordam ávidos por menções de seu cliente na mídia. Para eles, quanto mais conteúdo sobre o assessorado for divulgado, melhor. Assim, esmeram-se em apresentar um *clipping* “gordo” ao cliente, repleto de postagens em *blogs*, *sites* e portais de pouca ou nenhuma expressão.

Tais assessores, ao que parece, operam sem uma estratégia de longo prazo. Atuam tão somente preocupados com o tamanho do *clipping*, com a quantidade de citações, com o volume de *links*, mas ignoram que volume é diferente de resultado, não significa qualidade. Afinal, muitos desses veículos são criados unicamente para angariar recursos, não hesitando em enganar os leitores para atingir seus propósitos.

Apostar e investir em *pink slime* é uma estratégia equivocada e perigosa. Quando a população se nutre de informação de baixa qualidade, consumindo *nuggets* noticiosos que foram processados com fins escusos, todos perdem. E não apenas o bom jornalismo.

Oportunidade: o 2º Prêmio Nacional de Jornalismo do Poder Judiciário — Direitos Humanos e Tecnologia recebe inscrições até o dia 30 de junho. A iniciativa vai contemplar as melhores reportagens com prêmios de R\$ 5 mil. Promovido pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em parceria com outros tribunais superiores e conselhos da Justiça, o prêmio reconhece produções jornalísticas que abordem temas de grande relevância social e institucional. Podem concorrer trabalhos publicados entre 1º de fevereiro de 2024 e 31 de janeiro de 2025 em veículos de comunicação brasileiros.

Tocando em Frente

O romantismo popular e o popularesco na MPB — IV

Ele foi outro contemporâneo do movimento da Jovem Guarda, engrossando o painel dos chamados artistas popularescos, mais catalogados como bregas, mas, nem por isso, o seu sucesso foi obscuro nem mesmo pela juventude de antanho.

Compositor, cantor e instrumentista, Odair José de Araújo (Morrinhos, GO, 1948) iniciou suas atividades ligadas à música como *crooner*, por volta dos 17 anos, quando, transferindo-se para o Rio de Janeiro, começou a compor, buscando o seu espaço em apresentações em casas noturnas e em circos mambembes, já com forte tendência para o chamado estilo popular-romântico.

No ambiente musical carioca, aproximou-se do já popular cantor, compositor, jornalista e produtor musical Rossini Pinto (Ponte de Itabapoana, ES, 1937—Rio de Janeiro, RJ, 1985), que, vendo seu potencial, levou-o a assinar o primeiro contrato com a poderosa CBS. Logo de início, a gravadora incluiu a canção “Minhas Coisas” (Rossini Pinto), interpretada por Odair, no álbum *XXIV*, da aclaudada e consagrada série *As 14 Mais*, carro-chefe da CBS, figurando ao lado de nomes já então consagrados, como Roberto Carlos, Wanderléa, Jerry Adriani, Renato e seus Blue Caps, Trio Ternura, Reginaldo Rossi... Em termos de apresentação, não haveria melhor companhia. O resultado é que, com mais de cinco décadas de vida artística, lançou mais de 40 discos, entre álbuns originais e coletâneas, inclusive versões em espanhol.

Pelo sucesso alcançado junto ao público feminino de camadas ditas populares, bem como pelo teor popularesco de suas letras, a mídia o alcunhou de “O terror das empregadas”, com base na criação musical “Deixa essa vergonha de lado”, uma espécie de exaltação à atividade delas, cuja profissão, até o início da década de 1970, não era legalizada.



Ainda na ativa, Odair José já lançou mais de 40 discos, entre álbuns originais e coletâneas

Outras canções de sua autoria, com fortes apelações populares, foram gravadas, como “Uma vida só (Pare de tomar a pilula)”, de 1973. A música foi censurada pelo Governo Militar brasileiro, porque a letra era vista como contrária ao programa de distribuição de pílulas anticoncepcionais que o governo apoiava. O refrão da música era interpretado como uma crítica à política de controle populacional do governo. No mesmo naipe de suas criações ditas bregas, podem-se citar alguns sucessos: “You tirar você desse lugar” (interpretada em dueto com Caetano Veloso, no show *Phono 73*),

“Esta noite você vai ter que ser minha”, “Pense pelo menos em nossos filhos” (parceria com Diana, com quem foi casado), “O Moço Pobre” (de Waldick Soriano), “Cadeira de Rodas” (de Fernando Mendes), entre outras. Tematicamente, algumas de suas letras eram apelativas e tratavam de sexo, prostituição e drogas.

No ambiente da Jovem Guarda, marcou época a música “Cadê você” que, apesar da ingenuidade da letra e simplicidade da melodia, cativou grande parcela da juventude: “O tempo vai / O tempo vem / A vida passa / E eu sem ninguém / Cadê você / Que nunca mais

apareceu aqui? / E não voltou pra me fazer sorrir / E nem ligou / Cadê você?...”. A música mereceu várias gravações, dentre as quais se sobressai a de Leandro e Leonardo.

Mostrando-se musicalmente mais modernista, gravou “Cristo, quem é você?”, fazendo parte de uma “ópera popular” (Filho de José e Maria), com arranjos de Zé Rodrix (Rio de Janeiro, RJ, 1947—São Paulo, SP, 2009), com participação do grupo Som Imaginário. O trabalho, de que ele dizia nunca haver se arrependido, levou a Igreja Católica a colocá-lo no *index*, causando-lhe a excomunhão.

A sua música “Até parece que foi um sonho” foi incluída na trilha sonora da novela global *Cabocla* (1979), e “Bebo e choro”, do álbum *Só pode ser amor* (2006), fez parte da trilha sonora do filme *Trair e coçar é só começar* e da novela *Bicho do Mato*, da TV Record (ambos do mesmo ano do disco).

Recentemente, ele lançou um álbum chamado *Seres Humanos & A Inteligência Artificial*, em que utiliza inteligência artificial (IA) para gerar vozes e instrumentos. Neste ano de 2025, ele continua envolvido com aspectos de sua carreira, mantendo parcerias com vários artistas, inclusive com Arnaldo Antunes.

Em entrevista, concedida em 2014, Odair chegou a declarar textualmente: “[...] Meus álbuns, lançados pela EMI, eram uma merda por culpa minha. Eu só queria saber de beber e fumar maconha”.

Outro fato notório foi o casamento dele, no fim da década de 1960, com a cantora e compositora Diana, venerada também pela Jovem Guarda, mas cujo evento durou muito pouco tempo e terminou de maneira policalesca, chegando a ocupar páginas de jornais sensacionalistas. Do enlace, nasceu a filha Clarice Lório de Araújo e, de um segundo matrimônio com Jane Freitas, teve dois filhos: Odair José Júnior e Raphael. Mas isso será assunto para uma próxima coluna.

Foto: Márcio Fernandes de Oliveira/Estúdio Conteúdo

angelicalucio@gmail.com

TECNOLOGIA

Gestor de IA é uma ponte entre homem e máquina

Ao mesmo tempo técnico e estratégico, profissional tem papel abrangente

Henrique Sampaio
Agência Estado

Mais do que uma febre passageira, a inteligência artificial (IA) vem transformando estruturas corporativas no mundo inteiro. Com ela, uma nova figura desponta nas organizações: a do gestor de IA. Trata-se de um profissional ao mesmo tempo técnico e estratégico, cuja missão é organizar equipes formadas por humanos e máquinas — e sua importância começa a crescer à medida que agentes de IA são incorporados aos processos das companhias.

“Na prática, os gestores de IA fazem a ponte entre tecnologia e estratégia de negócio”, diz Gustavo Caetano, CEO da mineira Samba Tech, startup fundada em 2004, que começou como plataforma de gestão de vídeos e migrou para um modelo focado em IA. “São eles que precisam entender os objetivos da empresa e identificar como a IA pode ajudar a alcançá-los”.

O papel desse profissional é bastante abrangente. “Mais do que dominar programação, é preciso ter visão de negócio e saber traduzir problemas complexos em soluções tecnológicas viáveis”, diz Caetano. Ou seja: não basta entender de código, é preciso entender também de gente, mercado e estratégia.

De acordo com um levantamento global da Amazon Web Services, 60% das empresas já contam com executivos dedicados à IA, como um *chief AI officer*, ou diretor de inteligência artificial. A pesquisa, feita em nove países, incluindo o Brasil, também aponta que 92% das organizações pretendem contratar profissionais com

habilidades em IA generativa neste ano.

Esse crescimento acompanha outro dado do Fórum Econômico Mundial, divulgado em 2020: até o ano que vem, o mundo terá cerca de 97 milhões de novos trabalhadores com competências digitais avançadas, compensando os 84 milhões de postos perdidos para a automação.

No Brasil, a aceleração é visível. Um levantamento da Associação Brasileira das Empresas de Software (Abes) estima que a procura por profissionais de IA cresça 150% só neste ano. Para Paulo Lima, CEO da Skymail, que oferece soluções em nuvem, esse é um reflexo da maturação do mercado. “O mercado percebeu que a IA parou de ser tendência e virou diferencial competitivo. Porém, faltam profissionais com perfil híbrido que entendam do negócio, mas que também saibam conversar com engenheiros”.

Esse perfil exige uma combinação de competências técnicas e humanas. “Naturalmente, e acima de tudo, deve ser um grande curioso e antenado em inovação e tecnologia”, explica Lima. “Se o profissional não tiver o espírito de saber navegar por incertezas, indefinições e muita novidade, acabará sofrendo demais”. A curiosidade intelectual aparece como característica central também para Felipe Patané, diretor de IA da Oracle América Latina. Segundo ele, o bom gestor de IA precisa “ter humildade para aprender o novo, desapegar do que ficou obsoleto e adaptar a estratégia com velocidade”.

Do ponto de vista organizacional, o gestor de IA é alguém que atua transversalmente em diferentes

áreas da empresa. “É responsável por conectar tecnologia e negócio de forma estratégica”, resume Patané. “Isso inclui desde a definição de casos de uso e priorização de projetos até a governança de dados, ética no uso da IA e gestão de times multidisciplinares”.

Rotina

Na prática, esses gestores também são responsáveis por integrar os chamados agentes de IA às rotinas corporativas; são *softwares* autônomos ou semiautônomos, que executam tarefas específicas com base em dados, regras ou aprendizado de máquina. Eles podem responder a perguntas, realizar análises, tomar decisões e até operar sistemas de forma integrada.

Os agentes de IA são vistos pelas gigantes da tecnologia como a grande aposta. Microsoft, OpenAI, Google e Anthropic são alguns dos nomes que anunciaram recursos do tipo nos últimos meses — quem também roubou a cena com a promessa desses agentes foi a startup chinesa Manus AI. A promessa é que esses sistemas

realizem tarefas complexas a partir de comandos em linguagem natural, o que caracterizaria uma nova fase na era da IA generativa.

Por aqui, um exemplo de agente é o SambAI, criado pela Samba Tech. Segundo Gustavo Caetano, trata-se de um sistema que vai muito além de um *chatbot* genérico: ele se conecta a documentos internos, políticas da empresa, sistemas de RH e plataformas de inteligência, atuando como um copiloto estratégico.

Em uma *edtech* com milhares de alunos, por exemplo, o SambAI foi integrado ao sistema acadêmico e passou a responder automaticamente a perguntas complexas, com base em regras institucionais e dados atualizados. O impacto foi direto: houve uma redução de mais de 40% nos chamados humanos, além de ganho em agilidade e personalização no atendimento, segundo a startup. “Arrisco dizer que os nossos agentes de IA são parceiros dos nossos funcionários em troca de ideias, validação de hipóteses e apoio no aprimoramento de conceitos”, afirma Lima.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Terra de Abraão (1) = Ur + povo (2) = gente. **Solução:** apressado (3) = urgente (Obs.: agradecimentos ao dr. José Mário Espínola).

Charada de hoje: Por duas vezes (1), o talco (1) foi entregue em sua casa (1), em ambiente diametralmente oposto (3).



Ilustração: Bruno Chiossi



Eita!!!!

Por que o ser humano não domesticou mais animais?

Há cerca de quatro mil anos, a humanidade domesticou o cavalo, ainda que a zebra fosse o animal mais predominante na África, região onde “nasceu a vida” na Terra. Na realidade, há fatores que explicam por que motivo determinadas espécies foram domesticadas, enquanto outras, como o rinoceronte ou o tigre, foram simplesmente ignoradas pelos nossos ancestrais, segundo o *Live Science*.

Herbívoros

Em primeiro lugar, os animais não domesticáveis não podem ser demasiado caprichosos com a alimentação e devem ser capazes de sobreviver, mesmo com escassas fontes de nutrientes, tal como ervas e outros alimentos habitualmente dados aos animais. É por essa razão que a maioria dos carnívoros não foram vistos com bons olhos: os humanos preferiram animais herbívoros, como as vacas e as ovelhas, que conseguem pastar e alimentar-se dos excedentes de cereais.

Velocidade do tempo

Os animais devem atingir a maturidade rapidamente, em comparação com a vida humana. Não podemos desperdiçar muito tempo alimentando e cuidando de um animal antes que cresça o suficiente para ser útil como força de trabalho ou até mesmo abatido. A incapacidade de cumprir esse requisito impediu os elefantes de ser domesticados; ainda assim, foram usados em combate como montarias, mas nunca foram criados sistematicamente em cativeiro para tal fim.

Capacidade de reprodução em cativeiro

Animais que adotam comportamentos territoriais durante o acasalamento, como os antílopes, não podem ser mantidos em recintos fechados. Os antigos egípcios tentaram fazer das chitas animais de estimação, mas esses felinos não se reproduzem sem rituais de acasalamento elaborados, que implicam correr longas distâncias em conjunto.

Calmos

Os animais domesticáveis devem ser dóceis por natureza. Por exemplo, a zebra, embora esteja intimamente relacionada com o cavalo, é geralmente muito mais agressiva, o que pode explicar por que só foi domada em casos muito raros.

Fugir quando assustados

Um dos critérios que determinam se uma espécie é domesticável é a sua propensão para entrar em pânico. As ovelhas, embora também sejam nervosas, têm um instinto de rebanho que as leva a se manter juntas quando se sentem ameaçadas.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - folha da árvore; 2 - fumacê; 3 - tangar; 4 - prato; 5 - planta no chão; 6 - corda (têxteis) do cavalo; 7 - pena; 8 - flechas; 9 - cauda do cavalo.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

